QUADRO CXVIII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	43	6,8
Brasil	588	92,7
Sem declaração	3	0,5

A porcentagem relativa ao Exterior é pouco significativa.

QUADRO CXIX

b. Exterior	n.a.	%
Japão	13	30,4
Portugal	10	23,2
Espanha	6	13,9
Itália	4	9,3
Outros	10	23,2
Totais	43	100,0

A presença japonesa recente é confirmada.

QUADRO CXX

c. Brasil	n.a.	%
Norte	2	0,3
Meio-Norte	2	0,3
Nordeste	31	5,3
Centro-Oeste	2	0,3
Sudeste	544	92,6
Sul	7	1,2
Totais	588	100,0

O Sudeste apresenta o maior número de casos repetindo resultado anterior.

QUADRO CXXI

d. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	152	27,9
Vale do Paraíba Paul.	183	33,6
Grande São Paulo	56	10,3
Sul de Minas	41	7,5
Guanabara	15	2,7
B. Santista e Lit. Sul	10	1,8
Outros	87	16,2
Totais	544	100,0

O Litoral Norte e o Vale do Paraíba Paulista dividem a maior influência como lugar de nascimento.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXXII

e. Litoral Norte	n.a.	%
Caraguatatuba	120	78,9
Ubatuba	15	9,9
São Sebastião	12	7,9
Ilhabela	5	3,3

Manteve-se a ordem de relacionamento com Caraguatatuba no Litoral Norte.

UBATUBA

1. Lugar de Nascimento dos Avós (n = 1.840)

QUADRO CXXIII

a. Totais	n.a	%
Exterior	306	16,6
Brasil	1.183	64,2
Sem declaração	351	19,2
Totais	1.840	100,0

A porcentagem de estrangeiros não é pequena. Embora Ubatuba seja a mais tradicional das sedes municipais do Litoral Norte o número dos entrevistados que não sabe o lugar de nascimento dos avós é grande. Os nascidos no Brasil perfazem 64,2%.

QUADRO CXXIV

b. Exterior	n.a.	%
Itália	86	28,1
Portugal	81	26,4
Espanha	28	9,2
Japão	28	9,2
Outros	83	27,1
Totais	306	100,0

Mantem-se a cronologia do movimento migratório já referida anteriormente, predominando italianos e portugueses.

QUADRO CXXV

c. Brasil	n.a.	%
Nordeste	63	5,3
Centro-Oeste	2	0,2
Sudeste	1.118	94,5
Totais	1.183	100,0

O Norte, o Meio-Norte e o Sul não aparecem. A origem como lugar de nascimento no Nordeste é pequena. É movimento migratório intra-regional tomando como referência o lugar de nascimento dos avós.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXXVI

d. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	646	57,8
Vale do Paraíba Paul.	228	20,4
Sul de Minas	63	5,6
B. Santista e Lit. Sul	26	2,3
Guanabara	13	1,1
Grande São Paulo	4	0,3
Outros	138	12,5
Totais	1.118	100,0

Os nascidos no Litoral Norte são a maioria com 57,8%. A presença do Vale do Paraíba Paulista é importante. Reaparece como no caso de Caraguatatuba a Guanabara.

QUADRO CXXVII

e. Litoral Norte	n.a.	%
Ubatuba	618	95,7
Caraguatatuba	11	1,7
São Sebastião	11	1,7
Ilhabela	6	0,9
Totais	646	100,0

A situção é um pouco semelhante à de Ilhabela, com 95,7% dos casos abrangidos por Ubatuba. A contribuição de Ubatuba para Caraguatatuba, já vista anteriormente, é maior do que o inverso, que fica apenas perfazendo 1,7%. Há, assim, pequena polarização por parte de Caraguatatuba.

2 Lugar de Nascimento dos Pais (n=920)

QUADRO CXXVIII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	89	9,7
Brasil	795	86,4
Sem declaração	36	3,9
Totais	920	100,0

Os nascidos no Brasil perfazem 86,4% do total.

QUADRO CXXIX

b. Comparação de Avós e Pais	%	%
Totais	16,6	9,7
Exterior	64,2	86,4
Brasil		

O número de estrangeiros diminui.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXXX

c. Exterior	n.a.	%
Itália	26	29,2
Portugal	20	22,3
Japão	13	14,6
Espanha	6	6,7
Outros	24	27,2
Totais	89	100,0

Mantem-se a cronologia da imigração mas o Japão aparece antes da Espanha.

QUADRO CXXXI

d. Comparação de Avós e Pais

Exterior	%	%
Itália	28,1	29,2
Portugal	26,4	22,3
Espanha	9,2	6,7
Japão	9,2	14,6

O porcentual da Itália cresce. O de Portugal decresce, assim como o da Espanha. O do Japão aumenta.

QUADRO CXXXII

e. Brasil	n.a.	%
Nordeste	34	4,3
Centro-Oeste	2	0,2
Sudeste	751	94,5
Sul	8	1,0
Totais	795	100,0

O porcentual do Sudeste é quase absoluto.

QUADRO CXXXIII

f. Comparação de Avós e Pais

Brasil	%	%
Nordeste	5,3	4,3
Centro-Oeste	0,2	0,2
Sudeste	94,5	94,5
Sul	—	1,0

O Nordeste decresce. Centro-Oeste e Sudeste mantem a mesma freqüência. O Sul aparece.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXXXIV

g. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	425	56,6
Vale do Paraíba Paul.	170	22,6
Sul de Minas	38	5,0
Grande São Paulo	14	1,9
B. Santista e Lit. Sul	10	1,3
Guanabara	5	0,7
Outros	89	11,9
Totais	751	100,0

A maior porcentagem pertence ao Litoral Norte. A presença do Vale do Paraíba Paulista é importante.

QUADRO CXXXV

h. Comparação de Avós e Pais		
Sudeste	%	%
Litoral Norte	57,8	56,6
Vale do Paraíba Paul.	20,4	22,6
Sul de Minas	5,6	5,0
B. Santista e Lit. Sul	2,3	1,3
Guanabara	1,1	0,7
Grande São Paulo	0,3	1,9

O que há de mais significativo é o aumento do Vale do Paraíba Paulista e o da Grande São Paulo com decréscimo das demais.

QUADRO CXXXVI

i. Litoral Norte	n.a.	%
Ubatuba	409	96,3
Caraguatatuba	7	1,6
Ilhabela	5	1,2
São Sebastião	4	0,9

Ubatuba abrange quase todos os casos. Ilhabela tem uma participação maior do que no caso dos avós.

QUADRO CXXXVII

j. Comparação de Avós e Pais		
Litoral Norte	%	%
Ubatuba	96,7	96,3
Caraguatatuba	1,7	1,6
São Sebastião	1,7	0,9
Ilhabela	0,9	1,2

Há perda de Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião e influência de Ilhabela. Deve ser uma ocorrência à margem das razões anteriores.

Digitalizado com CamScanner

3. Lugar de Nascimento da População Amostral (n = 2.357)

QUADRO CXXXVIII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	35	1,3
Brasil	2.323	98,6
Sem declaração	2	0,1

A porcentagem dos nascidos no Exterior é mínima. A memória em relação aos antepassados é grande.

QUADRO CXXXIX

b. Comparação de Avós, Pais e Total Amostral

Totais	%	%	%
Exterior	16,6	9,7	1,3
Brasil	64,2	86,4	98,6

A porcentagem dos nascidos no Exterior decresce bastante e quase se anula.

QUADRO CXL

c. Exterior	n.a.	%
Itália	13	40,6
Japão	4	12,5
Portugal	3	9,4
Outros	12	37,5
Totais	32	100,0

A porcentagem de italianos é grande, aparecendo os japoneses em segundo lugar.

QUADRO CXLI

d. Comparação de Avós, Pais e Total Amostral

Exterior	%	%	%
Itália	26,1	29,2	40,6
Portugal	26,4	22,3	9,4
Espanha	9,2	6,7	—
Japão	9,2	14,6	12,5

A porcentagem de italianos e portugueses decresce e a da Espanha desaparece. A porcentagem de japoneses depois de aumntar mantm-se quase no mesmo índice.

QUADRO CXLII

e. Brasil	n.a.	%
Nordeste	25	1,1
Centro-Oeste	2	0,1
Sudeste	2.276	97,9
Sul	20	0,9

A porcentagem dos nascidos no Sudeste é quase o total.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXLIII

f. Comparação de Avós, Pais e Total Amostral

Brasil	%	%	%
Nordeste	5,3	4,3	1,1
Centro-Oeste	0,2	0,2	0,1
Sudeste	94,5	94,5	97,9
Sul	—	1,0	0,9

Aumenta muito a porcentagem do Sudeste. A porcentagem do Sul apresenta-se estável e as demais decrescem.

QUADRO CXLIV

g. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	1.475	64,8
Vale do Paraíba Paul.	392	17,2
Grande São Paulo	151	6,6
B. Santista e Lit. Sul	55	2,4
Sul de Minas	39	1,7
Guanabara	10	0,4
Outros	154	6,9

A porcentagem do Litoral Norte, 64,8%, é mais da metade do total. A presença do Vale do Paraíba Paulista é importante. A influência da Grande São Paulo alcança Ubatuba.

QUADRO CXLV

h. Comparação de Avós, Pais e Total Amostral

Sudeste	%	%	%
Litoral Norte	57,8	56,6	64,8
Vale do Paraíba P.	20,4	22,6	17,2
Sul de Minas	5,6	5,0	1,7
B. Santista e Lit. Sul	2,3	1,3	2,4
Guanabara	1,1	0,7	0,4
Grande São Paulo	0,3	1,9	0,6

Representando processos mais recentes o Litoral Norte aparece com crescimento. O Vale do Paraíba Paulista apresenta decréscimo enquanto que, no outro extremo, a Grande São Paulo apresenta aumento. Guanabara diminui a influência.

QUADRO CXLVI

i. Litoral Norte	n.a.	%
Ubatuba	1.403	95,1
Caraguatatuba	60	4,1
Ilhabela	7	0,5
São Sebastião	5	0,3

A influência de Caraguatatuba é pouco maior do que em relação às gerações anteriores.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXLVII

j. Comparação de Avós, Pais e Total Amostral

	%	%	%
Litoral Norte	96,7	96,3	95,1
Ubatuba	1,7	1,6	4,1
Caraguatatuba	1,7	0,9	0,3
São Sebastião	0,9	1,2	0,5
Ilhabela			

Como já foi visto anteriormente Caraguatatuba influencia Ubatuba mas polariza mais.

4. Lugar de Nascimento do Chefe da Família (n = 460)

QUADRO CXLVIII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	18	3,9
Brasil	442	96,1

96,1% nasceram no Brasil. Não há ausência de declaração.

QUADRO CXLIX

b. Exterio	n.a.	%
Portugal	3	16,7
Itália	2	11,1
Espanha	2	11,1
Outros	11	61,1
Totais	18	100,0

A categoria *Outros* abrange casos diversificados com reduzida freqüência.

QUADRO CL

c. Brasil	n.a.	%
Nordeste	13	3,2
Centro-Oeste	1	0,2
Sudeste	422	95,3

Como anteriormente a procedência de fora do Sudeste é pequena.

QUADRO CLI

d. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	241	57,1
Vale do Paraíba Paul.	81	19,2
Grande São Paulo	20	4,7
Sul de Minas	11	2,6
B. Santista e Lit. Sul	8	1,9
Guanabara	6	1,4
Outros	55	13,1

Um pouco menos da metade dos casos não procede do Litoral Norte tomando como referência o lugar de nascimento dos chefes de família. A contribuição do Vale do Paraíba Paulista é grande.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CLII

e. Litoral Norte	n.a.	%
Ubatuba	231	95,9
Caraguatatuba	7	2,9
São Sebastião	2	0,8
Ilhabela	1	0,4

O lugar de nascimento em Ubatuba abrange 95,9% do total, sendo a contribuição das outras sedes municipais mínima.

LITORAL NORTE

QUADRO CLIII (30)

Lugar de Nascimento de Avós, Pais, Total Amostral e Chefes

1. Totais	Avós (n=6876)	Pais (3438)	T.A. n=8971)	C (n=1719)
Exterior	15,95%	10,42%	1,35%	4,45%
Brasil	62,20	81,88	98,52	95,08
Sem declar.	21,85	7,70	0,13	0,47

O número de estrangeiros diminui como lugar de nascimento. O número de brasileiros aumenta.

2. Exterior	Avós	Pais	T. Amostral	Ch. Família
Itália	28,87	23,28	16,87	9,05
Portugal	29,23	30,00	35,03	38,93
Espanha	11,70	11,50	10,75	11,50
Japão	7,75	13,05	16,80	12,85
Outros	22,45	22,17	20,55	27,67

Aumenta Portugal e diminui bastante a Itália. A Espanha mantem-se constante. O Japão aumenta bastante.

3. Brasil	Avós	Pais	T. Amostral	Ch. Família
Norte	0,10	0,00	0,05	0,07
Meio-Norte	0,28	0,13	0,18	0,30
Nordeste	7,05	5,35	2,37	4,88
Centro-Oeste	0,40	0,32	0,18	0,30
Sudeste	90,92	93,05	96,27	93,18
Sul	1,25	1,15	0,95	1,27

Há sempre um aumento do Sudeste.

4. Sudeste	Avós	Pais	T. Amostral	Ch. Família
Lit. Norte	55,30	52,32	65,33	53,13
V. Paraíba Paul.	18,20	18,58	12,17	17,37
G. São Paulo	2,45	3,48	6,23	7,40
S. de Minas	7,35	6,32	4,07	6,32
B. S. e Lit. Sul	1,87	3,10	3,85	2,83
Guanabara	0,70	0,65	0,53	1,02
Outros	14,13	15,55	7,82	11,93

(30) Houve arredondamento de uma casa decimal.

Digitalizado com CamScanner

Nas migrações intra-regionais destacam-se os papéis do Vale do Paraíba Paulista e da Grande São Paulo.

5. Lit. Norte	Avós	Pais	T. Amostral	Cr. Família
S. Sebastião	14,88	15,40	18,85	16,20
Ilhabela	38,07	34,52	27,40	35,20
Caraguatatuba	17,70	18,98	28,58	21,63
Ubatuba	29,35	31,10	25,17	26,97

Grande parte da população atual do Litoral Norte não é nascida nessa micro-região. É importante verificar sua procedência.

II — Lugar de Procedência da População até 3 moradias anteriores

SÃO SEBASTIÃO

1. Terceira Moradia (n = 59)

QUADRO CLIV

a. Totais	n.a.	%
Exterior	1	1,7
Brasil	58	98,3
Totais	59	100,0

Predomina a procedência brasileira.

QUADRO CLV

b. Brasil	n.a.	%
Norte	—	—
Meio-Norte	—	—
Nordeste	8	13,8
Centro-Oeste	2	3,4
Sudeste	44	75,9
Sul	4	6,9
Totais	58	100,0

Predominam Nordeste e Sudeste com um total de 89,7%.

QUADRO CLVI

c. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	6	13,7
Vale do Paraíba Paul.	8	18,2
B. Santista e Lit. Sul	5	11,4
Sul de Minas	3	6,8
Grande São Paulo	2	4,5
Outros	20	45,4
Totais	44	100,0

São importante áreas de migração o próprio Litoral Norte o Vale do Paraíba Paulista e a Baixada Santista e Litoral Sul.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CLVII

d. Litoral Norte

	n.a.	%
Ilhabela	3	50,0
São Sebastião	1	16,7
Cragautatuba	—	—
Ubatuba	2	33,3
Totais	6	100,0

Caraguatatuba não aparece como área de migração. A participação de Ilhabela é importante.

2. Segunda Moradia (n=195)

QUADRO CLVIII

a. Totais

	n.a.	%
Exterior	6	3,1
Brasil	189	96,9
Totais	195	100,0

Predomina a procedência brasileira.

QUADRO CLIX

b. Comparação Terceira — Segunda Moradias

	%	%
Totais	1,7	3,1
Exterior	98,3	96,9
Brasil		

Aumenta a procedência estrangeira em segunda moradia.

QUADRO CLX

c. Brasil

	n.a.	%
Norte	—	—
Meio-Norte	2	1,1
Nordeste	9	4,8
Centro-Oeste	2	1,1
Sudeste	165	87,7
Sul	10	5,3
Totais	189	100,0

Aparece o Sul com maior importância do que o Nordeste. Há migração para o Sudeste.

QUADRO CLXI

d. Comparação Terceira — Segunda Moradias

	%	%
Brasil	—	—
Norte	—	1,1
Meio-Norte	13,8	4,8
Nordeste	3,4	1,1
Centro-Oeste	75,9	87,7
Sudeste	6,9	5,3
Sul		

Digitalizado com CamScanner

Diminuem Nordeste, Centro-Oeste e Sul em conseqüência de migração para o Sudeste.

QUADRO CLXII

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	47	28,5
Vale do Paraíba Paul.	35	21,2
Sul de Minas	17	10,3
Grande São Paulo	24	14,5
B. Santista e Lit. Sul	14	8,5
Outros	28	17,0
Totais	165	100,0

Predomina o Litoral Norte mas as outras áreas tem contribuição importante.

QUADRO CLXIII

f. Comparação Terceira — Segunda Moradias		
Sudeste	%	%
Litoral Norte	13,7	28,5
Vale do Paraíba Paul.	18,2	21,2
Sul de Minas	6,8	10,3
Grande São Paulo	4,5	14,5
B. Santista e Lit. Sul	11,4	8,5

Aumenta a participação micro-regional com exceção da Baixada Santista e Litoral Sul.

QUADRO CLXIV

g. Litoral Norte	n.a.	%
Ilhabela	19	40,0
São Sebastião	22	46,8
Caraguatatuba	4	8,5
Ubatuba	2	4,3
Totais	47	100,0

São Sebastião e Ilhabela perfazem 87,2% dos casos de migrantes em segunda moradia.

QUADRO CLXV

h. Comparação Terceira — Segunda Moradias		
Litoral Norte	%	%
São Sebastião	16,7	46,8
Ilhabela	50,0	40,4
Caraguatatuba	—	8,5
Ubatuba	33,3	4,3

Ilhabela diminui como área de migração assim como Ubatuba. São Sebastião comanda o processo. Caraguatatuba aparece pela primeira vez.

Digitalizado com CamScanner

3. Primeira Moradia (n = 459)

QUADRO CLXVI

a. Totais	n.a.	%
Exterior	1	0,2
Brasil	458	99,8
Totais	459	100,0

A porcentagem de estrangeiros é mínima.

QUADRO CLXVII

b. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias			
Totais	%	%	%
Exterior	1,7	3,1	0,2
Brasil	98,3	96,9	99,8

Predomina a procedência brasileira.

QUADRO CLXVIII

c. Brasil	n.a.	%
Norte	—	—
Meio-Norte	1	0,2
Nordeste	8	1,7
Centro-Oeste	1	0,2
Sudeste	440	96,2
Sul	8	1,7
Totais	458	100,0

Diminui mais a migração para o Sudeste. A migração direta fora do Sudeste é pequena.

QUADRO CLXIX

d. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias			
Brasil	%	%	%
Norte	—	—	—
Meio-Norte	—	1,1	0,2
Nordeste	13,8	4,8	1,7
Centro-Oeste	3,4	1,1	0,2
Sudeste	75,9	87,7	96,2
Sul	6,9	5,3	1,7

Sudeste passa a ser o polo redistribuidor de população.

QUADRO CLXX

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	119	27,0
B. Santista e Lit. Sul	94	21,4
Grande São Paulo	85	19,3
Vale do Paraíba Paul.	57	12,9
Sul de Minas	35	7,9
Guanabara	11	2,6
Outros	39	8,9
Totais	440	100,0

Digitalizado com CamScanner

Grande São Paulo e Baixada Santista e Litoral Sul representam mais de 40% do total.

QUADRO CLXXI

f. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias

	%	%	%
Sudeste	13,7	28,5	27,0
Litoral Norte	18,2	21,2	12,9
Vale do Paraíba P.	6,8	10,3	7,9
Sul de Minas	4,5	14,5	19,3
Grande São Paulo	11,4	8,5	21,4
B. Santista e L. Sul	—	—	2,6
Guanabara			

No caso do Litoral Norte surgem casos de retorno nas décadas de 50 a 60. O Vale do Paraíba Paulista diminui sua participação juntamente com Sul de Minas. Grande São Paulo passa a influir mais ao lado da Baixada Santista e Litoral Sul.

QUADRO CLXXII

g. Litoral Norte

	n.a.	%
Ilhabela	76	63,9
São Sebastião	—	—
Caraguatatuba	42	35,3
Ubatuba	1	0,8
Totais	119	100,0

Ilhabela apresenta o maior porcentual.

QUADRO CLXXIII

h. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradia

Litoral Norte	%	%	%
Ilhabela	50,0	40,4	63,9
São Sebastião	16,7	46,8	—
Caraguatatuba	—	8,5	35,3
Ubatuba	33,3	4,3	0,8

Aumentam Ilhabela e Caraguatatuba. Diminui Ubatuba. São Sebastião não aparece porque é o próprio destino em primeira moradia.

ILHABELA

1. Terceira Moradia n = 1)

QUADRO CLXXIV

a. Totais

	n.a.	%
Exterior	—	—
Brasil	1	100,0

Digitalizado com CamScanner

A procedência em terceira moradia é totalmente brasileira.

QUADRO CLXXV

b. Brasil	n.a.	%
Sudeste	1	100,0

Predomina a procedência do Sudeste.

QUADRO CLXXVI

c. Sudeste	n.a.	%
Sul de Minas	1	100,0

Aparece apenas o Sul de Minas.

2. Segunda Moradia (n = 4)

QUADRO CLXXVII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	—	—
Brasil	4	100,0

Predomina a procedência brasileira.

QUADRO CLXXVIII

b. Comparação Terceira — Segunda Moradias		
Totais	%	%
Brasil	100,0	100,0

QUADRO CLXXIX

c. Brasil	n.a.	%
Nordeste	1	25,0
Sudeste	3	75,0

QUADRO CLXXX

d. Comparação Terceira — Segunda Moradias		
Brasil	%	%
Nordeste	—	25,0
Sudeste	100,0	75,0

QUADRO CLXXXI

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	1	25,0
Vale do Paraíba Paul.	1	25,0
Outros	2	50,0

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CLXXXII

f. Comparação Terceira — Segunda Moradias

	%	%
Sudeste	—	25,0
Litoral Norte	—	25,0
Vale do Paraíba Paul.		

QUADRO CLXXXIII

g.	n.a.	%
Litoral Norte		
São Sebastião	1	100,0

QUADRO CLXXXIV

h. Comparação Terceira — Segunda Moradias

	%	%
Litoral Norte		
São Sebastião	—	100,0

3. Primeira Moradia n = 21)

QUADRO CLXXXV

a.	n.a.	%
Totais		
Exterior	1	4,8
Brasil	20	95,2

Predomina a procedência brasileira.

QUADRO CLXXXVI

b. Comparação Terceira — Segunda — Primeria Moradias

	%	%	%
Totais			
Exterior	—	—	4,8
Brasil	100,0	100,0	95,2

A procedência estrangeira em migração para Ilhabela é recente.

QUADRO CLXXXVII

c.	n.a.	%
Brasil		
Sudeste	20	100,0

A procedência é toda do Sudeste.

QUADRO CLXXXVIII

c. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias

	%	%	%
Brasil			
Nordeste	—	25,0	—
Sudeste	100,0	75,0	100,0

Digitalizado com CamScanner

A maior contribuição é do Sudeste.

QUADRO CLXXXIX

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	3	15,0
Grande São Paulo	8	40,0
B. Santista e Lit. Sul	7	35,0
Vale do Paraíba Paul.	1	5,0
Outros	1	5,0
Totais	20	100,0

A contribuição da Grande São Paulo é grande. Também a da Baixada Santista e Litoral Sul. Juntas abrangem 75,0% do total.

QUADRO CXC

f. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias	%	%	%
Sudeste			
Litoral Norte	—	25,0	15,0
Vale do Paraíba P.	—	25,0	5,0
Grande São Paulo	—	—	40,0
B. Santista e Lit. Sul	—	—	35,0

Os moradores novos de Ilhabela não apresentam muitos lugares de residência antes de se fixarem nesse município no que diz respeito à amostra colhida na sede municipal.

QUADRO CXCI

g. Litoral Norte	n.a.	%
Caraguatatuba	2	66,6
Ubatuba	1	33,4
Totais	3	100,0

Caraguatatuba apresenta a maior contribuição.

QUADRO CXCII

h. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias	%	%	%
Litoral Norte	—	—	—
Ilhabela	—	100,0	—
São Sebastião	—	—	66,6
Caraguatatuba	—	—	33,4
Ubatuba	—		

A migração do próprio Litoral Norte para Ilhabela é grande.

CARAGUATATUBA

1. Terceira Moradia (= 112)

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXCIII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	3	2,7
Brasil	109	97,3
Totais	112	100,0

Predomina a procedência brasileira.

QUADRO CXCIV

b. Brasil	n.a	%
Nordeste	7	6,4
Centro-Oeste	1	0,9
Sudeste	94	86,3
Sul	7	6,4
Totais	109	100,0

Predomina a procedência do Sudeste.

QUADRO CXCV

c. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	5	5,3
Vale do Paraíba Paul.	16	17,0
Grande São Paulo	16	17,0
Guanabara	7	7,4
Sul de Minas	4	4,2
B. Santista e Litoral Sul	3	3,2
Outros	43	45,9
Totais	94	100,0

Vale do Paraíba Paulista e Grande São Paulo respondem por 34% da procedência. A categoria *Outros* não define procedência nítida micro-regional. São casos esparsos.

QUADRO CXCVI

d. Litoral Norte	n.a.	%
Caraguatatuba	3	60,0
Ubatuba	2	40,0
Totais	5	100,0

2. Segunda Moradia (n=241)

QUADRO CXCVII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	5	2,1
Brasil	236	97,9
Totais	241	100,0

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CXCVIII

b. Comparação Terceira — Segunda Moradias

Totais	%	%
Exterior	2,7	2,1
Brasil	97,3	97,9

Tende a diminuir a procedência do Exterior.

QUADRO CXCIX

c. Brasil	n.a	%
Nordeste	3	1,3
Centro-Oeste	3	1,3
Sudeste	220	93,2
Sul	10	4,2
Totais	236	100,0

QUADRO CC

d. Comparação Terceira — Segunda Moradias

Brasil	%	%
Nordeste	6,4	1,3
Centro-Oeste	0,9	1,3
Sudeste	86,3	93,2
Sul	6,4	4,2

Aumenta a migração para o Sudeste.

QUADRO CCI

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	23	10,4
Vale do Paraíba Paul.	58	26,4
Grande São Paulo	28	12,8
Sul de Minas	24	10,9
Guanabara	13	5,9
B. Santista e Lit. Sul	11	5,0
Outros	63	28,6
Totais	220	100,0

QUADRO CCII

f. Comparação Terceira — Segunda Moradias

Sudeste	%	%
Litoral Norte	5,3	10,4
Vale do Paraíba Paul.	17,0	26,4
Grande São Paulo	17,0	12,8
Sul de Minas	4,2	10,9
Guanabara	7,4	5,9
B. Santista e Lit. Sul	3,2	5,0

Digitalizado com CamScanner

Decresce a procedência da Baixada Santista e Litoral Sul. Também da Guanabara e Grande São Paulo. As demais aumentam, principalmente o Vale do Paraíba Paulista.

QUADRO CCIII

g. Litoral Norte

	n.a.	%
Caraguatatuba	14	60,9
São Sebastião	4	17,4
Ubatuba	4	17,4
Ilhabela	1	4,3
Totais	23	100,0

QUADRO CCIV

h. Comparação Terceira — Segunda Moradias

Litoral Norte	%	%
Caraguatatuba	60,0	60,9
Ubatuba	40,0	17,4
São Sebastião	—	17,4
Ilhabela	—	4,3

Aparecem Ilhabela e São Sebastião em segunda moradia. Caraguatatuba mantem-se e Ubatuba decresce como procedência.

3. Primeira Moradia (n=421)

QUADRO CCV

a. Totais

	n.a.	%
Exterior	3	0,7
Brasil	418	99,3
Totais	421	100,0

QUADRO CCVI

b. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias

Totais	%	%	%
Exterior	2,7	2,1	0,7
Brasil	97,3	97,9	99,3

A procedência do Exterior decresce e tende a desaparecer em primeira moradia.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCVII

c. Brasil	n.a.	%
Norte	1	0,2
Nordeste	2	0,5
Centro-Oeste	2	0,5
Sudeste	408	97,4
Sul	6	1,4
Totais	418	100,0

QUADRO CCVIII

d. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias			
Brasil	%	%	%
Norte	—	—	0,2
Nordeste	6,4	1,3	0,5
Centro-Oeste	0,9	1,3	0,5
Sudeste	86,3	93,2	97,4
Sul	6,4	4,2	1,4

Aumenta a migração para o Sudeste mas há procedências diretas em primeira moradia antes da fixação em Caraguatatuba.

QUADRO CCIX

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	23	5,6
Vale do Paraíba Paul.	134	32,8
Grande São Paulo	118	28,9
B. Santista e Lit. Sul	23	5,6
Sul de Minas	13	3,2
Guanabara	11	2,7
Outros	86	21,2
Totais	408	100,0

QUADRO CCX

f. Comparação Terceira — Segunda — Primeira Moradias			
Sudeste	%	%	%
Litoral Norte	5,3	10,4	5,6
Vale do Paraíba P.	17,0	26,4	32,8
Grande São Paulo	17,0	12,8	28,9
B. Santista e L. Sul	3,2	5,0	5,6
Sul de Minas	4,2	10,9	3,2
Guanabara	7,4	5,9	2,7

Enquanto aumentam as migrações intra-regionais o Vale do Paraíba Paulista aumenta sua participação em procedência em primeira moradia. Litoral Norte, Sul de Minas e Guanabara decrescem. Grande São Paulo cresce assim como Baixada Santista e Litoral Sul.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXI

g. Litoral Norte	n.a	%
Ilhabela	1	4,3
São Sebastião	7	30,4
Caraguatatuba	—	—
Ubatuba	15	65,3
Totais	23	100,0

QUADRO CCXII

h. Comparação	Terceira — Segunda	%	Primeira Moradias	%
Litoral Norte	%		4,3	4,3
Ilhabela	—		17,4	30,4
São Sebastião	—		60,9	—
Caraguatatuba	60,0		17,4	65,3
Ubatuba	40,0			

Ilhabela mantem-se como área de procedência. São Sebastião e Ubatuba crescem, principalmente esta última. Caraguatatuba não aparece porque é o lugar de destino.

UBATUBA

1. Terceira Moradia (n=41)

QUADRO CCXIII

a. Totais	n.a.	%
Brasil	41	100,0

QUADRO CCXIV

c. Brasil	n.a.	%
Sudeste	40	97,6
Sul	1	2,4
Totais	41	100,0

QUADRO CCXV

c. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	3	7,5
Vale do Paraíba Paulista	12	30,0
Grande São Paulo	10	25,0
Sul de Minas	4	10,0
B. Santista e Lit. Sul	2	5,0
Outros	9	22,5
Totais	40	100,0

O Vale do Paraíba Paulista e a Grande São Paulo respondem por 55% da procedência em terceira moradia antes de fixar-se o entrevistado em Ubatuba. A Guanabara não aparece.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXVI

d. Litoral Norte	n.a.	%
São Sebastião	1	33,3
Caraguatatuba	2	66,7
Totais	3	100,0

A procedência do próprio Litoral Norte é pequena.

QUADRO CCXVII

a. Totais	n.a.	%
Exterior	2	1,7
Brasil	117	98,3
Totais	119	100,0

QUADRO CCXVIII

b. Comparação Terceira-Segunda Moradias

Totais	%	%
Exterior	—	1,7
Brasil	100,0	98,3

Aparece a procedência do Exterior embora reduzida.

QUADRO CCXIX

c. Brasil	n.a.	%
Nordeste	1	0,8
Centro-Oeste	2	1,7
Sudeste	111	94,9
Sul	3	2,6
Totais	117	100,0

QUADRO CCXX

d. Comparação Terceira-Segunda Moradias

Brasil	%	%
Nordeste	—	0,8
Centro-Oeste	—	1,7
Sudeste	97,6	94,9
Sul	2,4	2,6

Diferencia-se a migração para o Sudeste.

QUADRO CCXXI

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	18	16,2
Vale do Paraíba Paulista	38	34,2
Grande São Paulo	25	22,6
B. Santista e Lit. Sul	8	7,2
Guanabara	8	7,2
Sul de Minas	6	5,4
Outros	8	7,2
Totais	111	100,0

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXXII

f. Comparação Terceira-Segunda Moradias

Sudeste	%	%
Litoral Norte	7,5	16,2
Vale do Paraíba Paulista	30,0	34,2
Grande São Paulo	25,0	22,6
B. Santista e L. Sul	5,0	7,2
Guanabara	—	7,2
Sul de Minas	10,0	5,4

Aumenta a procedência do Litoral Norte e do Vale do Paraíba Paulista. Diminuem Sul de Minas e Grande São Paulo. Baixada Santista e Litoral Sul aumentam. Aparece a Guanabara.

QUADRO CCXXIII

g. Litoral Norte	n.a.	%
Ubatuba	15	83,4
Caraguatatuba	2	11,1
São Sebastião	1	5,5

Aparecem casos de retorno para Ubatuba em segunda moradia.

QUADRO CCXXIV

h. Comparação Terceira-Segunda Moradias

Litoral Norte	%	%
Ubatuba	—	83,4
Caraguatatuba	66,7	11,1
São Sebastião	33,3	5,5

Diminui porcentualmente a procedência de São Sebastião e Caraguatatuba. É grande a procedência da própria Ubatuba.

3. Primeira Moradia (n=237)

QUADRO CCXXV

a. Totais	n.a.	%
Exterior	3	1,3
Brasil	234	98,7
Totais	237	100,0

A procedência do Exterior é mínima.

QUADRO CCXXVI

b. Comparação Terceira-Segunda-Primeira Moradias

Totais	%	%	%
Exterior	—	1,7	1,3
Brasil	100,0	98,3	98,7

Digitalizado com CamScanner

Diminui a procedência do Exterior que não aparecera em terceira moradia.

QUADRO CCXXVII

c. Brasil	n.a.	%
Nordeste	5	2,2
Centro-Oeste	1	0,4
Sudeste	222	94,8
Sul	6	2,6
Totais	234	100,0

QUADRO CCXXVIII

d. Comparação Terceira-Segunda-Primeira Moradias

Brasil	%	%	%
Nordeste	—	0,8	2,2
Centro-Oeste	—	1,7	0,4
Sudeste	97,6	94,9	94,8
Sul	2,4	2,6	2,6

Mantem-se a diferenciação como procedência macro-regional aparecendo casos de migração direta fora do Sudeste.

QUADRO CCXXIX

e. Sudeste	n.a.	%
Litoral Norte	9	4,0
Vale do Paraíba Paulista	94	42,3
Grande São Paulo	60	27,0
Baixada Santista e Lit. Sul	18	8,1
Guanabara	15	6,8
Sul de Minas	5	2,3
Outros	21	9,5
Totais	222	100,0

Vale do Paraíba Paulista e Grande São Paulo respondem por quase 70% do total da procedência em primeira moradia antes da fixação em Ubatuba.

QUADRO CCXXX

f. Comparação Terceira-Segunda-Primeira Moradias

Sudeste	%	%	%
Litoral Norte	7,5	16,2	4,0
Vale do Paraíba Paul.	30,0	34,2	42,3
Grande São Paulo	25,0	22,6	27,0
Baixada Sant. e L. Sul	5,0	7,2	8,1
Guanabara	—	7,2	6,8
Sul de Minas	10,0	5,4	2,3

O fenômeno mais importante é o do Vale do Paraíba Paulista como área de migração para Ubatuba assim como o da Grande São Paulo. As demais contribuições são pequenas.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXXXI

g. Litoral Norte	n.a.	%
Ilhabela	1	11,1
Caraguatatuba	8	88,9
Totais	9	100,0

QUADRO CCXXXII

h. Comparação Terceira-Segunda-Primeira Moradias

Litoral Norte	%	%	%
Ubatuba	—	83,4	—
Ilhabela	—	—	11,1
São Sebastião	33,3	5,5	—
Caraguatatuba	66,7	11,1	88,9

A maior contribuição é a de Caraguatatuba.

LITORAL NORTE

1. Primeira Moradia (n=1.138)

QUADRO CCXXXIII

a. Totais	S.S.	I.	C.	U.	Totais
Exterior	0,2	4,8	0,7	1,3	1,75
Brasil	99,8	95,2	99,3	98,7	98,25

A grande maioria procede do Brasil.

b. Brasil	S.S.	I.	C.	U.	Totais
Norte	—	—	0,2	—	0,05
Meio-Norte	0,2	—	—	—	0,05
Nordeste	1,7	—	0,5	2,2	1,10
Centro-Oeste	0,2	—	0,5	0,4	0,28
Sudeste	96,2	100,0	97,4	94,8	97,10
Sul	1,7	—	1,4	2,6	1,42

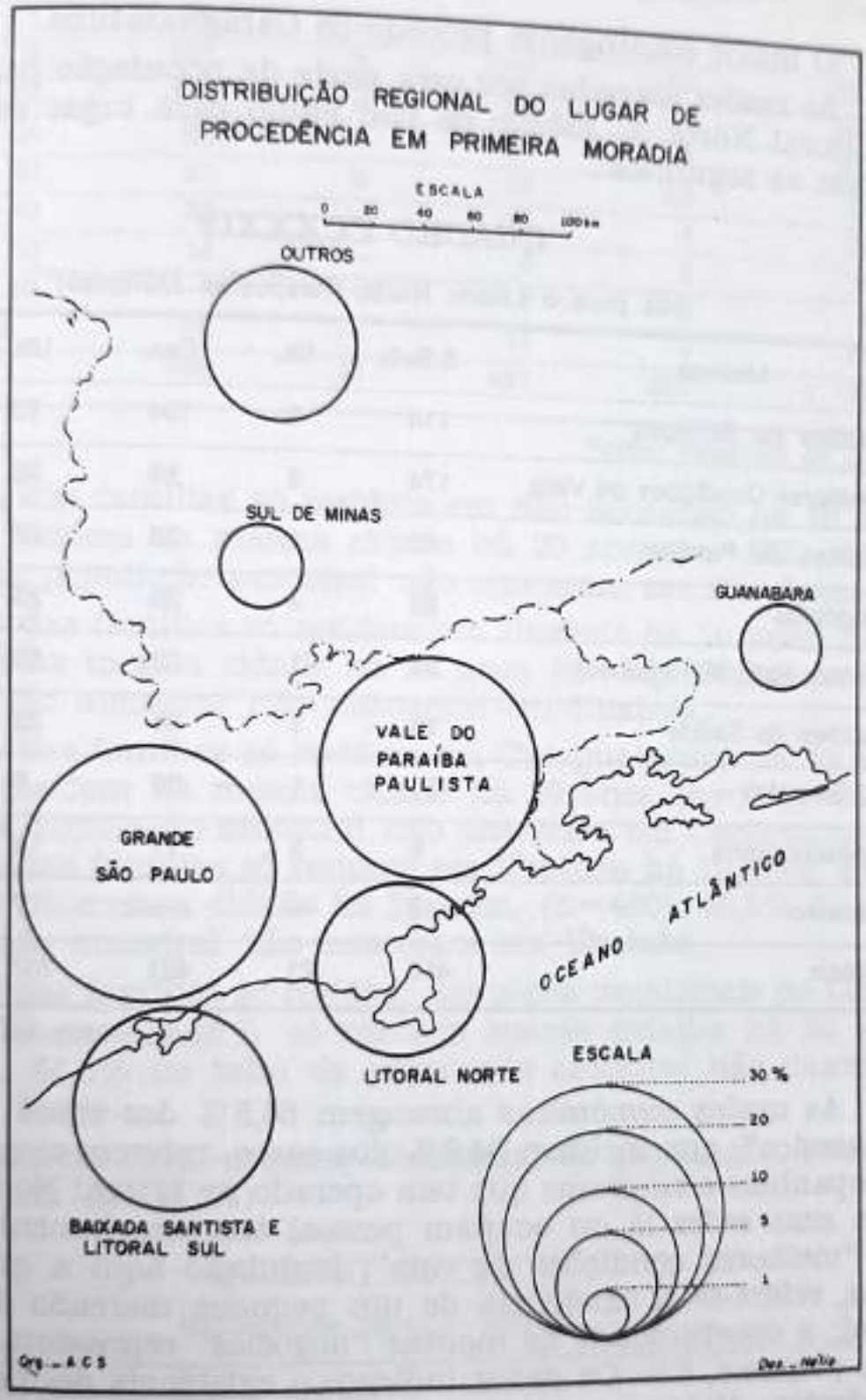
A maior procedência é do próprio Sudeste.

c. Sudeste	S.S.	I.	C.	U.	Totais
Litoral Norte	27,0	15,0	5,6	4,0	12,90
V. do P. Paul.	12,9	5,0	32,8	42,3	23,25
Sul de Minas	7,9	—	3,2	2,3	3,35
G. São Paulo	19,3	40,0	28,9	27,0	28,80
B.S. e Lit. Sul	21,4	35,0	5,6	8,1	17,52
Guanabara	2,6	—	2,7	6,8	3,03
Outros	8,9	5,0	21,2	9,5	11,15

Vale do Paraíba Paulista e Grande São Paulo abrangem 52,05% do total. Litoral Norte e Baixada Santista e Litoral Sul incluem 30,42% dos casos.

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 15



Fonte: I.B.G.E., Pesquisa de Campo

Digitalizado com CamScanner

d. Litoral Norte	S.Seb.	Ilh.	Car.	Ub.	Totais
Ilhabela	63,9	—	4,3	11,1	19,82
São Sebastião	—	—	30,4	—	7,60
Caraguatatuba	35,3	66,6	—	88,9	47,70
Ubatuba	0,8	33,4	65,3	—	24,88

O maior contingente procede de Caraguatatuba.

As razões alegadas por essa parte da população para procurar o Litoral Norte do Estado de São Paulo para lugar de residência foram as seguintes:

QUADRO CCXXXIV

Ida para o Litoral Norte (Respostas Múltiplas)

Motivos	S.Seb.	Ilh.	Car.	Ub.	Totais
Razões de Serviços	114	5	194	83	396
Melhores Condições de Vida	174	5	53	38	270
Razões de Família	48	1	28	27	104
Negócios	29	4	35	23	91
Beleza Natural (Repouso)	25	1	32	26	84
Razões de Saúde	13	1	38	23	75
Casamento	30	1	30	6	67
Aposentadoria	8	3	11	4	26
Retorno	18	—	—	7	25
Totais	459	21	421	237	1.138

Fonte: Pesquisa de Campo

As razões econômicas abrangem 66,5% dos casos: as "razões de serviço", que incluem 34,8% dos casos, referem-se às inúmeras companhias e empresas que tem operado no Litoral Norte mas não tem suas sedes lá ou ocupam pessoal temporariamente; a busca de "melhores condições de vida", incluindo aqui a *qualidade de vida*, refere-se à existência de um pequeno mercado de trabalho local; a oportunidade de montar "negócios" representa um índice não pequeno, 8%. Os dados indicam a existência de uma situação dinâmica. Note-se a situação particular de São Sebastião. É o município em que são mais elevadas as razões de ordem econômica, no seu conjunto.

As famílias de procedência externa à micro-região residem no Litoral Norte há pouco tempo como se pode ver a seguir:

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXXXV

Tempo de Residência no Litoral Norte

Anos	S. Sebast.	Ilhabela	Caraguat.	Ubatuba	Totais
0 — 1	44	2	78	31	153
1 — 5	141	8	119	56	324
5 — 10	125	2	78	61	266
10 — 20	65	6	84	50	205
20 — 30	31	2	29	22	84
30 — 40	22	—	12	4	38
40 — 50	13	—	4	2	19
+ de 50	—	1	2	2	5
s/ declar.	18	—	17	9	44
Totais	459	21	421	237	1.138

Fonte: Pesquisa de Campo

54,1% das famílias só residem em São Sebastião há 10 anos. 65,4% só residem na mesma cidade há 20 anos (n=573). 62,0% do total da população amostral não nasceram em São Sebastião.

23,1% das famílias só residem em Ilhabela há 10 anos. 34,6% só residem na mesma cidade há 20 anos (n=52). 26,8% do total da população amostral não nasceram em Ilhabela.

43,1% das famílias só residem em Caraguatatuba há 10 anos. 56,3% só residem na mesma cidade há 20 anos (n=634). 57,0% do total da população amostral não nasceram em Caraguatatuba.

32,2% das famílias só residem em Ubatuba há 10 anos. 43,0% só residem na mesma cidade há 20 anos. (n=460). 40,5% do total da população amostral não nasceram em Ubatuba.

43,2% das famílias só residem nas sedes municipais do Litoral Norte há 10 anos. 55,1% só residem nessas cidades há 20 anos (n=1.719). 46,6% do total da população amostral não nasceram no Litoral Norte.

A procedência rural-urbana, declarada, da população amostral foi a seguinte (n=8.791):

QUADRO CCXXXVI

Procedência Rural — Urbana

Proc.	S. Seb.	Ilhabela	Caraguat.	Ubatuba	Totais	
Urb.	2.225	194	2.685	1.870	6.974	74,4%
Rur.	771	78	661	487	1.997	25,6%
Total	1.996	272	3.346	2.357	8.971	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

Digitalizado com CamScanner

A procedência declarada urbana é grande com Caraguatatuba apresentando o índice mais alto. No total 74,4% da população amostral tem origem urbana.

A pirâmide de idades da população amostral revelou o seguinte (Figura 16):

Em São Sebastião 53,3% da poplação tem menos de 20 anos de idade. Há maior freqüência do sexo feminino.

Em Ilhabela 63,2% da população tem menos de 20 anos.Há maior freqüência do sexo feminino.

Em Caraguatatuba 52,3% da população tem menos de 20 anos de idade. Há maior freqüência do sexo feminino.

Em Ubatuba 53,6% da população tem menos de 20 anos de idade. Há maior freqüência do sexo feminino.

No conjunto 55,6% da população das sedes municipais do Litoral Norte tem menos de 20 anos de idade. Há maior freqüência do sexo feminino.

Como se verá adiante, o alto índice de jovens na população provoca o aparecimento de um grande número de pessoas não ocupadas ou trabalhando em subemprego.

É possível que os fenômenos de marginalidade que estão surgindo em São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba (esta mais recentemente) estejam relacionados a esse fato. A hipótese é a de que o crescimento econômico micro-regional proporciona uma oferta de trabalho inferior à taxa de crescimento da população, apresentando-se assim um excedente populacional progressivamente crescente e desocupado, significando um grande ônus para a população ativa.

A estrutura por idades da população do Litoral Norte deve ser também uma das causas da explicação da pouca memória em relação aos antepassados quanto ao lugar de nascimento conforme foi visto anteriormente sob outro ângulo.

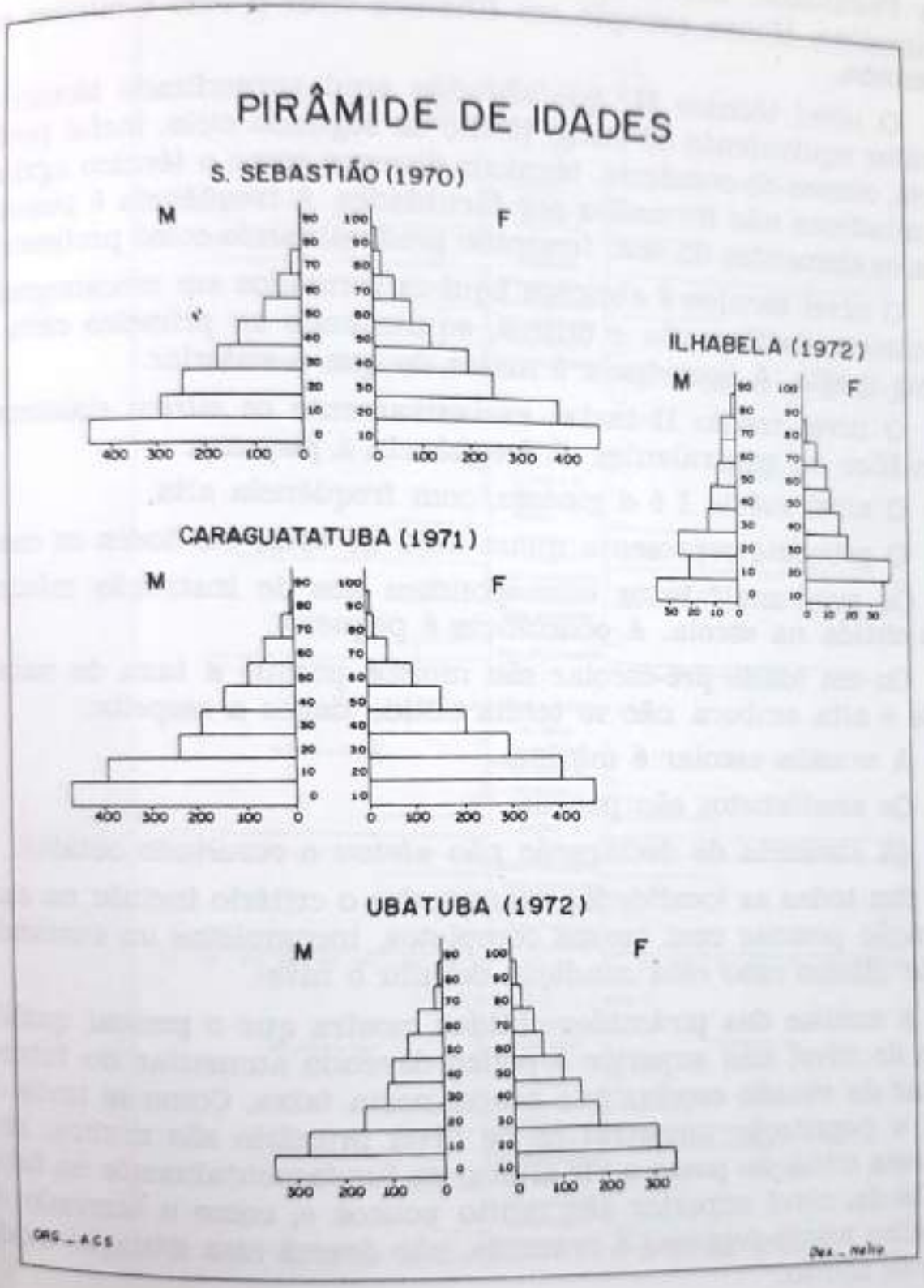
A porcentagem de pessoas maiores de 50 anos é bastante reduzida em relação ao total.

De resto, as pirâmides reproduzem, com características locais, a pirâmide de idade da população brasileira (IBGE, 1970). São pirâmides características de países subdesenvolvidos ou que estejam saindo recentemente dessa condição.

Embora a amostra referente a Ilhabela seja pequena, é possível que a pirâmide de idades reflita a realidade, pois, como já se viu, é município cuja população tem se mantido estável há mais de 30 anos. A população emigrante deve ser principalmente a população mais jovem apesar da porcentagem destes ser alta.

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 16



Fonte: Pesquisa de Campo

A situação da população quanto à instrução apresentou-se como segue de acordo com os totais amostrais: (Figura 17)

O nível superior, que abrange as pessoas com curso realizado em Faculdade, mostra pequena incidência, predominando o sexo masculino. Houve exceção em Ilhabela onde o sexo feminino predominou.

O nível técnico II, que abrange aqui aprendizado técnico de caráter equivalente ao curso médio de segundo ciclo, inclui professores, cursos de comércio, técnicos diversos como o técnico agrícola e contadores não formados por faculdades. A freqüência é pequena com os elementos do sexo feminino predominando como professoras.

O nível técnico I abrange aqui os formados em mecanografia, mecânica, datilografia e outros, equivalendo ao primeiro ciclo do curso médio. A ocorrência é maior do que a anterior.

O nível médio II inclui exclusivamente os cursos clássicos e científico ou equivalentes. A freqüência é pequena.

O nível médio I é o ginásio, com freqüência alta.

O primário representa quase 50% do total em todos os casos.

Os semi-analfabetos correspondem aos de instrução mínima não obtida na escola. A ocorrência é pequena.

Os em idade pré-escolar são muitos porque a taxa de natalidade é alta embora não se tenha obtido dados a respeito.

A evasião escolar é mínima.

Os analfabetos são poucos.

(A ausência de declaração não afetou o resultado obtido).

Em todas as localidades examinadas o critério incluiu na classificação pessoas com cursos completos, incompletos ou cursando. Neste último caso essa condição definiu o nível.

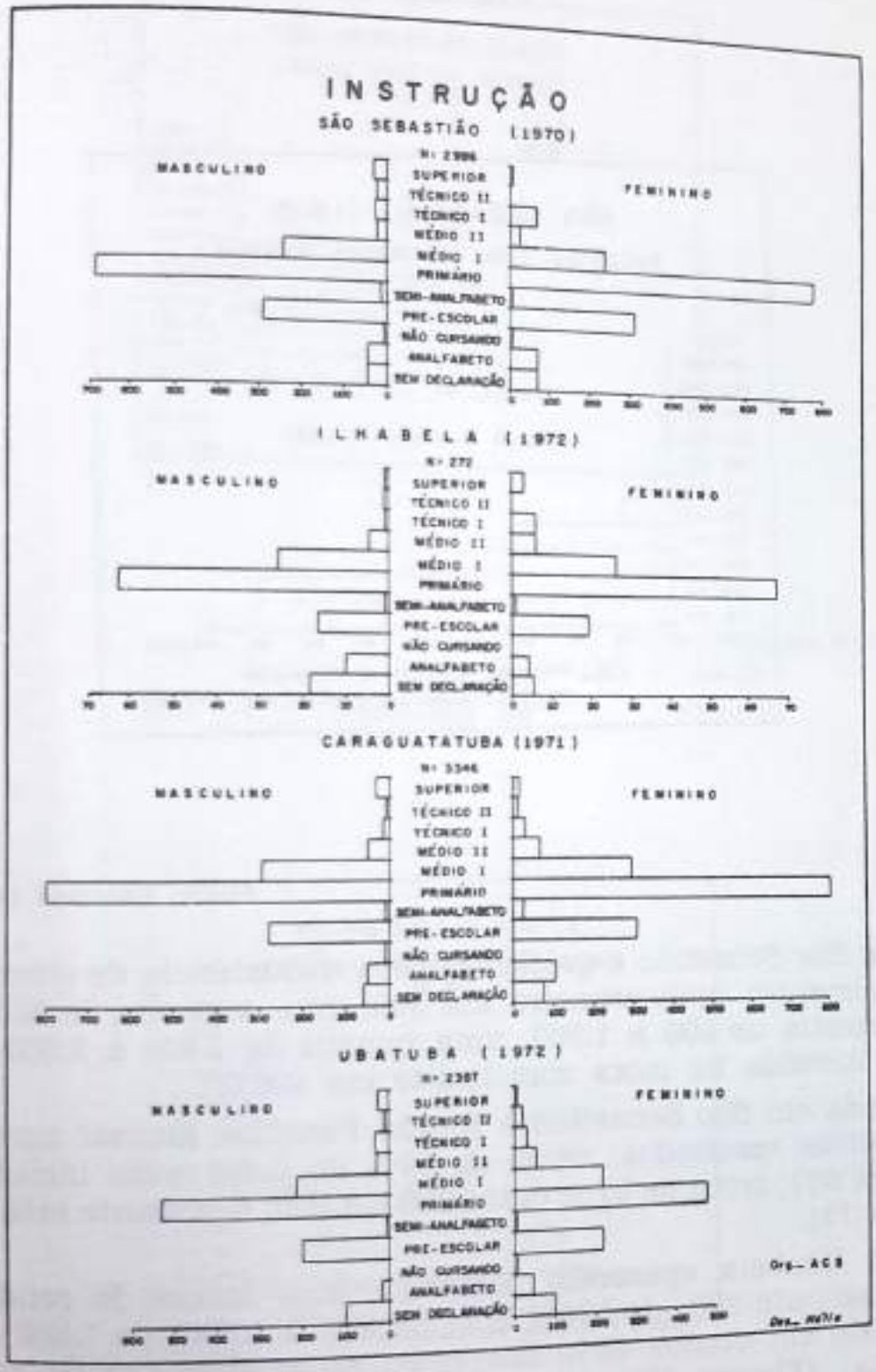
A análise das pirâmides obtidas mostra que o pessoal qualificado de nível não superior é pouco devendo aumentar no futuro, apesar da evasão escolar que ocorre nessa faixa. Como se trata de toda a população amostral os de nível primário são muitos, sem que essa situação possa a vir alterar-se fundamentalmente no futuro. Os de nível superior são muito poucos e, como o mercado de trabalho micro-regional é reduzido, não deverá essa situação modificar-se muito.

É importante a diminuição do analfabetismo em relação ao que ocorria há duas décadas atrás.

A absorção da população em idade escolar é quase total com pouca ocorrência de casos de pessoas "não cursando".

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 17

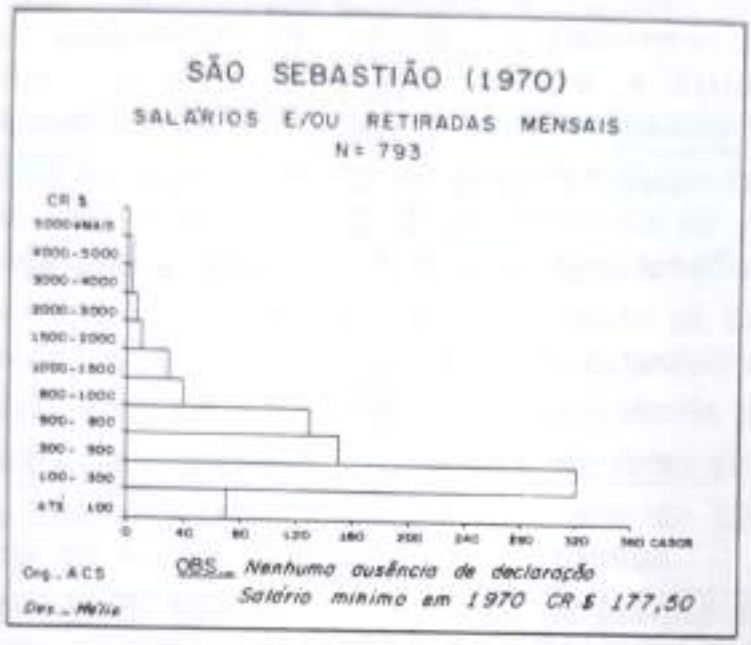


Fonte: Pesquisa de Campo

Digitalizado com CamScanner

A situação da renda familiar e dos salários e/ou retiradas era a seguinte, conforme os resultados obtidos para a população amostral: (Dados não deflacionados).

FIGURA 18



Fonte: Pesquisa de Campo

Em São Sebastião o gráfico mostra a existência de cinco faixas de rendimento: uma primeira até 300, uma segunda de 300 a 800, uma terceira de 800 a 1.500, uma quarta de 1.500 a 3.000 e uma quinta incluida na faixa com limite em 800,00.

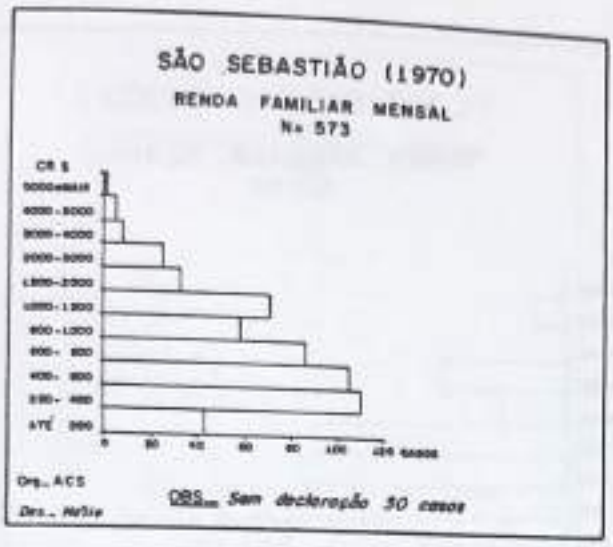
Ainda em São Sebastião a Renda Familiar Mensal apresentou os seguintes resultados: cerca de 40% do total estão incluídos na faixa até 800; cerca de 37% entre 800 e 3.000; o restante está acima. (Figura 19).

Em Ilhabela aparecem também cinco faixas de rendimento individual: até 300; de 300 a 800; de 800 a 1.500; de 1.500 a 2.000 e de 3.000 em diante. 80% dos casos estão incluídos na primeira categoria. (Figura 20).

A Renda Familiar Mensal em Ilhabela apresenta-se com uma freqüência não regular, em relação aos casos de São Sebastião e Caraguatatuba. Como se verá adiante o mesmo fenômeno ocorreu

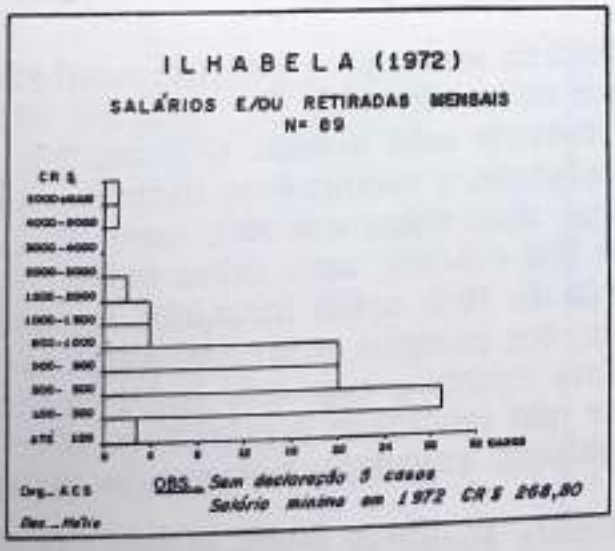
Digitalizado com CamScanner

FIGURA 19



Fonte: Pesquisa de Campo

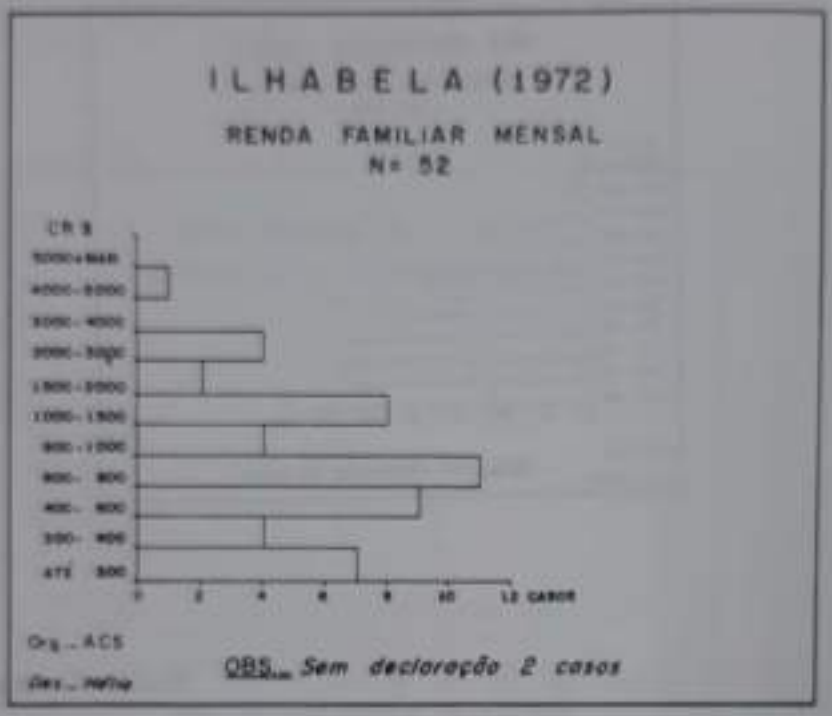
FIGURA 20



Fonte: Pesquisa de Campo

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 21



Fonte: Pesquisa de Campo

em relação a Ubatuba sem que se pudesse estabelecer a causa. Mais de 50% dos casos estão incluídos na faixa até 800; 23,1% na faixa 800 a 1.500; o restante está acima. (Figura 21).

Em Caraguatatuba o rendimento individual apresentava-se da seguinte maneira: uma faixa até 300; uma faixa entre 300 e 800; uma faixa entre 800 e 2.000; uma faixa entre 2.000 e 4.000; o restante acima. Mais de 70% estão incluídos em até 800. (Fig. 22).

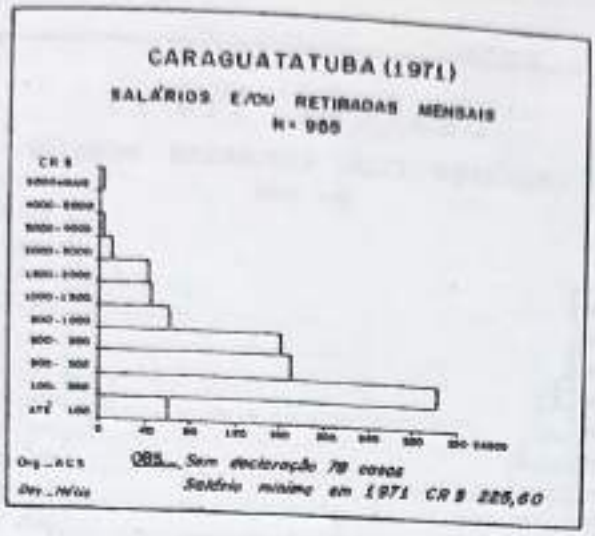
Comparando com os casos anteriores verifica-se que a alteração do salário mínimo ocorrida nos três anos de coleta da amostra para cada cidade não modificou a estrutura salarial e de retiradas para toda a população amostral, notando-se forte concentração de rendimentos.

Quanto à Renda Familiar Mensal o resultado foi o seguinte: Mais de 60% das famílias estavam na faixa de até 800. (Figura 23).

Em Ubatuba a situação era a seguinte quanto aos rendimentos individuais: (Figura 24).

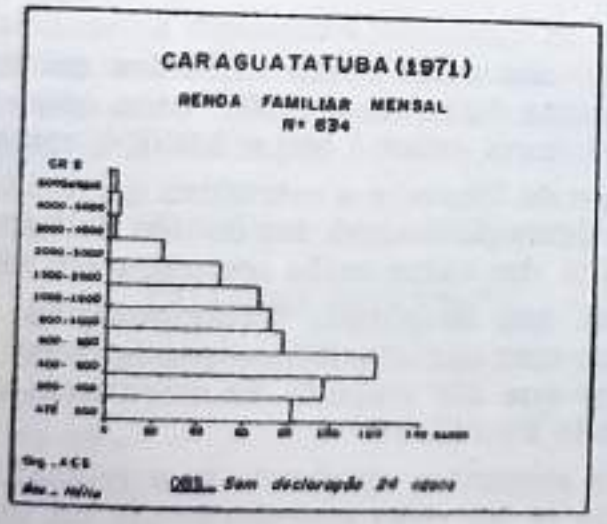
Digitalizado com CamScanner

FIGURA 22



Fonte: Pesquisa de Campo

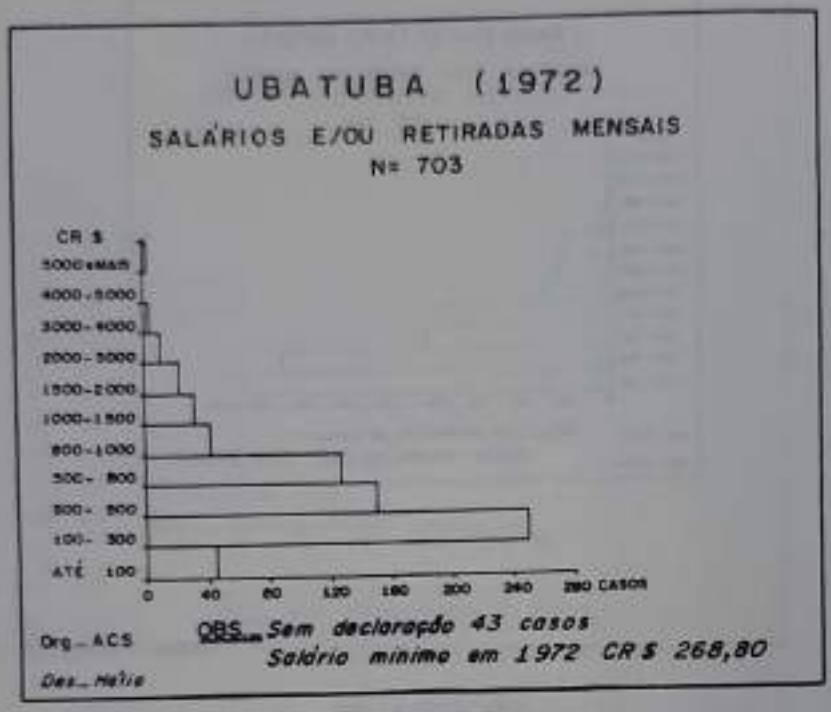
FIGURA 23



Fonte: Pesquisa de Campo

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 24



Fonte: Pesquisa de Campo

Mais de 80% dos casos estão incluídos na faixa de até 800, apresentando-se uma faixa de até 300; uma entre 300 e 800; uma entre 800 e 1.500; uma entre 1.500 e 3.000; o restante está acima.

Como no caso de Ilhabela a estrutura da Renda Familiar Mensal apresenta-se de modo diverso das de São Sebastião e Caraguatatuba. Mais de 50% dos casos estão incluídos em até 800. (Fig. 25).

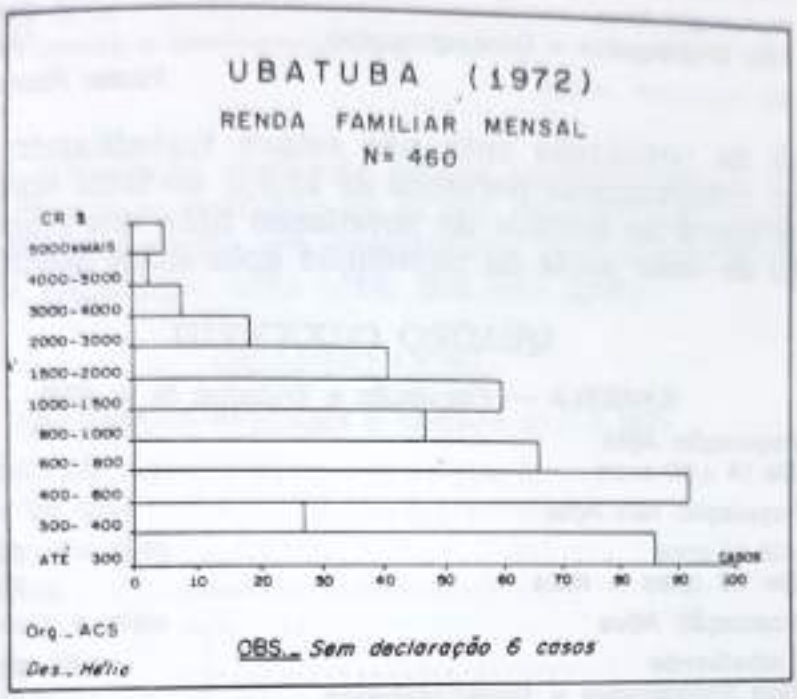
No conjunto, São Sebastião, Caraguatatuba, Ilhabela e Ubatuba apresentam, com características particulares, a mesma situação brasileira no que diz respeito às estruturas de Salários e/ou Retiradas e Renda Familiar(31).

Nos quadros seguintes apresenta-se a relação entre população e trabalho. Como já foi visto anteriormente há uma relação entre

(31) A Renda Familiar Mensal foi aqui incluída para fins de comparação. Embora em muitos casos exista efetivamente uma "renda familiar" que é compartilhada pelos membros da família, no Brasil geralmente os rendimentos individuais não são definidos como parte de um rendimento de família.

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 25



Fonte: Pesquisa de Campo

a taxa de natalidade as dimensões reduzidas do mercado de trabalho. Isto faz com que o número de não ocupados seja grande.

O critério, um pouco modificado, foi o de Antonio Barros de Castro e Carlos Francisco Lessa (Castro, A. B. de e Lessa, C. F., 1970:21/2).

Não foi possível identificar o sub-emprego.

QUADRO CCXXXVII

SÃO SEBASTIÃO — População e Trabalho (= 2.2996)

A — População Apta		1.669
De 14 a 60 anos		
B — População não Apta	1.182	
Até 14 anos	145	1.327
De 60 anos e mais		
C — População Ativa	892	
Trabalhando	126	1.018
Não Empregados e Desempregados		

D — População Apta não Trabalhando		1.669	
População Apta		892	777
População Ocupada			
E — População Ocupada		1.018	
População Ativa		126	892
Não Empregados e Desempregados			

Fonte: Pesquisa de Campo

46,5 da população apta não estava trabalhando. A força de trabalho compunha-se portanto de 53,5% do total apto. Isto significa que cerca de metade da população apta era responsável pelo sustento de uma parte da população apta além dos não aptos.

QUADRO CCXXXVIII

ILHABELA — População e Trabalho (n = 272)

A — População Apta			159
De 14 a 60 anos			
B — População não Apta		90	
Até 14 anos		23	113
De 60 anos e mais			
C — População Ativa		79	
Trabalhando		45	124
Não Empregados e Desempregados			
D — População Apta não Trabalhando		159	
População Apta		79	80
População Ocupada			
E — População Ocupada		124	
População Ativa		45	79
Não Empregados e Desempregados			

Fonte: Pesquisa de Campo

50,3% da população apta não estava trabalhando. A força de trabalho compunha-se portanto de 49,7% do total apto. Menos da metade da população apta era responsável pelo sustento de mais da metade da população apta mais os não aptos.

QUADRO CCXXXIX

CARAGUATATUBA — População e Trabalho (n = 3.346)

A — População Apta			1.989
De 14 a 16 anos			
B — População não Apta		1.207	
Até 14 anos		150	1.357
De 60 anos e mais			
C — População Ativa		886	
Trabalhando		602	1.488
Não Empregados e Desempregados			

Digitalizado com CamScanner

D — População Apta não Trabalhando			
População Apta		1.989	
População Ocupada		886	1.103
E — População Ocupada			
População Ativa		1.488	
Não Empregados e Desempregados		602	886

Fonte: Pesquisa de Campo

55,4% da população apta não estava trabalhando. A força de trabalho compunha-se portanto de 44,6% do total apto. Menos da metade da população apta era responsável pelo sustento de mais da metade da população apta além dos não aptos.

QUADRO CCXL

UBATUBA — População e Trabalho (n = 2.357)

A — População Apta			
De 14 a 60 anos			1.360
B — População não Apta			
Até 14 anos		851	
De 60 anos e mais		146	997
C — População Ativa			
Trabalhando		710	
Não Empregados e Desempregados		405	1.115
D — População Apta não Trabalhando			
População Apta		1.360	
População Ocupada		710	650
E — População Ocupada			
População Ativa		1.115	
Não Empregados e Desempregados		405	710

Fonte: Pesquisa de Campo

47,8% da população apta não estava trabalhando. A força de trabalho compunha-se portanto de 52,2% do total apto, e era responsável pelo sustento de um pouco menos da população apta mais os não aptos.

Em todas as sedes municipais do Litoral Norte no conjunto 50,0% da população apta não estava trabalhando.

A Estrutura Profissional apresentava-se como segue:

Em São Sebastião 49,3% da população ocupada trabalha no setor estatal, inclusive empresas de economia mista, como assalariados. É o município com maior número de pessoas trabalhando para o Estado, com as atividades portuárias sendo significativas.

Nas outras três sedes municipais esse total baixa para 18,0% em Ilhabela, 21,8% em Caraguatatuba e 25,3% em Ubatuba.

No total do Litoral Norte o setor estatal participa com 28,6%.

Os assalariados do setor privado são em maior número em Caraguatatuba, onde abrangem 48,8% do total, vindo a seguir Ilhabela com 46,1%, Ubatuba com 35,9% e São Sebastião com 21,7%. No total do Litoral Norte abrangem 38,1%.

Os autônomos são mais numerosos em Ubatuba onde representam 22,3% do total. Os demais representam cerca de 15,0%. No Litoral Norte no conjunto urbano, 16,9%.

Os proprietários(32) representam 8,7% em Caraguatatuba, 7,9% em Ubatuba, 6,8% em São Sebastião e 5,6% em Ilhabela. No Litoral Norte representam 7,2%.

Os aposentados pensionistas não ocupados e rentistas não trabalhando abrangem 7,2% do total do Litoral Norte, sendo 11,2% em Ilhabela, 6,5% em Ubatuba, 5,7% em Caraguatatuba e 5,2% em São Sebastião.

(A ausência de declaração é diminuta não prejudicando os resultados obtidos).

Entre as profissões dos assalariados do setor estatal são numerosas as dos funcionários públicos diversos, principalmente profesores(as).

Entre as profissões dos assalariados do setor privado são numerosas as ligadas à pesca, ao comércio, ao emprego doméstico, à atividade de caseiro, assim como a diversas profissões ligadas a diversos serviços e pequenas indústrias urbanas.

Entre os autônomos são numerosos os pedreiros (empreiteiros geralmente), pescadores, motoristas e muitos outros que possuem a condição de autonomia profissional e/ou propriedade de seu meio de trabalho.

Entre os proprietários os mais numerosos são os comerciantes. (Figura 26).

A população atual do Litoral Norte, no que se refere às sedes municipais, é uma população em grande parte não nascida lá, embora a origem brasileira seja predominante. A parte da população de procedência recente, que é grande, é responsável por um processo de sobre-povoamento do espaço micro-regional, sendo também na maior parte brasileira. Sendo o processo recente fica caracterizada a predominância nacional na organização do espaço com forte influência dos padrões de cultura e comportamento próprios do Sudeste brasileiro, relacionados à chamada "sociedade de consumo".

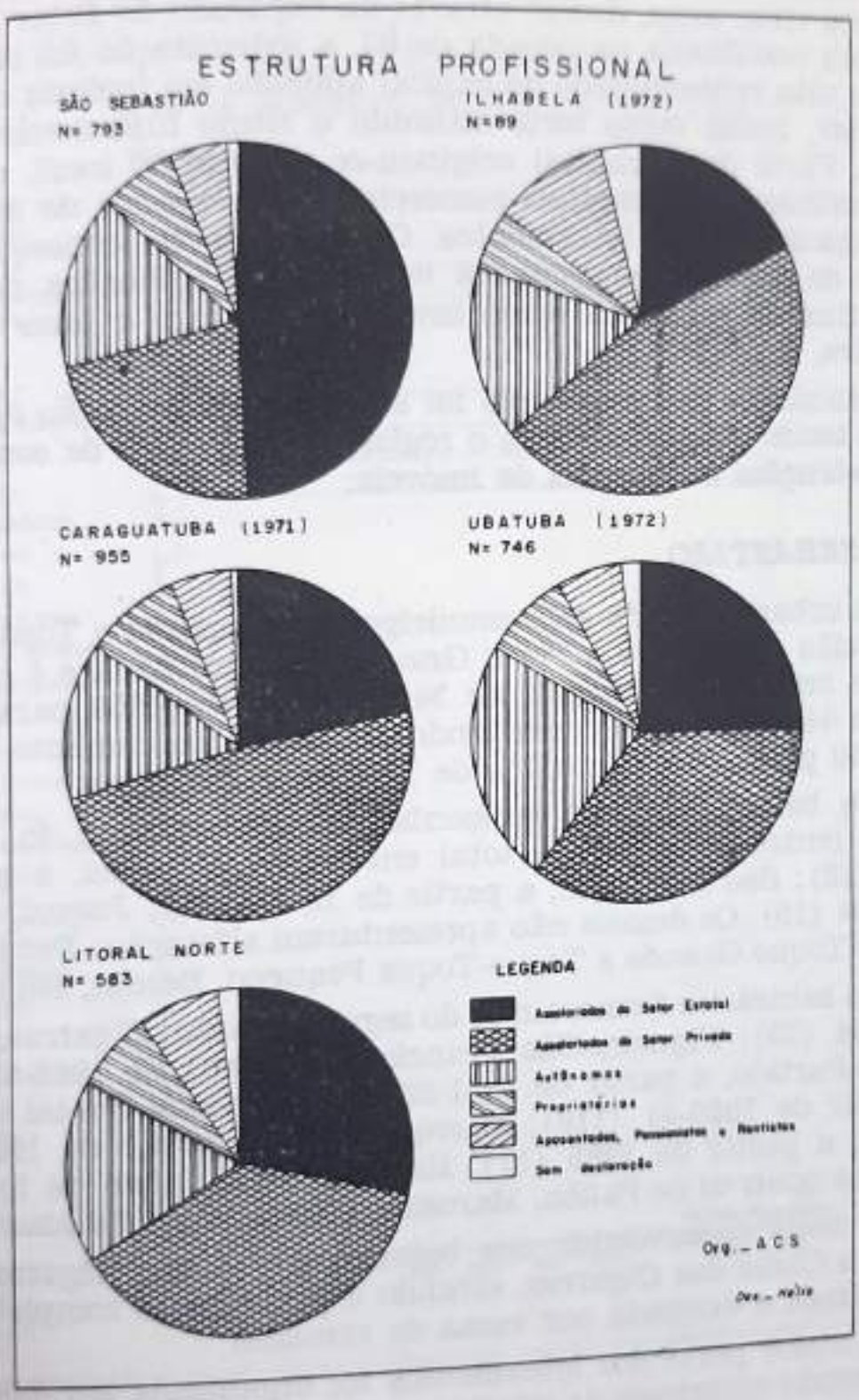
Os dados sobre a estrutura da população mostram a existência de uma predominância de jovens com nível ainda baixo de instrução, no conjunto, com relativamente baixo padrão de vida e ocupando apenas parcialmente o mercado de trabalho local, com muitos desocupados por razões econômicas e extra-econômicas.

---

(32) A categoria proprietários abrange apenas os que se declararam donos de algum tipo de empresa. Não foi considerada a propriedade urbana ou rural da terra ou a propriedade de imóveis residenciais ou para outros fins.

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 26



Fonte: Pesquisa de Campo

"O Litoral Norte do Estado de São Paulo é conhecido como uma área de turismo como atividade predominante. Sua evolução, nos últimos vinte anos, deu-se através da expansão do Setor Terciário. Embora acentuada na década de 60, a urbanização foi conseqüência da alta rentabilidade do capital aplicado em imóveis na década anterior, tendo como forte estímulo o ritmo inflacionário do período. Parte desse capital originou-se no próprio local, ocorrendo o investimento de capitais comerciais ou poupança de autônomos na organização de loteamentos. Outra parte foi conseqüência da vinda de capitais acumulados no Planalto, aplicados no Litoral para fins de renda ou como investimento para o lazer" (Corrêa da Silva, A., 1973:1).

Município por município foi a seguinte a evolução da urbanização tendo como referência o registro das plantas de construções, reconstruções e reformas de imóveis:

SÃO SEBASTIÃO

A urbanização da sede municipal, abrangendo o Topo, a Praia do Areião (Cidade) e o Porto Grande, foi acentuada e é continuamente crescente, passando de 34 registros em 1950 para 157 em 1960 e 647 em 1969 representando um índice de aumento de 462% de 1950 para 1960 e de 412% de 1960 para 1969.

Os bairros caiçaras apresentaram sua evolução do seguinte modo (entre parênteses o total em 1969): Enseada, a partir de 1963 (18); São Francisco, a partir de 1946 (131); Juqueí, a partir de 1964 (10). Os demais não apresentaram alteração: Pernambuco, Toque-Toque Grande e Toque-Toque Pequeno, Baleia,, Saí e Juréia.

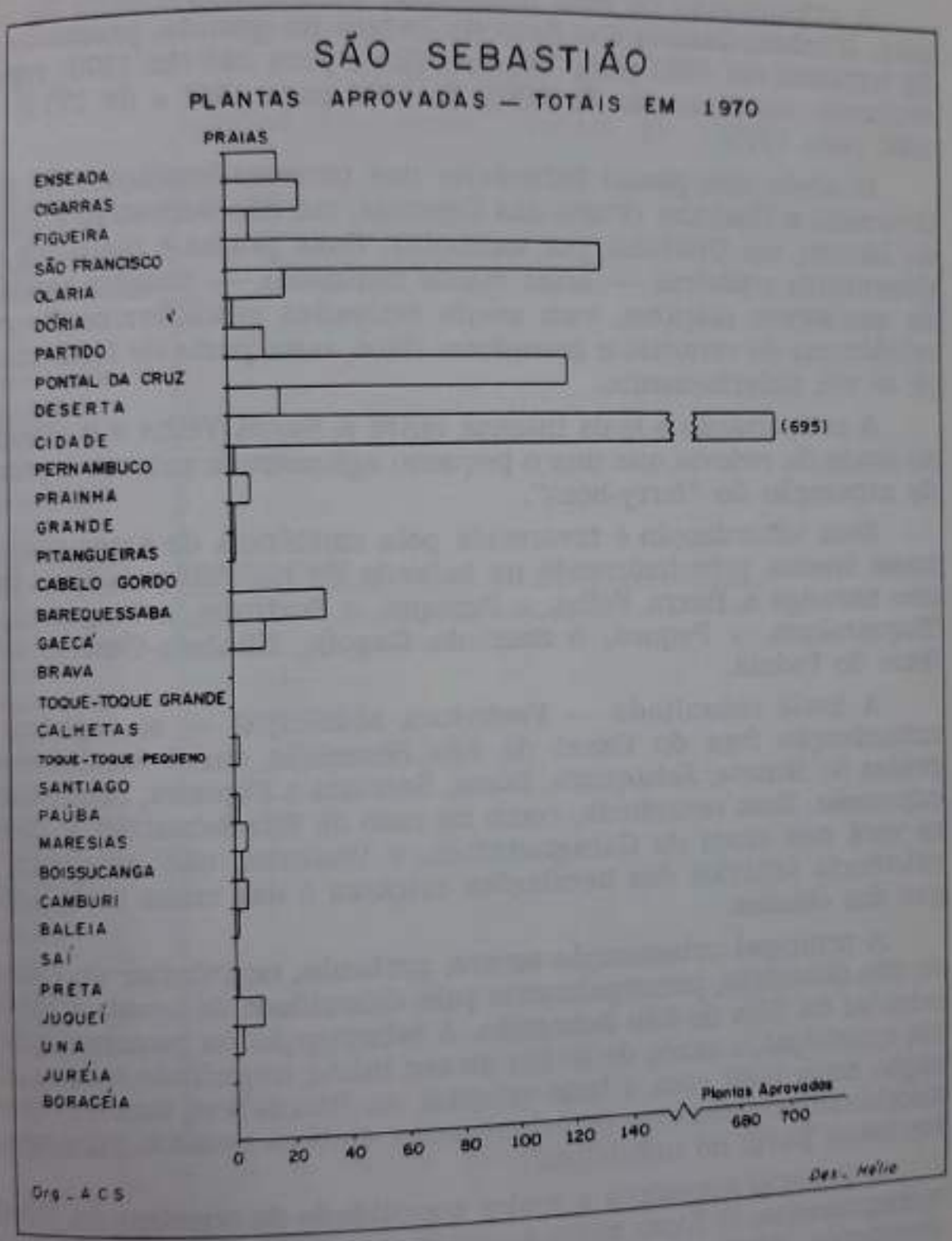
Os balneários formaram-se do seguinte modo: Cigarras, a partir de 1964 (25); Figueira-São Francisco, a partir de 1946-48 (139); Olaria-Partido, a partir de 1951-52 (35); Fazenda-Pontal da Cruz, a partir de 1950-51 (119); Barequessaba, a partir de 1965 (32); Gaecá, a partir de 1965 (11). Há outros em início de formação, entre os quais os de Paúba, Maresias, Boissucanga, Camburi e Una.

O mais desenvolvido dos balneários é o das Cigarras, onde existe o Clube das Cigarras, estando a praia quase completamente urbanizada e ocupada por casas de veraneio.

A maior parte dos loteamentos foi organizada em datas imediatamente anteriores às citadas, sendo alguns deles mais antigos. Houve influência da demanda do turismo e do fim da marginalização em que esteve o Litoral Norte até 1940. A urbanização é mais intensa entre a cidade e a Enseada, ao longo da rodovia e em direção N e NNE. (Figura 27).

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 27



Fonte: Prefeitura Municipal

Digitalizado com CamScanner

A urbanização da sede municipal, abrangendo o Saco da Capela, Ilhabela-Castelo e o Saco do Indaiá foi grande, passando de 36 registros em 1950 para 195 em 1960 e para 345 em 1970, representando um aumento de 545% de 1946 para 1960 e de 177% de 1960 para 1970.

Ilhabela não possui balneários nas mesmas condições de São Sebastião e Ubatuba (Praia das Cigarras, em São Sebastião e Praia do Lázaro, em Ubatuba, por exemplo). Suas praias e planícies sedimentares costeiras — estas muito reduzidas — antigos redutos de moradores caiçaras, vem sendo ocupadas gradativamente por residências de veraneio e moradores fixos, uma parte de fora, como já se viu anteriormente.

A urbanização é mais intensa entre a Barra Velha e a cidade, ao longo da rodovia que une o pequeno aglomerado urbano à ponte de atracação do "ferry-boat".

Essa urbanização é favorecida pela existência de áreas planas nesse trecho, principalmente na baixada do rio Perequê. Esse trecho abrange a Barra Velha, o Perequê, o Portinho, o Itaguaçú, o Taquanduva, o Pequeá, o Saco da Capela, Ilhabela-Castelo e o Saco do Indaiá.

A fonte consultada — Prefeitura Municipal — só registra a urbanização fora do Canal de São Sebastião em 5 localidades: praias do Bonete, Jabaquara, Fome, Serraria e Figueira, com pouca expressão. Essa ocorrência, como no caso de São Sebastião, e como se verá nos casos de Caraguatatuba e Ubatuba, não considera a existência anterior das habitações caiçaras e das casas mais antigas das cidades.

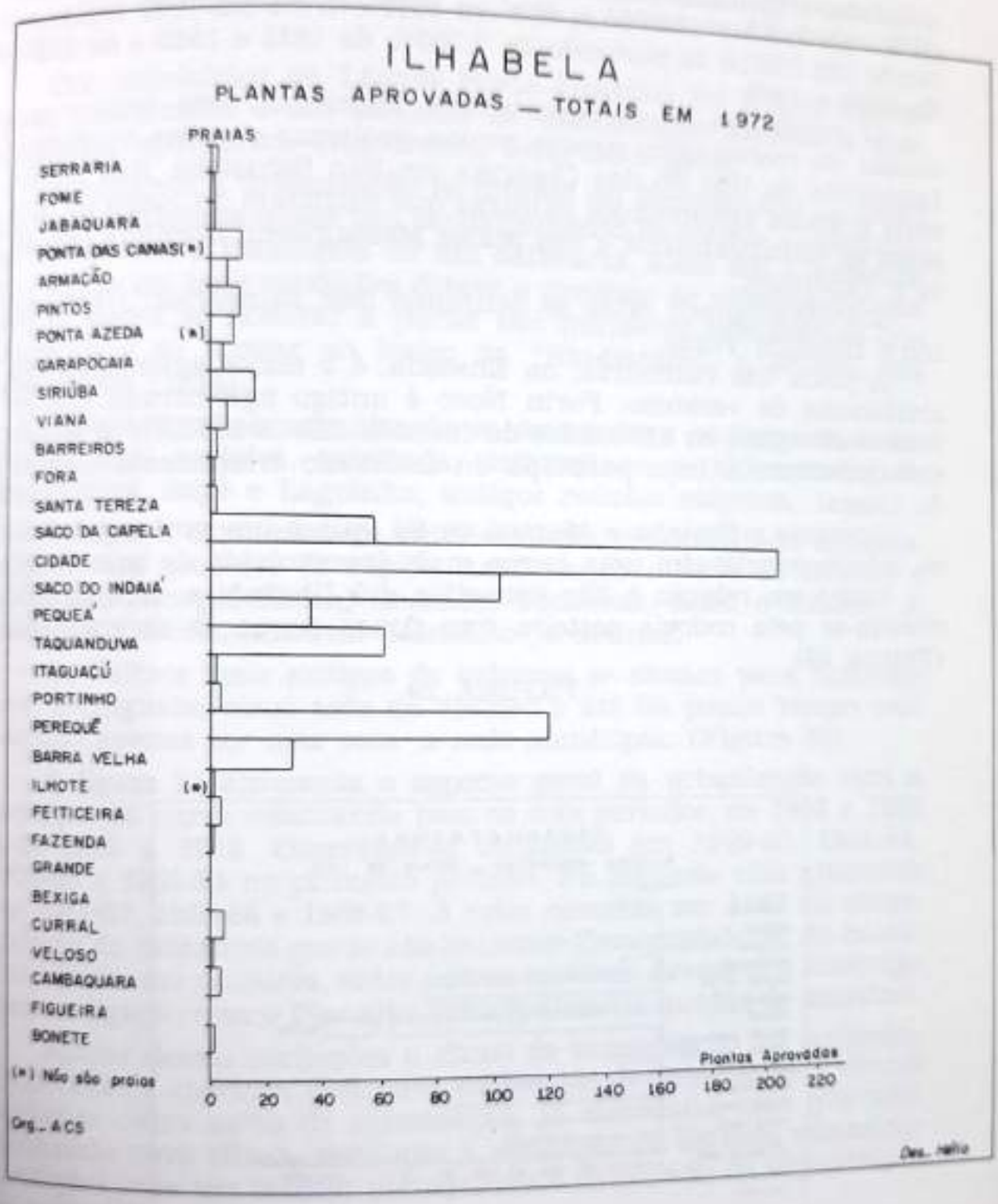
A principal urbanização ocorre, portanto, no interior do Canal de São Sebastião, principalmente pela dificuldade de acesso à parte oriental da Ilha de São Sebastião. A interrupção da pequena rodovia municipal, a cerca de 10 km do seu início, impedindo a comunicação mais fácil com o lado oriental da Ilha,deteve também provisoriamente o processo de urbanização, embora existam loteamentos nessa parte do município.

O Perequê apresenta a maior quantidade de registros de plantas aprovadas. O fluxo entre a cidade e a ponte de atracação e as dimensões relativamente extensas da baixada estão orientando essa urbanização que se tem intensificado nos últimos anos. Para o sul da Ilha a freqüência diminui, apesar da existência da estrada.

Para o norte destacam-se Siriúba, Pintos e Ponta das Canas. (Figura 28).

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 28



Fonte: Prefeitura Municipal

CARAGUATATUBA

A urbanização da sede municipal, abrangendo o Rio de Ouro, a cidade, a Prainha e Martim de Sá foi bastante grande passando de 4 registros em 1953 para 308 em 1960 e 1.754 em 1969 representando um índice de aumento de 7.700% de 1953 a 1960 e de 569% de 1960 a 1969.

O município de Caraguatatuba apresenta uma feição particular de relevo, com poucas praias pequenas capazes de definir balneários do tipo do das Cigarras em São Sebastião. Não possui mais grandes aglomerados caiçaras que existiram ao longo da Enseada de Caraguatatuba e nas praias Massaguaçú, Cocanha, Mococa e Tabatinga.

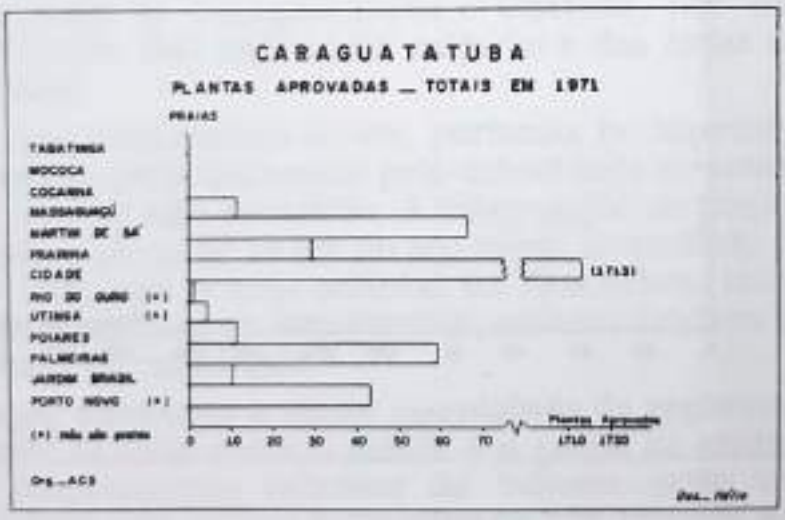
Em Massaguaçú estão se definindo dois balneários: Capricórnio e Delphim Verde.

A praia das Palmeiras, na Enseada, é o maior aglomerado de residências de veraneio. Porto Novo é antigo aglomerado que se desenvolveu com as atividades da fazenda São Sebastião, já citada anteriormente, e hoje participa do acelerado crescimento urbano do Litoral.

Ao norte,a Prainha e Martim de Sá, quase um prolongamento da cidade, constituem uma forma mais desenvolvida de balneários.

Como em relação à São Sebastião e à Ilhabela a urbanização orienta-se pela rodovia costeira com pouca ocupação de encostas. (Figura 29).

FIGURA 29



Fonte: Prefeitura Municipal

A urbanização da sede municipal, que abrange o Itaguá, o Mato Dentro, a Cidade e a Prainha foi grande, passando de 62 registros em 1950 para 223 em 1960 e 1.058 em 1971 representando um índice de aumento de 360% de 1944 a 1960 e de 474% de 1960 a 1971.

Dos municípios do Litoral Norte Ubatuba foi o que iniciou mais tardiamente o seu processo de urbanização. Apenas a sede municipal apresentou crescimento anterior a 1960.

A nordeste a urbanização se limitou ao Perequê-Açu — como em Caraguatatuba quase um prolongamento da cidade — ganhando aos poucos a fisionomia de um balneário. Além daí a ausência de rodovia em boas condições deteve o processo de urbanização que deverá agora se acelerar a partir dos inúmeros loteamentos que tenderão a se formar ao longo da "Rio-Santos", a BR-101, em construção (1973).

Para sudoeste a urbanização se desenvolveu ao longo da rodovia estadual costeira, asfaltada, definindo-se os aglomerados de Maranduba, Sapé e Lagoinha, antigos redutos caiçaras.

O Lázaro, como se disse anteriormente, é balneário já definido, estando em processo de rápida urbanização o Saco do Ribeira e as praias Perequê-Mirim, Enseada, Toninhas, Dura e Grande. A praia do Tenório constitui balenário já definido.

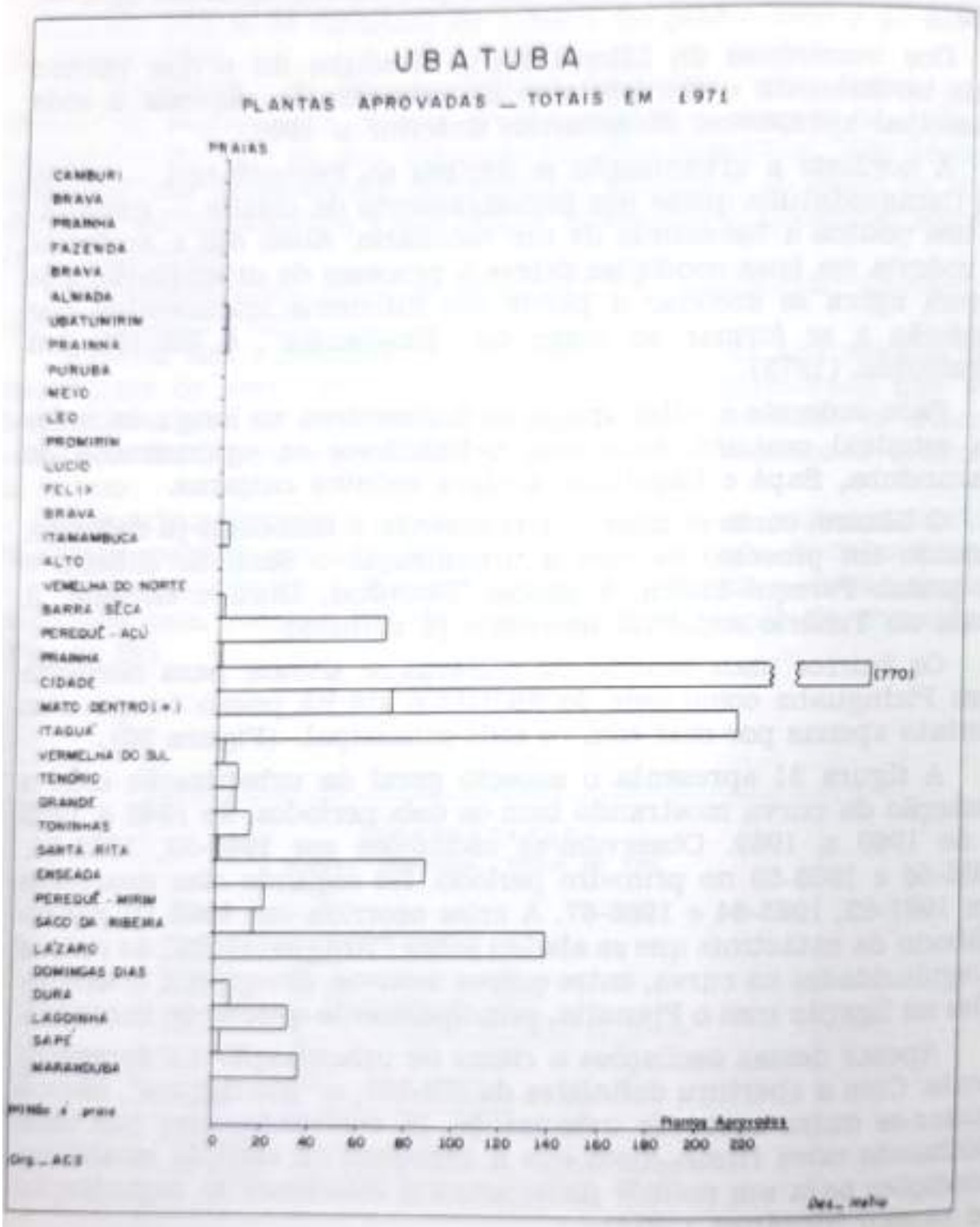
Os bairros mais antigos de caiçaras se situam para nordeste com Picinguaba como sede de distrito e até há pouco tempo com contato apenas por mar com a sede municipal. (Figura 30).

A figura 31 apresenta o aspecto geral da urbanização com a evolução da curva mostrando bem os dois períodos, de 1946 a 1959 e de 1960 a 1969. Observam-se oscilações em 1949-50, 1952-54, 1955-56 e 1958-59 no primeiro período. No segundo elas aparecem em 1961-62, 1963-64 e 1966-67. A crise ocorrida em 1967 foi conseqüência da catástrofe que se abateu sobre Caraguatatuba. As outras irregularidades na curva, entre outros motivos, devem-se a interrupções na ligação com o Planalto, principalmente quedas de barreiras.

Apesar dessas oscilações o ritmo de urbanização foi surpreendente. Com a abertura definitiva da BR-101, a "Rio-Santos", deverá iniciar-se outro surto de urbanzação, já começado, mas que está ganhando novo rítmo, visto que a definição da estrada estabelece condições para um melhor planejamento detalhado da organização do espaço litorâneo (1973).

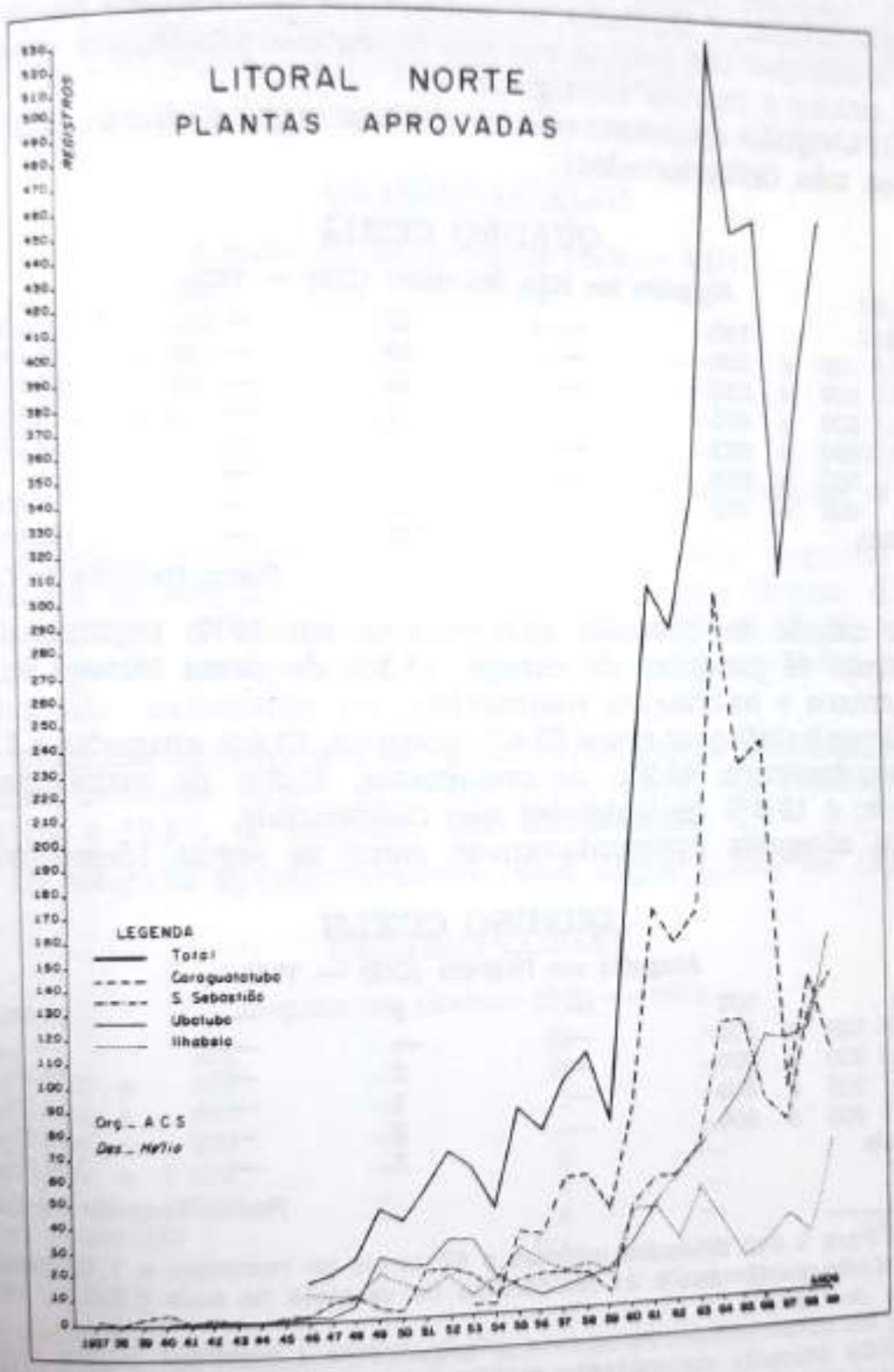
A cidade de São Sebastião apresentava, em 1970, segundo dados amostrais de pesquisa de campo, 90,4% de residências térreas, 3,7% de barracos e habitações rústicas, 0,9% de sobrados e 0,7%

FIGURA 30



Fonte: Prefeitura Municipal

FIGURA 31



Fonte: Prefeituras Municipais

Digitalizado com CamScanner

de edifícios(33). Estes últimos são pequenos prédios de quatro pavimentos, alguns deles em estilo colonial.

Essas habitações eram 58,4% próprias, 35,1% alugadas e 5,9% cedidas(34), havendo 79,7 residências, 3,0% de residências de veraneio e 17,3% de unidades não residenciais. Ao contrário de Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba as residências de veraneio na própria sede municipal são poucas em São Sebastião, espalhadas que estão pelas praias e bairros contíguos.

Os aluguéis apresentavam-se como se segue (julho de 1970) (35): (Dados não deflacionados).

QUADRO CCXLI

Aluguéis em São Sebastião (Cr$) — 1970

Até			100	—	62	—	31,5%
De	100	a	200	—	80	—	40,6%
De	200	a	300	—	40	—	20,3%
De	300	a	400	—	7	—	3,5%
De	400	a	500	—	7	—	3,5%
De	500	a	600	—	—	—	—
De	600	a	700	—	1	—	0,6%
Totais					197	—	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

A cidade de Ilhabela apresentava, em 1972, segundo dados amostrais de pesquisa de campo, 92,3% de casas térreas e 7,7% de barracos e habitações rústicas(36).

Essas habitações eram 65,4% próprias, 13,4% alugadas e 21,2% cedidas, havendo 49,2% de residências, 31,2% de residências de veraneio e 19,6% de unidades não residenciais.

Os aluguéis apresentavam-se como se segue (dezembro de 1972):

QUADRO CCXLII

Aluguéis em Ilhabela (Cr$) — 1972

Até			100	—	2	—	28,5%
De	100	a	200	—	—	—	—
De	200	a	300	—	2	—	28,5%
De	300	a	400	—	1	—	14,5%
De	400	a	500	—	2	—	28,5%
Totais					7	—	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

(33) Para 3.642 unidades urbanas e 62 rurais no município e 1.027 residências, 215 não-residências e 31 residências de veraneio na sede (I.B.G.E., 1970 e Pesquisa de Campo).

(34) As casas cedidas referem-se principalmente a caseiros.

(35) Os aluguéis de unidades residenciais para veraneio são bem maiores do que os das unidades residenciais de moradores fixos, oscilando bastante em função da demanda.

(36) Para 1757 unidades urbanas e 50 rurais no município e 149 residências, 59 não residências e 94 residências de veraneio na sede (I.B.G.E., 1970 e Pesquisa de Campo).

Digitalizado com CamScanner

A cidade de Caraguatatuba apresentava, em 1971, segundo dados amostrais de pesquisa de campo, 90,7% de casas térreas, 2,7% de sobrados, 4,7% de barracos e habitações rústicas e 1,9% de edifícios de até quatro pavimentos (37). Apresentava 52 unidades residenciais e não residenciais em construção.

Essas habitações eram 55,4% próprias, 36,4% alugadas e 18,2% cedidas, havendo 40,1% de residências, 42,9% de residências de veraneio e 17,0% de unidades não residenciais.

Os aluguéis apresentavam-se como se segue (julho de 1971):

QUADRO CCXLIII

Aluguéis em Caraguatatuba (Cr$) — 1971

Até	200	—	146	—	63,2%
De 200 a	400	—	65	—	28,1%
De 400 a	600	—	15	—	6,5%
De 600 a	800	—	2	—	0,9%
Sem declaração		—	3	—	1,3%
Totais		—	231	—	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

A cidade de Ubatuba apresentava em 1972, segundo dados amostrais de pesquisa de campo 89,1% de casas térreas, 0,9% de sobrados, 9,8% de barracos e habitações rústicas e 0,3% de edifícios de até quatro pavimentos (38). Apresentava 53 unidades residenciais e não residenciais em construção.

Essas habitações eram 64,1% próprias, 24,1% alugadas e 11,8% cedidas, havendo 38,5% de residências, 48,7% de residências de veraneio e 12,8% de unidades não residenciais.

Os aluguéis apresentavam-se como segue (julho de 1972):

QUADRO CCXLIV

Aluguéis em Ubatuba (Cr$) — 1972

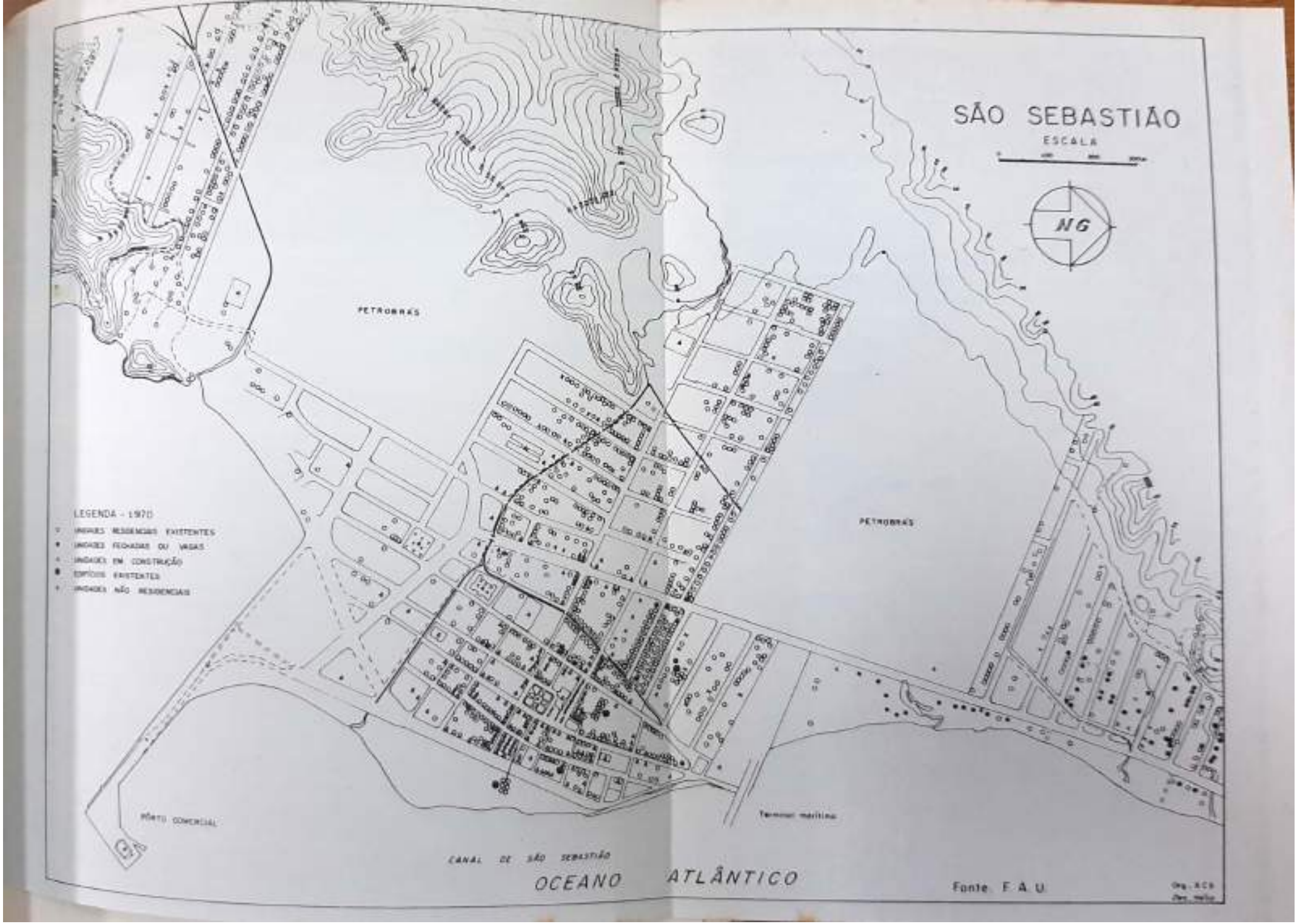
Até	200	—	59	—	53,1%
De 200 a	400	—	39	—	35,1%
De 400 a	600	—	5	—	4,5%
De 600 a	800	—	—	—	—
De 800 a	1.000	—	2	—	1,8%
Mais de	1.000	—	1	—	0,9%
Sem declaração		—	5	—	4,6%
Totais		—	111	—	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

(37) Para 5.757 unidades urbanas e 355 rurais no município e 964 residências, 1.031 residências de veraneio e 385 não residências, com 12 edifícios de apartamentos e 19 hotéis e pensões (I.B.G.E., 1970 e Pesquisa de Campo).

(38) Para 4.124 unidades urbanas e 1.230 rurais no município e 847 residências de veraneio, 680 residências fixas e 211 não residências (I.B.G.E., 1970 e Pesquisa de Campo).

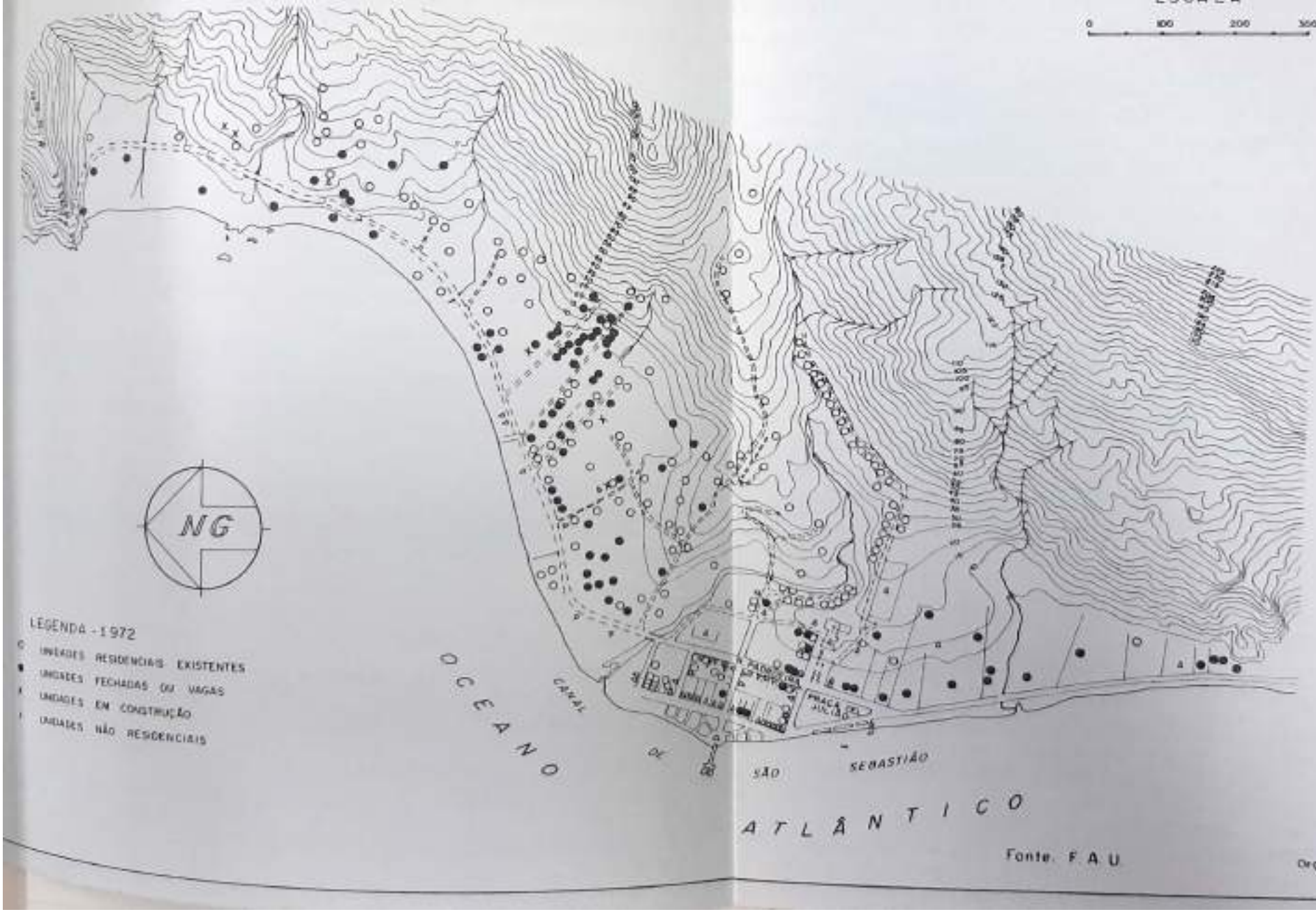
Digitalizado com CamScanner


SÃO SEBASTIÃO
ESCALA
NG
PETROBRÁS
PETROBRÁS
LEGENDA - 1970
PORTO COMERCIAL
CANAL DE SÃO SEBASTIÃO
OCEANO ATLÂNTICO
Fonte F.A.U.

ILHABELA

ESCALA

0 100 200 350 m



Fonte. F A U

Org. A C S

Des. Hélio

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 34

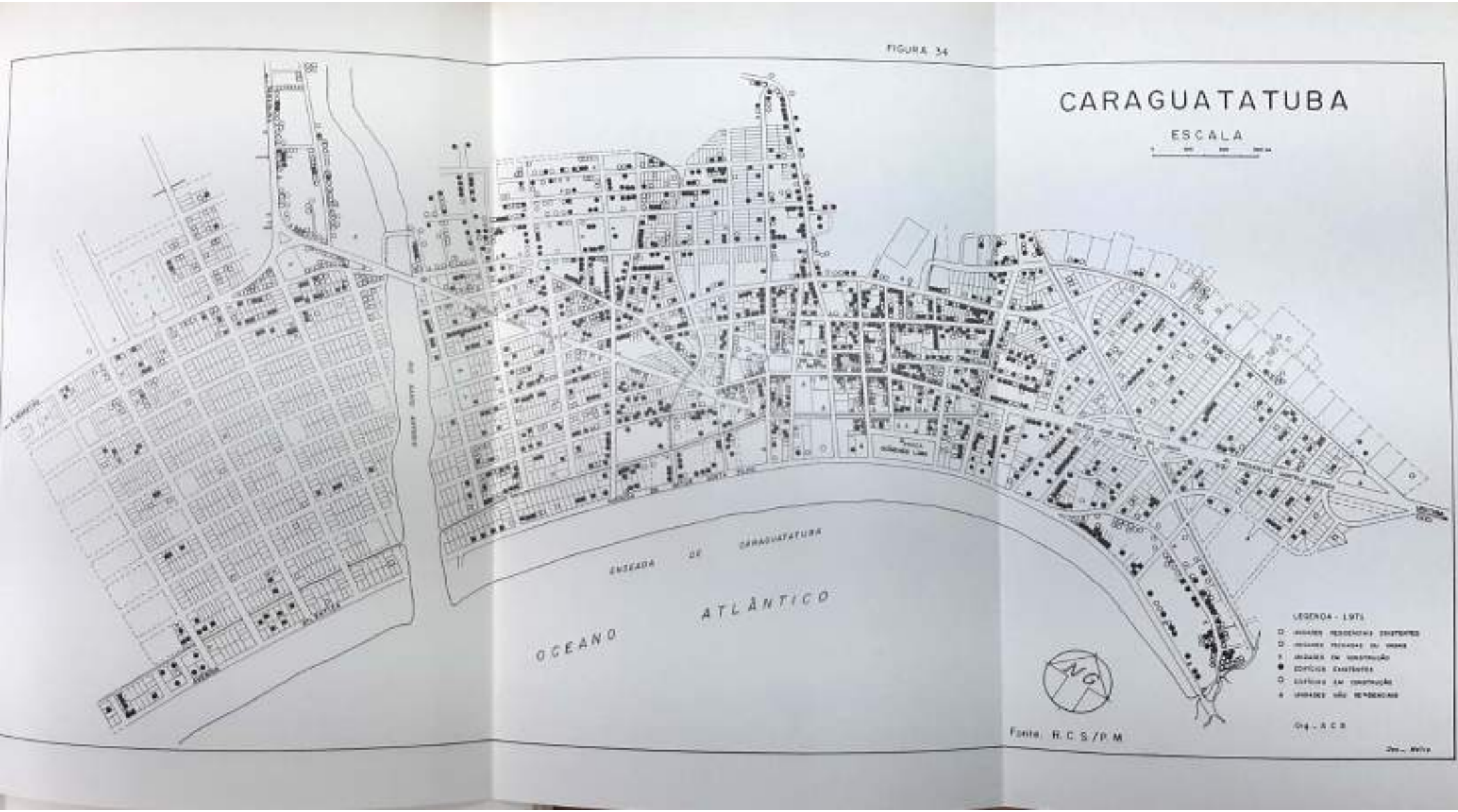

CARAGUATATUBA
ESCALA
ENSEADA DE CARAGUATATUBA
ATLÂNTICO
OCEANO
LEGENDA - 1971
Fonte: R.C.S./P.M
Org. - A.C.S.

FIGURA 35

UBATUBA
ESCALA
NG
CAMPO DE AVIAÇÃO
ENSEADA DE UBATUBA
OCEANO ATLÂNTICO
LEGENDA - 1972
Fonte: F. A. U.

O processo de urbanização do Litoral Norte do Estado de São Paulo representou, em cerca de 30 anos, um considerável e crescente investimento em imóveis: terrenos e edificações. O espaço urbano aumentou várias vezes. As habitações eram 90,6% térreas, 6,5% habitações rústicas e barracos, 1,1% sobrados e 1,8% edifícios de até quatro pavimentos. Essas habitações eram 60,8% próprias, 27,2% alugadas e 12,0% cedidas. (Figuras 32, 33, 34 e 35).

O TURISMO

Em suas características gerais o turismo é a atividade das pessoas que fazem uma viagem de ida e volta a um núcleo receptor a partir de um mercado turístico, efetuando gastos diferentes do local habitual de residência, com a finalidade de desenvolver uma atividade de lazer. Nessa atividade dá-se uma transferência de renda de uma região para outra ou de um país para outro ocorrendo o consumo ou a fruição de bens e serviços turísticos.

Os gastos diretos do turista abrangem alojamento, alimentação, diversões, espetáculos, transportes, compra de bens duráveis de consumo e também serviços médicos, taxas etc. (Teixeira, H. J., 1972:28).

O turismo caracteriza-se principalmente como residencial e itinerante (Fuster, L. F., 1973:23).

Do ponto de vista econômico o turismo possui ainda uma particularidade quanto ao produto oferecido:

"1 — Il n'est pas détruit — thèoriquement du moins et dans la plupart des cas — par la consommation. L'eau, le sable, le soleil, les champs de neige, l'air vif du large ou des sommets, et ces produits même de l'action humaine que sont les monuments, les sites archéologiques, les musées ou les grandes réalisations techniques contemporaines, ne sont pas entamés par la consommation touristique.

"2 — Il doit être consommé *in situ*. En ce cas ce n'est pas le produit qui va vers le consommateur mais le consommateur qui va vers le produit. Ce renversement des rapports ordinaires entre production et consommation doit nécessairement s'exprimer par une intervention originale des mouvements touristiques dans l'organisation de l'espace" (Barbaza, Y., 1970:446).

No Litoral Norte do Estado de São Paulo a mais antiga atividade que se poderia denominar de turismo remonta ao final da década de 40, quando o Litoral era freqüentado pelos "habitués", como já se viu. Contudo, o turismo moderno se definiu primeiro como residencial a partir da década de 50. O turismo itinerante, inclusive o de acampamentos, é mais recente, remontando a 1960.

A São Sebastião o acesso se faz por automóvel ou pela Companhia de Ônibus Expresso Rodoviário Atlântico que possui normal-

Digitalizado com CamScanner

mente três horários diários. Pode-se alcançar São Sebastião por São José dos Campos, onde a estrada asfaltada apresenta trechos em reconstrução (1973) ou por Santos com estrada não asfaltada. As chuvas torrenciais de verão provocam interrupções passageiras no trajeto.

A cidade conta com equipamento de luz, água, telefones, calçamento e rede parcial de esgotos. Possui quatro hotéis, sendo três sem luxo, um Hospital de Clínicas, Cinema, dois clubes, seis restaurantes também sem luxo e muitos bares. Já fora da cidade há mais cinco hotéis sendo um de luxo. Possui comércio turístico com principalmente venda de artesanato.

O patrimônio histórico compõe-se, além das lendas e da história da cidade, de canhões antigos, os sobrados coloniais (Casa Esperança e o edifício da Cadeia), além da Igreja Matriz e da Capela de São Gonçalo. Fora da cidade existem o Convento de São Francisco, no bairro de São Francisco e a fazenda Sant'Ana, no Pontal da Cruz, propriedade particular. O terminal Marítimo "Almirante Barroso" da Petrobrás constitui também atração na cidade.

As praias mais valorizadas são as das Cigarras, Gaecá (onde há o "Buraco do Bicho", gruta natural), o Pontal da Cruz (com comércio), Barequessaba (com restaurante), São Francisco (com comércio) Boracéia (com bares), Una (com bar e posto de gasolina), Juqueí, Saí (com bar), Camburi (com bares), Maresias (com bar), Boissucanga (com bares), Toque-Toque Pequeno (com bares) e Toque-Toque Grande (com bar). Em Juqueí há motel, bares, um campo de aviação e um Esporte Clube.

As principais festas são a do Padroeiro, a 20 de janeiro, a "Corrida de Canoas", a de Reis, o Carnaval e as festas juninas.

O objetivo maior dos turistas é a busca do sossego e da informalidade, com a valorização da paisagem, principalmente do relevo, vegetação e a costa, que formam uma só unidade natural, ao mesmo tempo que podem desfrutar de um pouco de conforto das grandes cidades.

Em Ilhabela o turismo moderno começou por volta de 1949 intensificando-se a partir de 1960.

O acesso a Ilhabela é o mesmo de São Sebastião, acrescido da travessia do Canal de São Sebastião por "ferry-boat". Possui pequeno campo de aviação.

A cidade conta com equipamento de luz, água, telefones e calçamento parcial. Possui sete hotéis, alguns de luxo e mais três possibilidades de alojamento em apartamentos, além de quatro pensões, todos na parte interna do Canal de São Sebastião, três clubes, sendo dois particulares, treze restaurantes e bares para refeições e possui comércio turístico especializado em artesanato local. Há hotéis e comércio fora da cidade.

Digitalizado com CamScanner

São atrações históricas, além das lendas, a Igreja Matriz, o edifício da Cadeia e Forum e a sede da fazenda Engenho D'Água.

As praias mais valorizadas são as da parte interna do Canal, de fácil acesso por estrada não asfaltada, sendo a mais conhecida a de Garapocaia, onde estão as chamadas "pedras dos sinos". Existem também cascatas sendo a mais conhecida a da Toca. É possível alugar barcos para passeios e pesca no Saco do Indaiá.

As principais festas são as da Padroeira, a 2 de favereiro, a da fundação do município, a 3 de setembro, além do Carnaval, candomblés, congadas e realizações como as da "Copa Ilhabela" e "Peixe de Ouro" para a pesca e "Semana da Vela" para o iatismo.

O objetivo dos turistas é o mesmo já referido para São Sebastião.

Para Caraguatatuba o acesso se faz da mesma forma que para São Sebastião e Ilhabela.

A cidade possui equipamento de luz, água, telefones, calçamento e rede parcial de esgotos. Possui doze hotéis sem luxo e oito pensões, uma Santa Casa, dois cinemas, 2 clubes particulares e 10 restaurantes além de muitos bares. Possui além disso sete bares e casas noturnas e comércio turístico.

Caraguatatuba não possui patrimônio histórico sendo suas atrações as praias Enseada, Prainha, Martim de Sá, Massaguaçú, Cocanha, Mococa e Tabatinga, com balneários em formação. Nessas praias há formações naturais de gnaisses como as pedras do "Jacaré" e da "Freira".

Suas festas principais são a da fundação, a 20 de abril, o Carnaval, a Congada de São Benedito e a Gincana de Pesca.

Seu turismo é de caráter mais popular do que os de São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba e tem apresentado freqüência de até 25.000 pessoas (1973) nas temporadas, correspondendo a cerca de 30 a 40% do total do Litoral Norte (Folha de São Paulo, 8-2-73) (39).

O objetivo dos turistas é o mesmo já referido.

Para Ubatuba o acesso se faz por São José dos Campos ou por Taubaté, por estradas asfaltadas mas com trechos em reconstrução (1973). Possui campo de aviação já tendo tido linha semanal da VASP.

A cidade conta com equipamentos de luz, água, telefones, calçamento e rede de esgotos parcial. Possui um cinema, dois boliches, quatro clubes, sendo três particulares e fora da cidade, Santa Casa, 20 hotéis, a maioria no núcleo urbano, três "campings", dezenove restaurantes, três lanchonetes e muitos bares. Há ainda três casas

(39) Estimativa do D.E.E.R.

Digitalizado com CamScanner

noturnas. Possui sete lojas de comércio turístico especializado em artesanato local.

O patrimônio histórico compõem-se, além das lendas e da história da cidade, da Igreja Matriz, do edifício da Câmara e do Sobrado do Porto, todos coloniais.

São atrações o aluguel de barcos para passeios e pesca, o Museu Regional, as cascatas e a Passagem do Trópico de Capricórnio, com marco no local.

As praias, com exceção das do norte do município (1973) são todas muito procuradas, destacando-se o balneário do Lázaro, o maior e um dos mais organizados do Litoral Norte. São elas o próprio Lázaro, Prainha, Perequê-Açú, Vermelha do Sul, Tenório, Grande, Toninhas, Enseada, Dura, Ribeira, Lagoinha e Perequê-Mirim.

As principais festas são a da fundação da cidade, a 29 de outubro, o Carnaval, as juninas além de realizações como o concurso de esculturas na areia, provas de natação, corrida de canoas, caça submarina, procissão no mar, exposição artesanal e outras.

O movimento para Ubatuba chega a atingir 30.000 pessoas em certas ocasiões (1972) correspondendo a cerca de 40% do total do Litoral Norte(40). O objetivo dos turistas é o mesmo já referido anteriormente.

O turismo no Litoral Norte caracteriza-se por um excesso de oferta de hospedagem e pouca procura fora das temporadas embora os preços se mantenham altos. Nas temporadas ocorre o inverso e os preços sobem mais, assim como o custo da alimentação.

Dessa forma os custos maiores dos turistas devem ocorrer em alimentação, pois muitos possuem suas próprias residências.

Levantamento recente apurou o seguinte:

QUADRO CCXLV

Porcentagem de gastos do turista — 1950-60

Média de 19	Refeições	Alojamento	Transporte	Compras
Pesquisas	33,5%	25,0%	22,8%	22,7%

Fonte: Estudos Turísticos, 1973:17

A forte especulação imobiliária local levou o Governo do Estado a baixar o Decreto-Lei 52.892 de 7/3/72 disciplinando o uso do solo. O projeto acabou restrito às praias de mais de 5 km de

(40) Estimativa do D.E.E.R.

comprimento pouco atingindo o Litoral Norte. O Governo Federal baixou Decreto de Reforma Agrária em 15/8/72 para disciplinar também o uso do solo num sentido mais amplo.

Os problemas turísticos locais são os seguintes: falta ocasional de água, ausência de serviços completos de saneamento básico, poluição das praias, destruição da paisagem, ocupação da faixa de marinha, mal uso de lanchas próximas à praia, utilização de veículos nas praias e não existência de serviços municipais, estaduais ou federais de defesa do patrimônio natural e histórico com condições de atuação efetiva. Dessa forma esses problemas vem sendo resolvidos parcialmente e de modo intermitente.

A abertura da BR-101, a "Rio-Santos", acha-se adiantada, (1973), sendo no local parte de execução do projeto TURIS, o mais ambicioso do Governo Federal, que pretende organizar essa região costeira para que receba o turismo internacional(41). Tem ocorrido problemas como o atulhamento de pequenas praias e desmatamentos. A forte alta dos preços dos terrenos constitui também problema local.

Os aluguéis de residências para temporadas constituem alta fonte de renda no Litoral Norte com turistas pagando até Cr$ 300,00 por dia (1973) durante o Carnaval (informação local).

O turismo do Litoral Norte do Estado de São Paulo é ainda um turismo regional que abrange principalmente parte do Sudeste, notadamente o Estado de São Paulo, parte de Minas Gerais e Estado do Rio de Janeiro. Não obstante o Litoral Norte recebe turistas inclusive do Exterior.

CENTRALIDADE

O grau de centralidade mede a importância relativa de uma cidade como centro de sua região (Rochefort, M., 1960:612). Ele pode ser indicado pela proporção entre o Setor Terciário e a População Ativa desse setor. Nesse sentido ele é um indicador comparativo do processo de urbanização.

Utilizou-se aqui, a partir da proposição acima, o seguinte procedimento:

$$\frac{T}{A} = \frac{t}{A} \cdot \frac{T}{t} = \frac{\frac{t}{A}}{\frac{t}{T}}$$ em que

T = setor terciário da região;
A = população ativa da região nesse setor; e
t = setor terciário de cada cidade da região.

(41) O projeto tem recebido inúmeras críticas e seu andamento foi protelado (1973)

Digitalizado com CamScanner

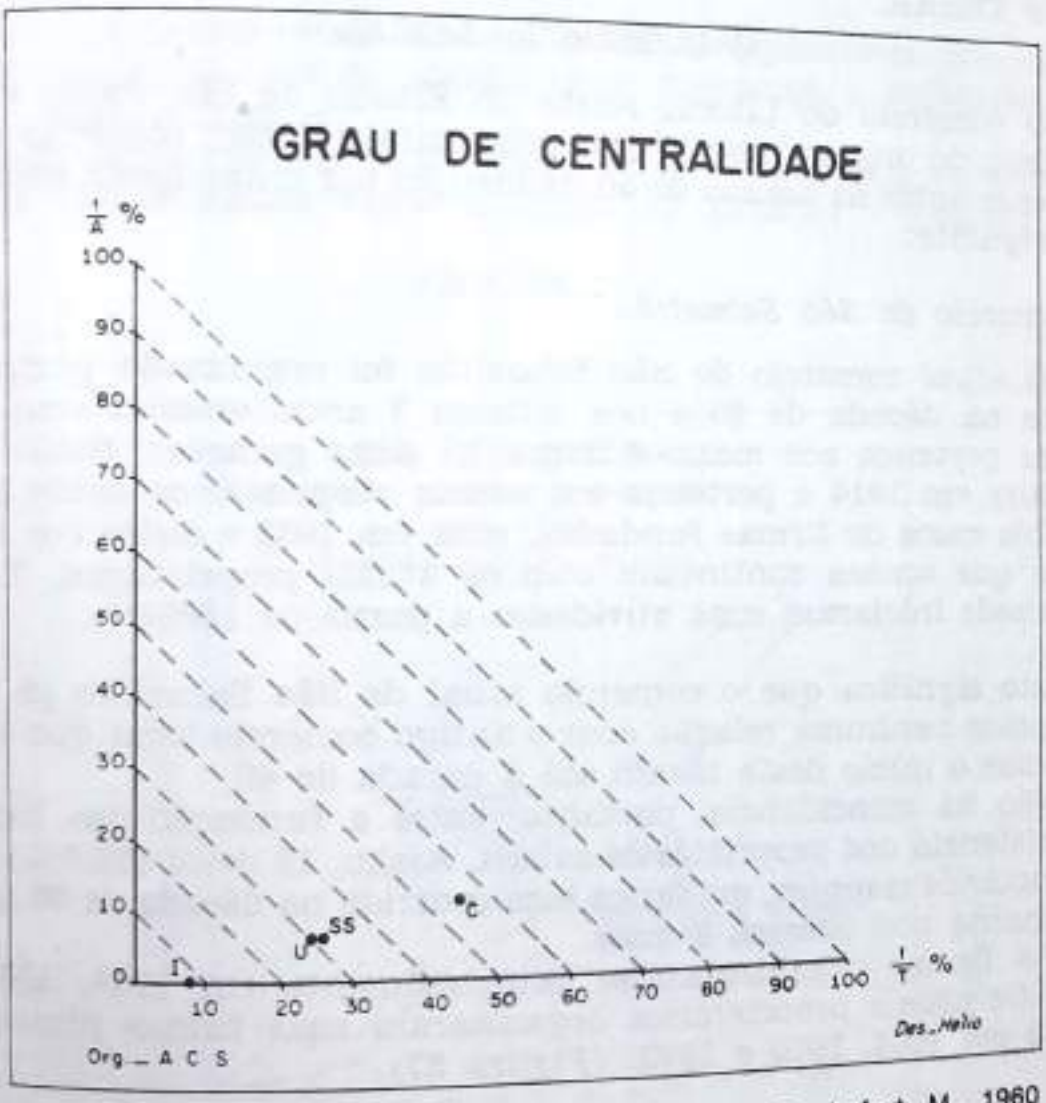
Os dados obtidos por pesquisa direta e elaborados foram os seguintes:

QUADRO CCXLVI (42)

	Setor Terc. $\frac{t}{T}$ 100		Pop. Ativa $\frac{t}{A}$ .100	
São Sebastião	214	25%	998	6,0%
Ilhabela	59	7%	124	0,2%
Caraguatatuba	383	44%	1.388	11,0%
Ubatuba	208	24%	1.065	6,0%
Totais	864	100%	3.575	—

Fonte: Pesquisa de Campo

FIGURA 36



Fonte: Rochefort, M., 1960

(42) Embora os índices do Setor Terciário sejam globais e os da População Ativa sejam amostrais isto não influiu nos resultados em vista do tamanho das amostras em cada cidade, cujos dados já foram mencionados.

A figura 36 apresenta os seguintes resultados: Caraguatatuba mostra-se com o maior grau de centralidade no Litoral Norte do Estado de São Paulo, medindo a importância relativa da urbanização nessa micro-região (entre 50% e 60%); em segundo lugar aparece São Sebastião (entre 30% e 40%) seguida de Ubatuba (entre 20% e 30%); Ilhabela aparece bem distanciada, com pouca expressão (entre 0% e 10%).

Este método indireto de investigação comprovou a afirmação anterior segundo a qual Caraguatatuba pode ser considerada como a "capital regional urbana" da região sendo São Sebastião, como se viu, sua "capital econômica". Por "capital econômica" entende-se o fenômeno urbano onde existe processo de industrialização direto ou indireto, no caso, representado respectivamente pela CONFRIO e pelo TEBAR.

O COMÉRCIO LOCAL

O comércio do Litoral Norte do Estado de São Paulo é um comércio de origem recente que substituiu o antigo comércio local existente antes da década de 50. Município por município a situação é a seguinte:

O comércio de São Sebastião

O atual comércio de São Sebastião foi organizado principalmente na década de 60 e nos últimos 3 anos, embora uma das firmas pertença aos mesmos donos há duas gerações, tendo sido fundada em 1914 e pertença aos atuais proprietários desde 1943. Há dois casos de firmas fundadas, uma em 1953 e outra em 1955, sendo que ambas continuam com os atuais proprietários. Todas as demais iniciaram suas atividades a partir de 1960(43).

Isto significa que o comércio atual de São Sebastião já não tem quase nenhuma relação com o antigo comércio local que existiu desde o início deste século até a década de 40.

Não há coincidência, portanto, entre a fundação das firmas e a existência dos proprietários atuais. Assim, 19 deles (39,6%) são proprietários recentes, mudança essa ocorrida na década de 60 principalmente nos últimos 3 anos.

As firmas organizaram-se principalmente em 1964, 1967 e 1970. Os atuais proprietários organizaram suas firmas principalmente em 1964, 1970 e 1972. (Figura 37).

(43) A amostra abrangeu 49 estabelecimentos correspondendo a 49,4% do total. A Pesquisa de Campo foi realizada em 1973.

Digitalizado com CamScanner

Esse fato mostra a existência de um dinamismo comercial local que foi confirmado por outros dados.

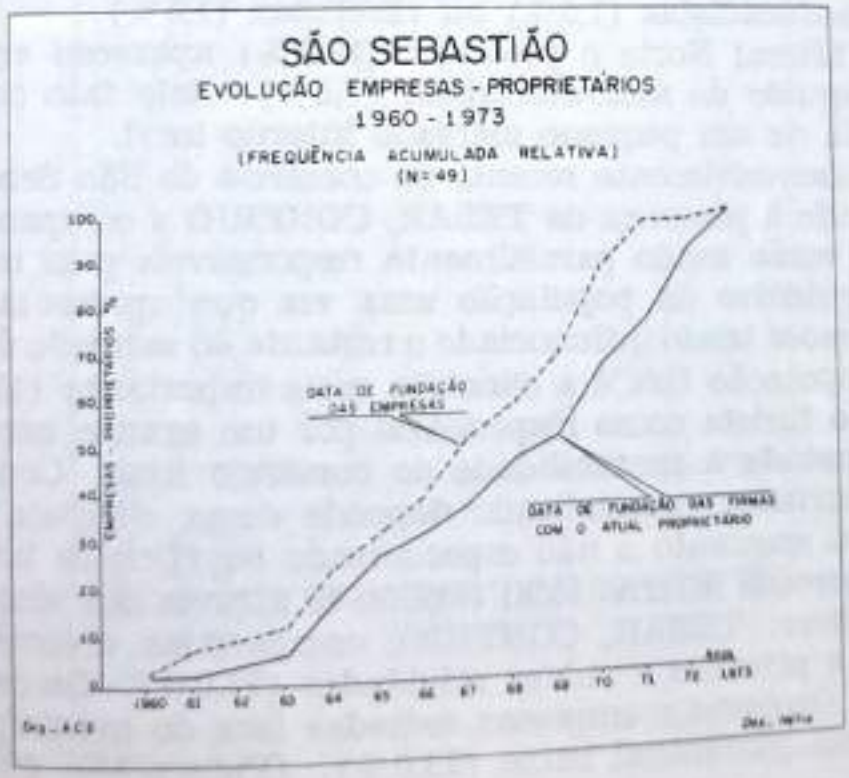
Dos imóveis 28 (57%) eram alugados e 21 (43,0%) próprios. O número de imóveis alugados relaciona-se à dinâmica comercial referida, embora esta seja também uma característica genérica do comércio.

Dos comerciantes 33 (68,7%) já exerciam essa atividade anteriormente sendo que 15 (31,3%) passaram ao exercício do comércio nos anos 60 e nos dois últimos anos, como se segue: 4 procedentes da lavoura, 1 empreiteiro, 1 advogado, 1 costureira, 1 alfaiate (autônomos), 1 funcionário público, 1 viajante, 1 empregado da Petrobrás, 1 empregado em olaria, 1 bancário, 1 que se declarou simplesmente empregado (empregados) havendo ainda 1 caso sem declaração.

Estes 15 devem estar também entre os responsáveis pelo dinamismo comercial recente significando poupança e aplicação de capital nessa atividade.

Entre os entrevistados 28 (62,2%) não expandiram ou diversificaram sua atividade comercial mas 17 (37,8%) o fizeram no

FIGURA 37



Fonte: Pesquisa de Campo

período analisado o que confirma a existência do dinamismo do comércio local.

As mercadorias comercializadas em São Sebastião apresentaram a seguinte procedência regional: A Grande São Paulo com 68,7% do total; o Litoral Norte com 11,9%; o Vale do Paraíba Paulista com 8,9%; a Baixada Santista com 3,3%; o Rio de Janeiro com 2,7%; e outros com 4,5%.

Da Grande São Paulo o município da Capital entrou com 68,2% do total, seguido de Mogi das Cruzes com 0,5%. No Litoral Norte a participação foi a seguinte: São Sebastião com 3,5%; Ilhabela com 2,8%; Caraguatatuba com 2,4%; e Ubatuba com 0,9%. O Vale do Paraíba Paulista apresentou São José dos Campos com 5,8%; Jacareí com 2,2%; Taubaté com 0,5%; e Caçapava e Lorena com 0,2% cada. A porcentagem da Baixada Santista refere-se a Santos. Os 4,5% restantes distribuem-se pelo interior de São Paulo e outros Estados sem caracterizar nítidos agrupamentos microregionais.

As compras no próprio Litoral Norte mostravam a existência de um pequeno mercado interno local o que foi confirmado por outros dados.

As compras foram feitas pricipalmente fora do Litoral Norte ((88,3%) sendo que através de representantes (41,2%) mais do que diretamente em atacadistas (38,2%), em produtores (5,9%), em semi-atacadistas (1,5%) ou varejistas (1,5%).

No Litoral Norte o produtor (10,2%) apareceu em primeiro lugar, seguido do semi-atacadista (1,5%). Este fato confirmou a existência de um pequeno mercado interno local.

O desenvolvimento recente do comércio de São Sebastião está relacionado à presença do TEBAR, CONFRIO e companhias diversas, que estão sendo parcialmente responsáveis pela melhoria do poder aquisitivo da população uma vez que apresentaram efeito multiplicador tendo influenciado o restante do mercado de trabalho.

A população fixa é a clientela mais importante (45,3%) aparecendo o turista como responsável por um grande excedente que é acrescentado à rentabilidade do comércio local. Contudo o comércio turístico especializado depende dessa clientela em maior proporção enquanto o não especializado beneficia-se também (44).

O mercado interno local revelou-se através dos vários tipos de compradores: TEBAR, CONFRIO, companhias diversas, serviços públicos e privados e outras atividades (77,0%). Os compradores externos (turistas e empresas sediadas fora do município) apareceram com percentual baixo (23,0%). (Figura 38). (45)

---

(44) A estrutura comercial de uma localidade turística é diversa da regra geral. As empresas estão equipadas para atender a uma dupla e diferente demanda.

(45) A pesquisa foi realizada fora de temporada.

Digitalizado com CamScanner

Ilhabela (8,2%) e Caraguatatuba (2,1%) apareceram como clientes do comércio de São Sebastião embora com pequena participação.

Não obstante a existência do pequeno mercado interno local o excedente agregado pelo turismo à renda comercial não é pouco. O volume de vendas cresce nos feriados, fins de semana e temporadas, dezembro-fevereiro e julho — que representam o maior percentual — (76,0%). Uma parte do comércio local (16,0%) não é afetada pelo movimento turístico.

FIGURA 38

Fonte: Pesquisa de Campo

As férias e as temporadas trazem para o comércio de São Sebastião o principal problema: tem ocorrido a falta de bebidas (80,0%) visto que o fornecimento não é suficiente por limitações

Digitalizado com CamScanner

da produção ou em vista do aumento do consumo no Planalto e em outras regiões litorâneas. Outros problemas são a dificuldade d transporte por mar no caso do artesanato (7,1%), questões relativas a frete (7,1%) e problema de época de safra de produtos consumidos no local — frutas entre outros. (7,2%)

As vendas à vista são a maioria (57,8%) ocorrendo também as vendas à prazo (42,2%) das quais uma alta parcela é mensal (69,2%). As firmas utilizam ou aceitam o serviço bancário (37,5%). Realizam o auto-financiamento das vendas (50,0%) e aceitam os cartões de crédito (12,5%) para o movimento dos negócios.

Isto significa que apesar do dinamismo comercial, da existência do mercado interno e do excedente agregado pelo turismo, o volume das vendas a prazo e dos processos de financiamento revelam a existência de um sistema local cuja auto-sustentação e evolução relacionam-se a uma pressão contínua da demanda com aumento dependendo de poderes de decisão externos ao município.

O lucro realizado pelo comércio local é reinvestido na mesma atividade (37,5%) embora os gastos pessoais sejam grandes (36,7%). Há também a aplicação em terrenos (11,7%), casas (10,0%) e apartamentos (0,8). A aplicação no mercado financeiro é reduzida (3,3%).

É importante assinalar que, embora os investimentos em imóveis representem uma forma lenta de retorno do capital, a liquidez é grande em vista do "deficit" de habitações e da demanda de terras, representando também para a economia interna um relativo e contínuo fortalecimento. Há inclusive margem para um aumento da poupança individual, embora isto não possa ser generalizado para todas as empresas e os gastos pessoais devem estar relacionados presumivelmente a despesas realizadas anteriormente na faixa de bens duráveis de consumo.

O comércio de Ilhabela

O atual comércio de Ilhabela foi organizado principalmente na década de 60. Algumas firmas são anteriores a esse período. A mais antiga foi fundada em 1949 e outras duas uma em 1952 e outra em 1958(46).

Isto significa que o comércio atual de Ilhabela já não tem quase nenhuma relação com o antigo comércio local que existiu até a década de 40 como se verificou para o caso de São Sebastião.

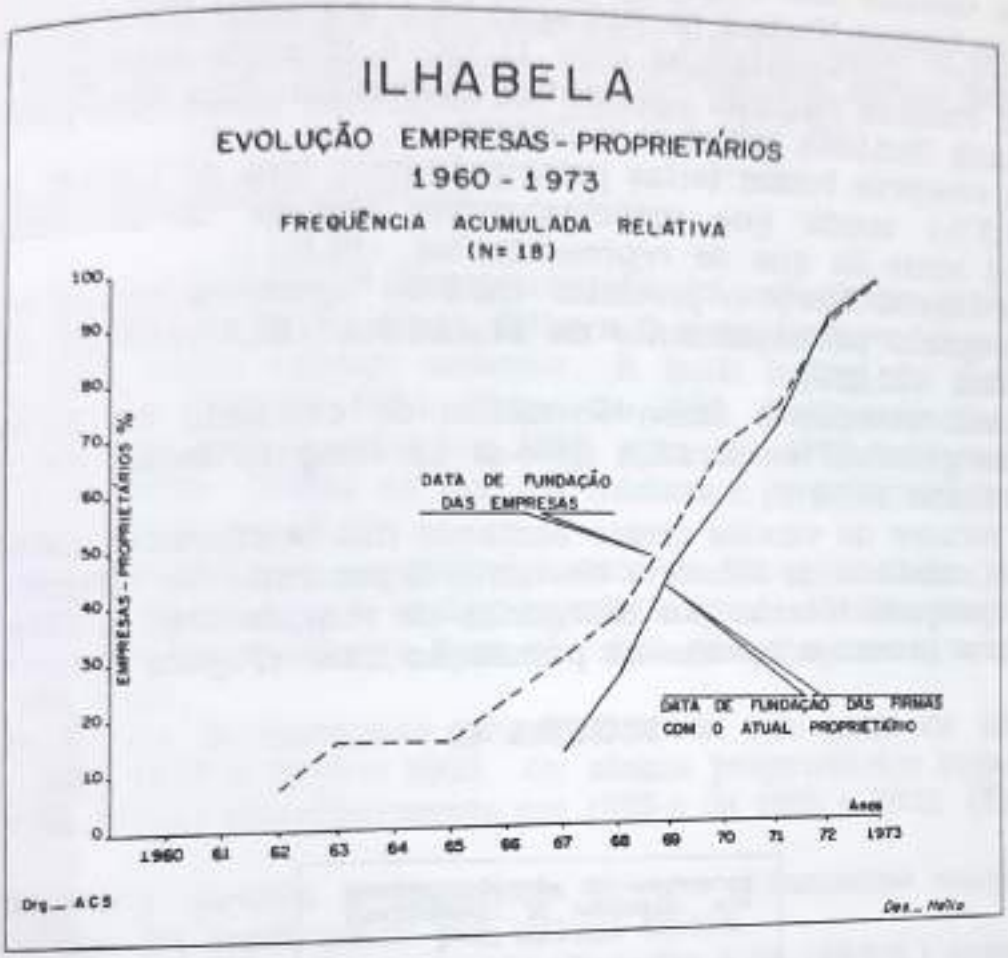
As firmas organizaram-se principalmente em 1969, 1970 e 1972. Os atuais proprietários organizaram suas firmas principalmente em 1969 e 1972. (Figura 39).

---

(46) A amostra abrangeu 18 estabelecimentos correspondendo a 30,5% do total.

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 39



Fonte: Pesquisa de Campo

Dos imóveis 4 (22,2%) eram alugados e 14 (77,8) próprios mostrando situação inversa à de São Sebastião.

Dos comerciantes 8 (44,5%) já exerciam essa atividade anteriormente sendo que 10 (55,5%) passaram ao exercício do comércio nos anos 60 como se segue: 1 motorista aposentado (autônomo) e 1 que trabalhava em salga de peixe (proprietário).

Entre os entrevistados 11 (61,1%) não expandiram ou diversificaram sua atividade comercial e 7 (38,9%) o fizeram.

Trata-se pois, diferentemente de São Sebastião, de comércio com pouco dinamismo(47).

As mercadorias comercializadas em Ilhabela apresentaram a seguinte procedência regional: a Grande São Paulo com 48,7% do

(47) Pode tratar-se de tendência relativa ao momento da amostra.

total; o Litoral Norte com 38,8%; o Vale do Paraíba Paulista com 6,7%; a Baixada Santista com 5,0%; o Rio de Janeiro com 0,3%; e outros com 0,5%.

Da Grande São Paulo o município da capital entrou com o total; no Litoral Norte a participação foi a seguinte: São Sebastião com 12,3%, Caraguatatuba com 11,7% e Ilhabela com 8,9%; o Vale do Paraíba Paulista apresentou apenas São José dos Campos, a Baixada Santista refere-se a Santos.

As compras foram feitas principalmente fora do Litoral Norte (51,3%) sendo que principalmente através de atacadistas (52,6%) mais do que de representantes (36,8%).

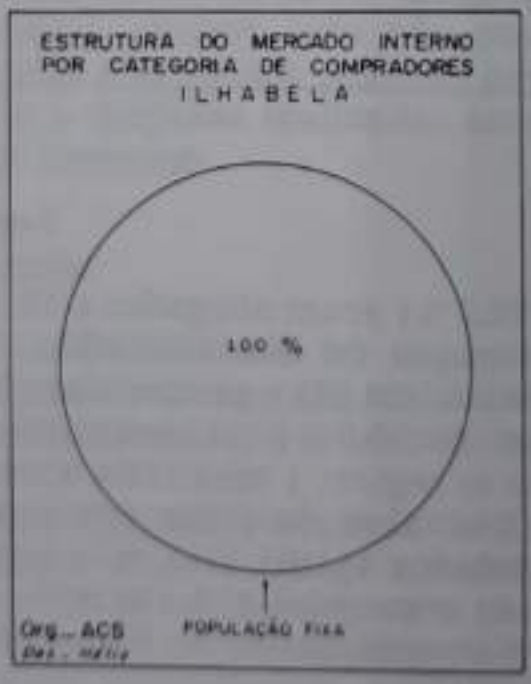
No Litoral Norte o produtor (38,9%) apareceu em primeiro lugar seguido principalmente do atacadista (33,3%) e do semi-atacadista (22,2%).

A manutenção e desenvolvimento do comércio de Ilhabela fora das grandes temporadas deve-se às compras locais (40,0%) e ao turismo (60,0%).

O volume de vendas cresce bastante nas temporadas (99,0%) sendo o comércio de Ilhabela bastante dependente do turismo.

O mercado interno por categorias de compradores mostra no entanto a presença apenas da população fixa. (Figura 40).

FIGURA 40



Fonte: Pesquisa de Campo

Digitalizado com CamScanner

Os comerciantes de Ilhabela vêem-se às voltas com a falta de produtos (66,6%) principalmente gêneros alimentícios (100,0%), durante as temporadas.

As vendas à vista são a maioria (99,9%).

O lucro realizado pelo comércio local é principalmente reinvestido na mesma atividade (42,5%) e utilizado em gastos pessoais (42,5%) com pouca aplicação em imóveis (15,0%).

O comércio de Caraguatatuba

O atual comércio de Caraguatatuba foi organizado principalmente na década de 60 e nos últimos 3 anos, embora uma parte das firmas tenha origem anterior. A mais antiga foi fundada em 1923. Há uma de 1933. Cinco de 1943. Seguem-se duas em 1948, uma em 1949, quatro em 1953, uma em 1956, três em 1958 e uma em 1959. Todas as demais iniciaram suas atividades em 1960 num total de 65 ([48]).

Isto significa que o comércio atual de Caraguatatuba já não tem quase relação com o antigo comércio local. Muitos proprietários são recentes, mudança essa ocorrida principalmente nos últimos três anos.

As firmas formaram-se principalmente nos anos de 1965 e 1966, 1968, 1970 e 1972 e 1973. Os atuais proprietários organizaram suas firmas principalmente em 1965 e de 1968 a 1973. (Figura 41).

Esse fato mostra a existência de um dinamismo comercial local o que foi confirmado por outros dados.

Dos imóveis 51 (60,0%) eram alugados e 34 (40,0%) próprios. O número de imóveis alugados relaciona-se com a dinâmica comercial repetindo fenômeno observado para São Sebastião.

Dos comerciantes 55 (64,7%) já exerciam essa atividade anteriormente sendo que 30 (35,3%) passaram ao exercício do comércio nos anos 60 e nos 3 últimos anos como se segue: 1 costureira (autônomo), 1 agricultor, 1 criador de gado (proprietário), 1 funcionário público, 1 comerciário, 1 escriturário (empregados) e 1 estudante.

Esses 7 devem estar também entre os responsáveis pelo dinamismo comercial recente, significando poupança e aplicação de capital nessa atividade.

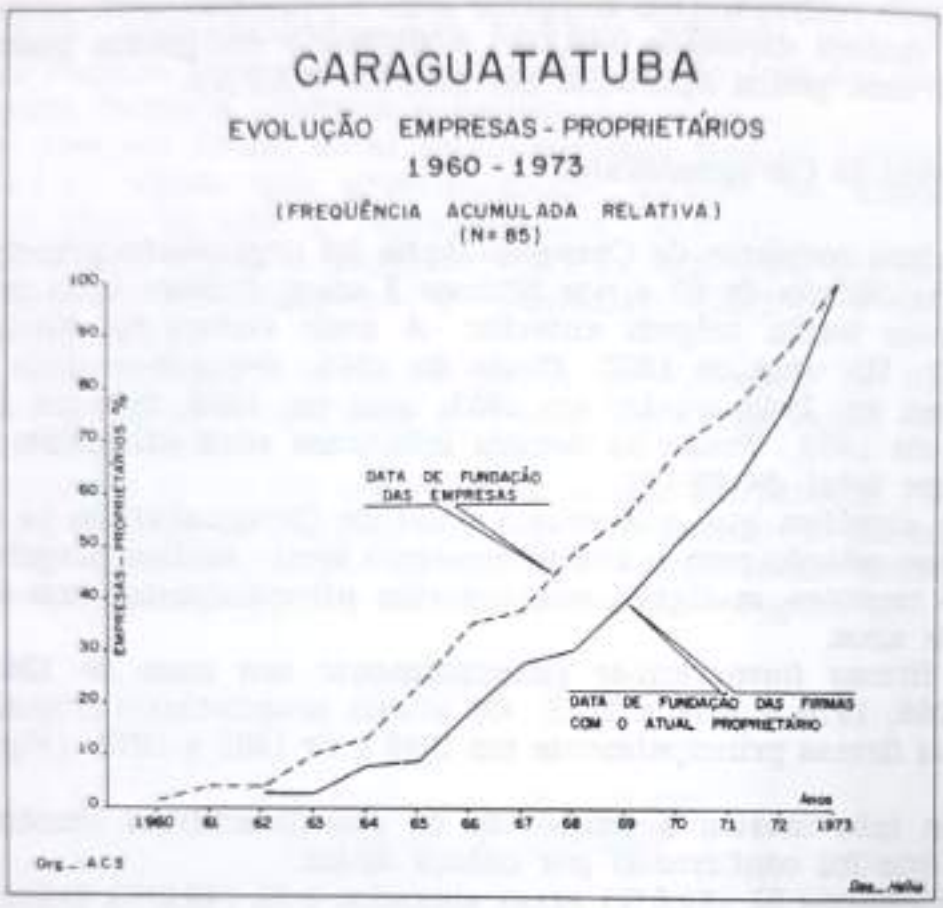
Entre os entrevistados 54 (63,5%) não aumentarama sua atividade e 63 (74,1%) não diversificaram o negócio, mas 31 (36,5%) aumentaram e 22 (25,9%) expandiram-se confirmando o dinamismo do comércio.

---

(48) A amostra abrangeu 85 estabelecimentos correspondendo a 50,9% do total.

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 41



Fonte: Pesquisa de Campo

As mercadorias comercializadas em Caraguatatuba apresentaram a seguinte procidência regional: a Grande São Paulo com 72,6% do total; o Litoral Norte com 10,3%; o Vale do Paraíba Paulista com 9,6%; o Rio de Janeiro com 2,5%; e outros com 5,0%.

Da Grande São Paulo o maior movimento correspondeu à capital com 71,6%; no Litoral Norte Caraguatatuba entrou com 8,6%, Ubatuba com 0,8%, São Sebastião com 0,7% e Ilhabela com 0,2%; no Vale do Paraíba Paulista a participação maior foi de São José dos Campos com 3,0%, seguida de Paraibuna com 2,6%, Taubaté com 1,4% e outros com menor expressão.

As compras no próprio Litoral Norte mostraram a existência de um pequeno mercado interno local o que foi confirmado por outros dados.

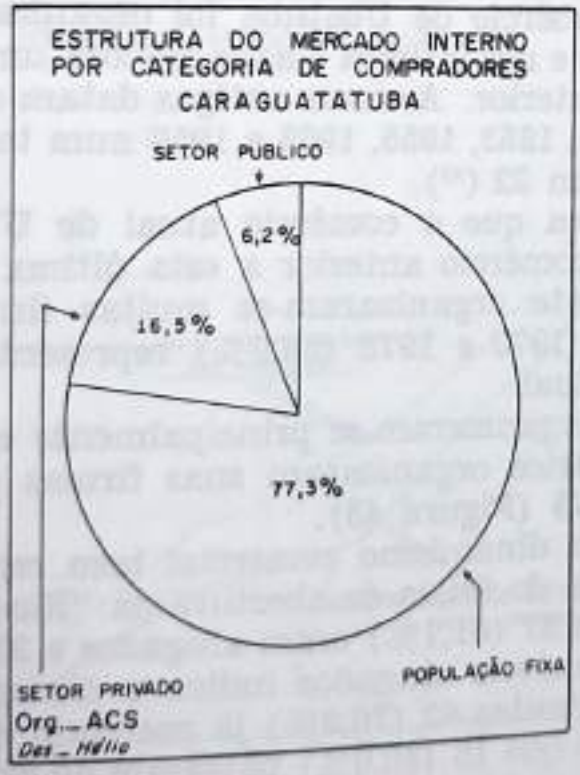
Digitalizado com CamScanner

As compras foram feitas principalmente fora do Litoral Norte (79,8%) sendo que principalmente através de atacadistas (36,5%), representantes (32,5%) e produtores (23,6%).

No Litoral Norte o produtor (58,0%) apareceu em primeiro lugar seguido principalmente do atacadista (19,3%) e do semi-atacadista (16,1%). Este fato confirmou a existência de um pequeno mercado interno local.

O desenvolvimento recente do comércio de Caraguatatuba está relacionado à demanda de empresas privadas (16,5%) e empresas públicas (6,2%) também da população fixa (77,3%). A demanda turística é contudo bem grande (85,7%) no que se refere a compradores de fora do município. O comércio turístico especializado depende dessa demanda. O mercado interno local revelou-se através dos tipos de compradores: construtoras, hotéis, bares, restaurantes, cantinas, lanchonetes, armazéns, a COTESP, SUDELPA, TEBAR, Prefeitura, cooperativas e Light (22,7%). São Sebastião (27,4%), Ubatuba (23,5%) e Ilhabela (11,7%) efetuam compras em Caraguatatuba. (Figura 42).

FIGURA 42



Fonte: Pesquisa de Campo

Se as temporadas são responsáveis por um grande aumento no volume de vendas (99,0%) uma parte do comércio local não depende essencialmente do turismo (54,1%).

As férias e as temporadas trazem para o comércio de Caraguatatuba alguns problemas principalmente com a falta de bebidas (25,7%). Uma parte sempre se recente da falta de gêneros alimentícios (27,8%).

As vendas à vista são a maioria (81,8%) ocorrendo também as vendas à prazo (18,2%) das quais uma alta parcela é mensal (50,0%).

As firmas utilizam ou aceitam o serviço bancário (20,0%) ou outras formas de financiamento (80,0%).

A mesma dependência estrutural observada para São Sebastião observa-se para Caraguatatuba: o aumento da demanda depende de poderes de decisão externos ao município.

O lucro realizado pelo comércio local é reinvestido na mesma atividade (29,5%) embora os gastos pessoais sejam grandes (36,4%) assim como o investimento em imóveis (29,9%). A aplicação no mercado financeiro é pequena (4,2%). Nos gastos pessoais deve ser importante o gasto com bens duráveis de consumo.

O comércio de Ubatuba

O atual comércio de Ubatuba foi organizado principalmente na década de 60 e nos últimos 4 anos embora uma parte das firmas tenha origem anterior. As mais antigas datam de 1940, 1941, 1945, 1948, 1950, 1951, 1953, 1955, 1958 e 1959 num total de 14. A partir de 1960 surgiram 32 ([49]).

Isto significa que o comércio atual de Ubatuba tem pouca relação com o comércio anterior a esta última década.

Recentemente organizaram-se muitas firmas novas principalmente entre 1970 e 1973 (56,0%) representando mais da metade do total atual.

As firmas organizaram-se principalmente em 1963 e 1972. Os atuais proprietários organizaram suas firmas principalmente em 1970, 1972 e 1973 (Figura 43).

Há pois um dinamismo comercial bem recente provavelmente por influência do início de abertura da "Rio-Santos", a BR-101.

Dos imóveis 37 (61,7%) eram alugados e 23 (38,3%) próprios. O número de imóveis alugados indica o dinamismo referido.

Dos comerciantes 42 (70,0%) já exerciam essa atividade anteriormente sendo que 18 (30,0%) passaram ao exercício do comércio nos anos 60 e nos últimos 4 anos como se segue: 1 procedente da lavoura, 1 proprietário de bar (proprietários), 1 pintor (autôno-

(49) A amostra abrangeu 60 estabelecimentos correspondendo a 54,0% do total.

Digitalizado com CamScanner

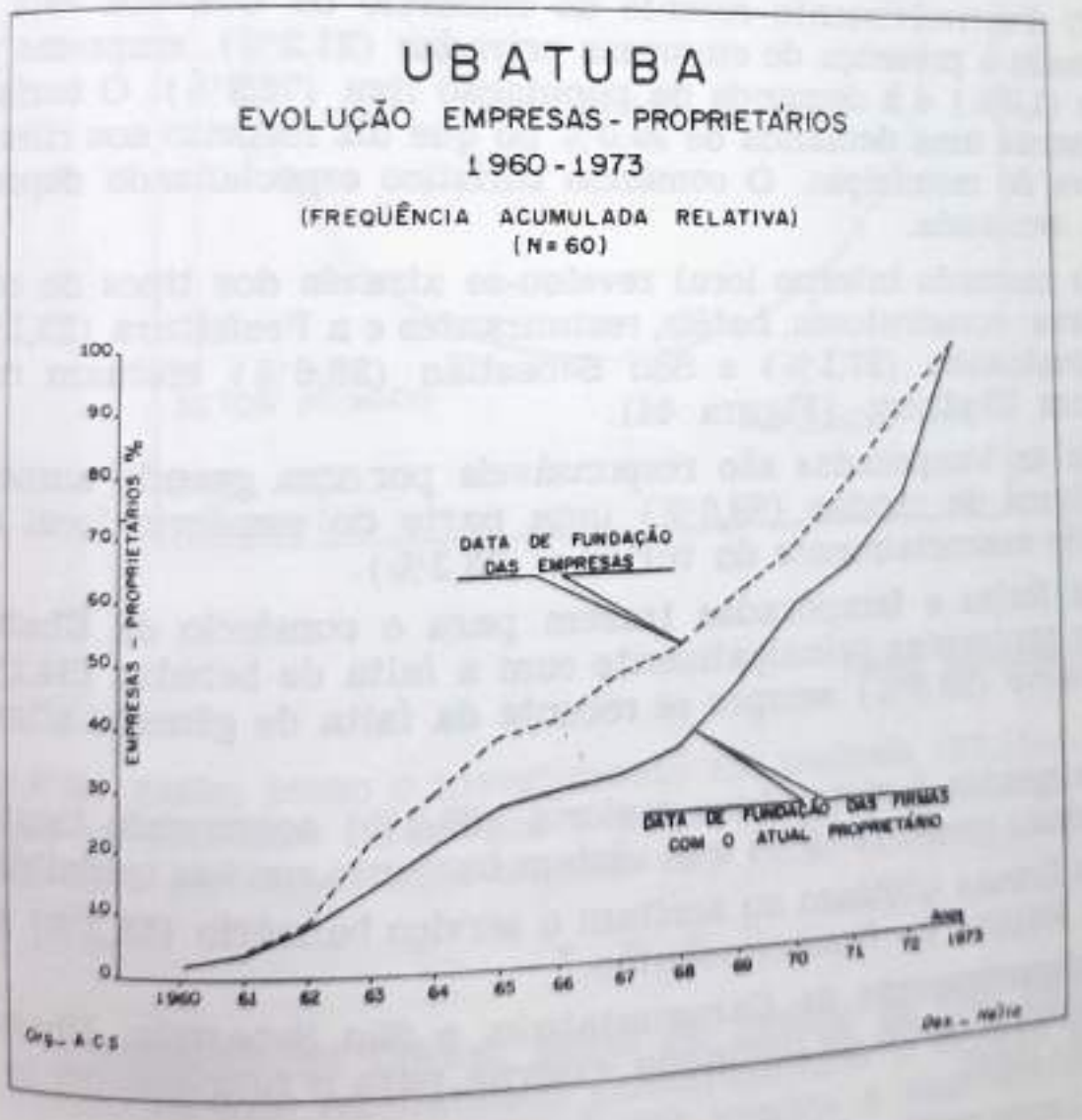
mo), 1 industriário, 1 representante, 1 comerciário, 1 escriturário (empregados) e 1 estudante.

Estes 8 devem estar também entre os responsáveis pelo dinamismo comercial recente significando poupança e aplicação de capital nessa atividade.

Entre osentrevistados uma parte não expandiu ou diversificou sua atividade comercial (67,5%) mas uma parte o fez (32,5%) no período analisado o que confirma a existência do dinamismo do comércio local.

As mercadorias comercializadas em Ubatuba apresentaram a seguinte procedência regional: a Grande São Paulo com 64,6% do total; o Litoral Norte com 19.2%; o Vale do Paraíba Paulista com 12,5%; a Baixada Santista com 1,2%; o Rio de Janeiro com 2,0%; e outros com 0,5%.

FIGURA 43



Fonte: Pesquisa de Campo

Da Grande São Paulo o município da Capital entrou com 61,3% seguido de Mogi das Cruzes com 3,0% e São Bernardo do Campo com 0,3%; do Litoral Norte Ubatuba entrou com 18,0%, Caraguatatuba com 1,0% e São Sebastião com 0,2%; do Vale do Paraíba Paulista, São José dos Campos entrou com 7,0%, Taubaté com 3,0% Paraibuna com 1,3%, Jacareí com 1,0% e Pindamonhangaba com 0,2%; da Baixada Santista Santos entrou com 1,0% e Itanhaem com 0,2%.

As compras no próprio Litoral Norte mostraram a existência de um pequeno mercado interno local o que foi confirmado por outros dados.

As compras foram feitas principalmente fora do Litoral Norte (75,7%) sendo que principalmente através de atacadistas (40,2%) mais do que em representantes (38,9%) e de produtores (16,8%).

No Litoral Norte o produtor (48,0%) apareceu em primeiro lugar seguido principalmente do atacadista (36,0%). Este fato confirmou a existência de um pequeno mercado interno local.

O desenvolvimento recente do comércio de Ubatuba está relacionado à presença de empresas privadas (21,2%), empresas públicas (1,9%) e à demanda da população fixa (76,9%). O turismo representa uma demanda de 99,0% no que diz respeito aos clientes de fora do município. O comércio turístico especializado depende dessa demanda.

O mercado interno local revelou-se através dos tipos de compradores: construtoras, hotéis, restaurantes e a Prefeitura (23,1%). Caraguatatuba (57,1%) e São Sebastião (28,6%) efetuam compras em Ubatuba. (Figura 44).

Se as temporadas são responsáveis por um grande aumento no volume de vendas (99,0%) uma parte do comércio local não depende essencialmente do turismo (73,3%).

As férias e temporadas trazem para o comércio de Ubatuba alguns problemas principalmente com a falta de bebidas (34,2%). Uma parte (29,6%) sempre se recente da falta de gêneros alimentícios.

As vendas à vista são a maioria (86,5%) ocorrrendo também as vendas à prazo (13,5%) que variam bastante em sua modalidade.

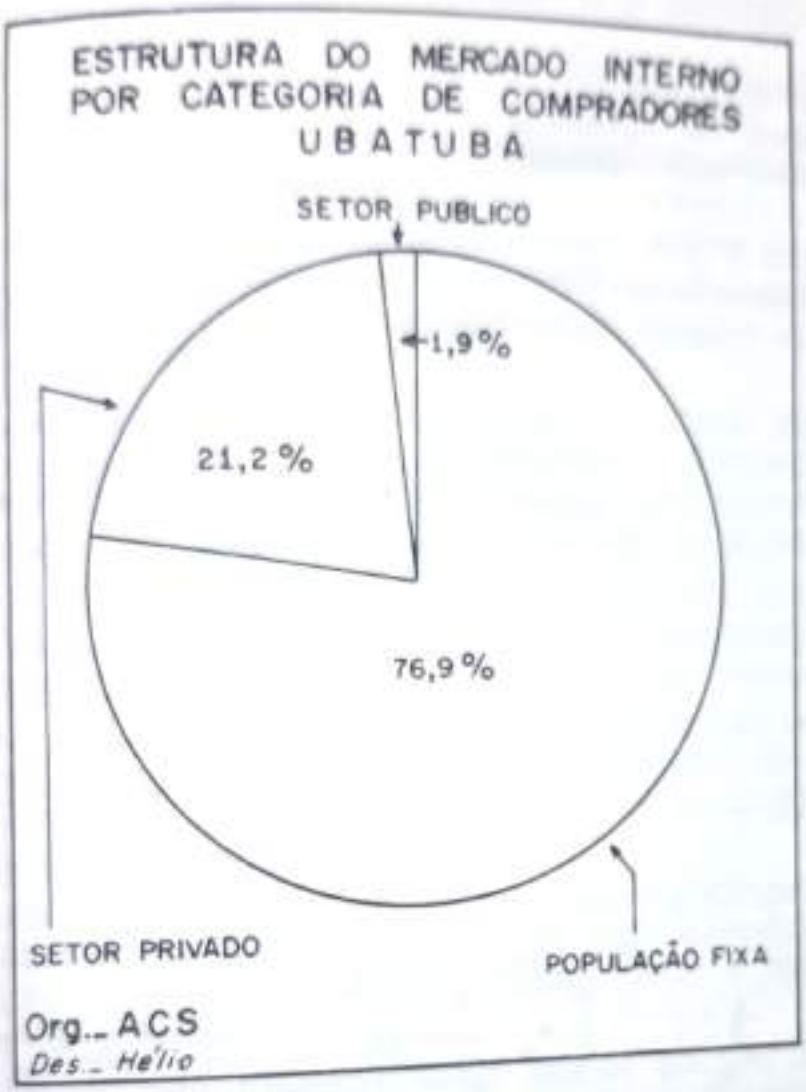
As firmas utilizam ou aceitam o serviço bancário (53,3%) sem outras formas de financiamentoo.

Diferentemente de Caraguatatuba e São Sebastião, Ubatuba não depende tanto da demanda externa para o funcionamento do mercado local.

O lucro realizado pelo comércio local é reinvestido na mesma atividade (37,8%) embora os gastos pessoais sejam grandes

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 44



Fonte: Pesquisa de Campo

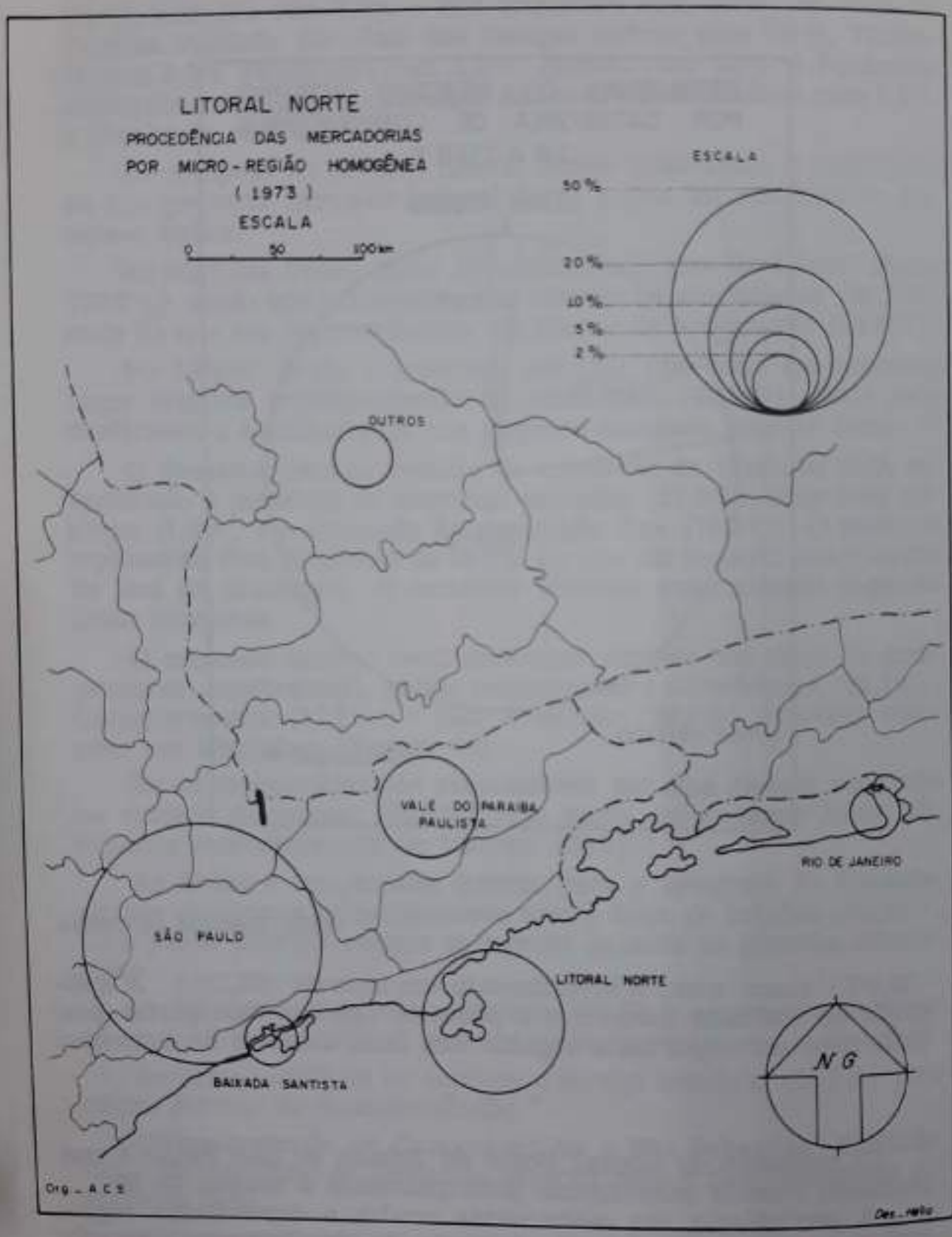
(38,6%) assim como o investimento em imóveis (22,1%). A aplicação no mercado financeiro é pequena (1,4%). Nos gastos pessoais deve ser importante o gasto com bens duráveis de consumo.

* * *

O comércio do Litoral Norte do Estado de São Paulo é um comércio recente remontando principalmente à década de 60.

A procedência das mercadorias mostra a dependência regional mas define também a existência de um pequeno mercado interno local. (Figura 45).

FIGURA 45



Fonte: I.B.G.E. e Pesquisa de Campo

O comércio do Litoral Norte é um comércio que existe num espaço local e regional.

A URBANIZAÇÃO, O TURISMO E A REGIÃO

As cidades do Litoral Norte do Estado de São Paulo são cidades históricas remontando sua fundação ao século XVII. Suas unidades naturais de ocupação são planícies costeiras de sedimentação predominantemente marinha.

O povoamento e a colonização ocorreram com a implantação de uma economia de produção do açúcar, aguardente, fumo e anil a partir do século XVII caracterizando espaços econômicos produtivos de exportação.

Com a descoberta do ouro no Planalto o Litoral Norte viu o desenvolvimento dos portos de São Sebastião e Ubatuba, que se tornaram elementos do espaço de circulação articulando a Colônia à Metrópole, ocorrendo possível decréscimo de população.

No século XVIII caracterizou-se a vida regional por uma expansão dos espacos produtivos de subsistência alternando-se a sua ocorrência com a economia de exportação para o mercado europeu.

No século XIX com o aparecimento e valorização do café revou-se o papel dos portos litorâneos como elementos do espaço de circulação e cresceram os espaços urbanos melhorando também as comunicações com o Planalto

No século XX o Litoral Norte, que conhecera momentos anteriores importantes de desenvolvimento de uma economia aberta, viu-se relativamente marginalizado, mantendo-se a urbanização nos padrões do passado.

O rompimento da marginalização deu-se no fim da década de 30 com a construção da estrada de rodagem ligando São Sebastião-Caraguatatuba a São José dos Campos no Planalto.

No início da década de 50 desencadeou-se o movimento turístico que daria ensejo a um intenso processo de urbanização.

Essa urbanização está relacionada também a um processo de sobre-povoamento do litoral efetivado por um grande movimento migratório com origem no Planalto, no período 1950-1970.

Foi nesse período que ocorreu a urbanização de inúmeras praias com o surgimento dos atuais balneários e áreas de turismo extendendo-se o fenômeno ao longo da costa.

Cresceram assim os espaços geoeconômicos de produção, circulação e consumo costeiros.

A urbanização alcançou seu ponto mais alto em Caraguatatuba que apresenta o maior grau de centralidade da região.

Digitalizado com CamScanner

O fenômeno urbano mais importante é o comércio, que mantêm importantes relações com o Planalto, particularmente com a Grande São Paulo e o Vale do Paraíba Paulista e com outras regiões costeiras como a Baixada Santista e o Rio de Janeiro. Há também um interrelacionamento local mais ou menos significativo.

Como se viu anteriormente, no seu conjunto o processo de organização de espaço urbano está relacionado ao aproveitamento das planícies costeiras situadas nas baixadas litorâneas tropicais úmidas.

As pequenas cidades do Litoral Norte do Estado de São Paulo constituem hoje unidades menores de uma ampla rede urbana macro-regional do Sudeste brasileiro. Este resultado confirma observação em pesquisa já realizada anteriormente (Lecocq-Müller, N., 1969:303).

OS ESPAÇOS GEOECONÔMICOS URBANOS E TURÍSTICOS

As cidades são fenômenos de concentração dos espaços geoeconômicos de produção, circulação e consumo de bens e serviços.

São importantes elementos de organização do espaço e por suas características são capazes de atrair outras atividades.

Como espaço de localização definem unidades geográficas em que são estreitas as relações verticais entre os grupos humanos e o meio natural.

Como espaços de relações definem-se como pontos nodais de relacionamentos locais e regionais.

O processo de urbanização do Litoral Norte do Estado de São Paulo redefiniu os antigos bairros caiçaras, já caracterizou bem a formação dos balneários e criou uma hierarquia de centros locais.

Esses centros constituem hoje um prolongamento da urbanização do Sudeste brasileiro no caso impulsionada principalmente pela Grande São Paulo, Baixada Santista, Vale do Paraíba Paulista e Rio de Janeiro.

Nesse sentido eles fazem parte de um espaço geoeconômico nacional que se relaciona ao espaço de economia internacional localizado no território brasileiro e ao qual já se fez menção.

O mercado interno local pode ser considerado, nas quatro sedes municipais, como parte do amplo mercado interno dessa parte do território nacional que complementa espaços geoeconômicos nacionais e internacionais.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO III

RURALIZAÇÃO E MERCADO

Digitalizado com CamScanner

OS SITIOS RURAIS

O sitio rural define-se como a parte de um território que abriga efetivamente a existência de uma ou mais unidades de exploração agrícola, pecuária ou extrativa (Dolfuss, O., 1973:19).

No Litoral Norte do Estado de São Paulo o sítio rural apresenta-se como uma estreita faxa de terra agrícola situada entre a forte declividade da Escarpa da Serra do Mar e a linha da costa, alterada em vários trechos pelo processo de urbanização que vem ocupando as praias em toda extensão do litoral.

Em seu aspecto físico essa faixa situa-se principalmente nos sertões do litoral e em pequenas planícies costeiras de sedimentação predominantemente marinha, com a ocorrência também de aluviões e colúvios em alguns pontos.

Na definição desse litoral foi observado que "é bastante sensível a aproximação das formações antigas do relêvo continental com a linha de costa no litoral paulista, chegando mesmo numerosos de seus esporões a invadir o mar, ficando, desse modo, submetidos ao trabalho destruidor das vagas que os atacam, dando origem a pequenas falésias designadas pelo litorâneo como "costões". Esta situação traz, como consequência, pequeno desenvolvimento da planície litorânea, em muitos trechos. Ela se adelgaça e em muitas áreas fica reduzida apenas a praias insignificantes em seu desenvolvimento para o interior. Comumente não passam de baixadas isoladas entre esporões. Cria-se, destarte, uma sequência entre costas altas e praias, sugestiva como paisagem turística e de significação importante para a distribuição do povoamento" (Silveira, J. D. da, 1952:107).

No município de São Sebastião distinguem-se quatro unidades distintas no que diz respeito ao sitio rural: as formações litorâneas extensas ou profundas que se desenvolvem de Boracéia até Camburi; as formações menores de Camburi a Toque-Toque Grande; o trecho mais intensamente urbanizado de Gaecá às Cigarras, com praias pouco extensas e profundas; o trecho da Enseada com agricultura desenvolvendo-se longe da praia, sendo o mais importante sitio rural. (Figura 46).

Digitalizado com CamScanner

FIGURA 46

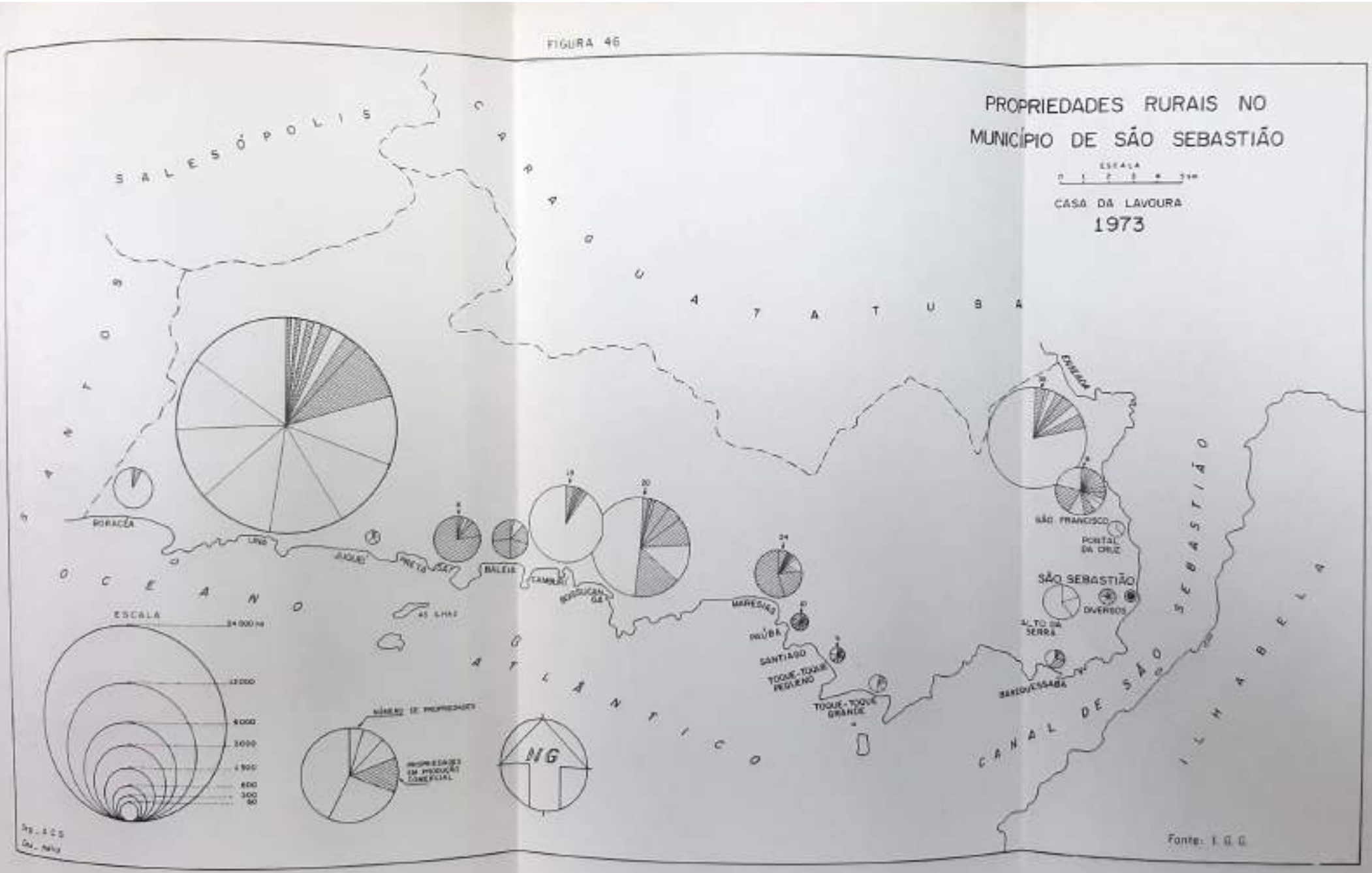

PROPRIEDADES RURAIS NO
MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO
ESCALA
CASA DA LAVOURA
1973
SALESÓPOLIS
CARAGUATATUBA
SANTOS
OCEANO ATLÂNTICO
CANAL DE SÃO SEBASTIÃO
ILHABELA
BORACÉA
LINO
JUQUEI
PRETA
SAT
BALEIA
TAMBURI
BOIGUCANGA
MARESIAS
PAÚBA
SANTIAGO
TOQUE-TOQUE PEQUENO
TOQUE-TOQUE GRANDE
BARIQUESSABA
ALTO DA SERRA
SÃO SEBASTIÃO
DIVERSOS
PORTAL DA CRUZ
SÃO FRANCISCO
ENSEADA
ESCALA
24 000 ha
12 000
6 000
3 000
1 500
600
300
NÚMERO DE PROPRIEDADES
PROPRIEDADES EM PRODUÇÃO COMERCIAL
NG
Fonte: I.G.G.

FIGURA 47

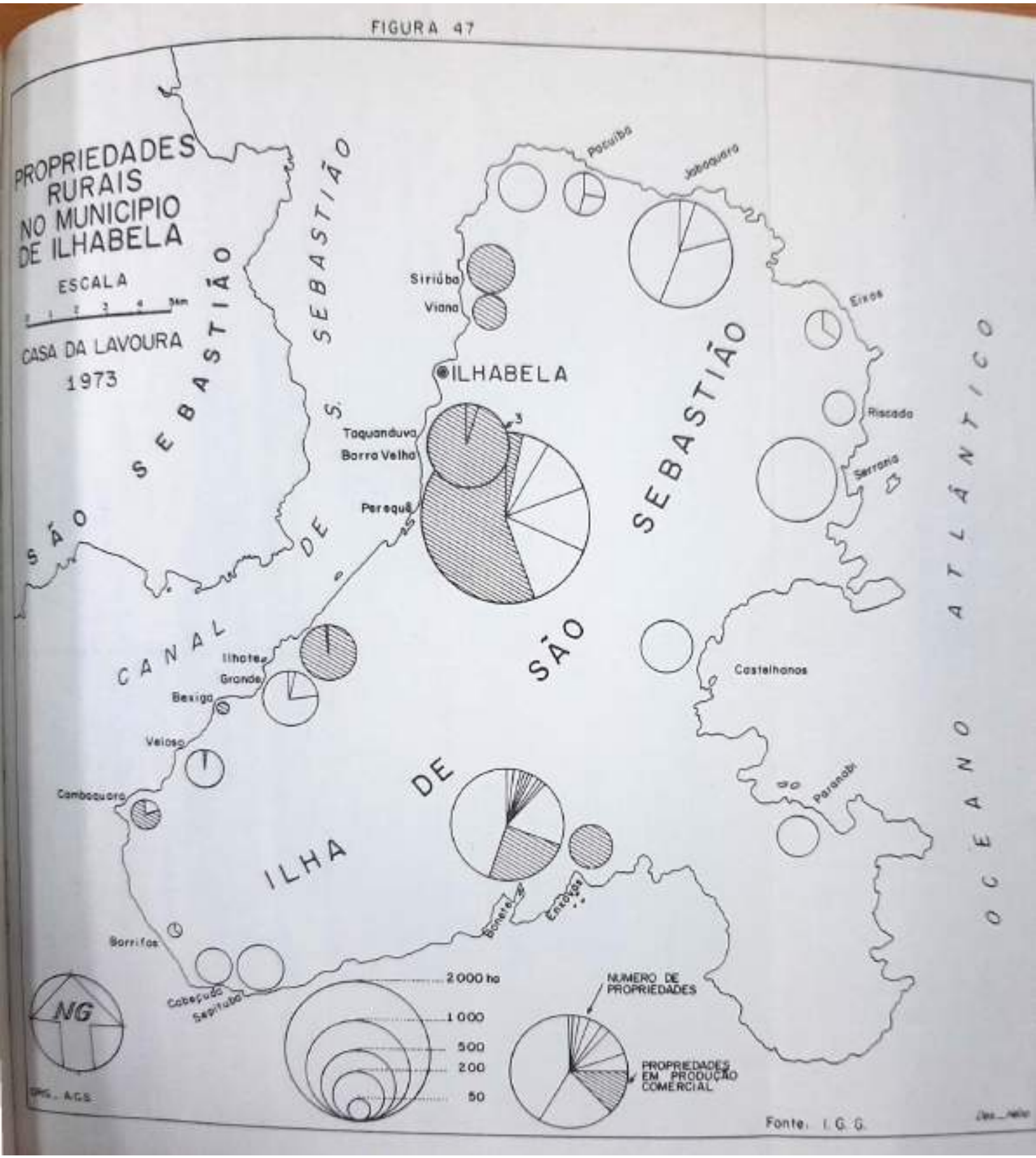

PROPRIEDADES RURAIS NO MUNICIPIO DE ILHABELA
ESCALA
CASA DA LAVOURA
1973
SÃO SEBASTIÃO
CANAL DE S. SEBASTIÃO
ILHA DE SÃO SEBASTIÃO
OCEANO ATLÂNTICO
Pacuiba
Jabaquara
Siriúba
Viana
ILHABELA
Taquanduva
Barra Velha
Perequê
Eixos
Riscada
Serrana
Castelhanos
Paranabi
Ilhote
Grande
Bexiga
Veloso
Camboquara
Borrifos
Cabeçuda
Sepituba
Boneté
Enxovas
2000 ha
1000
500
200
50
NUMERO DE PROPRIEDADES
PROPRIEDADES EM PRODUÇÃO COMERCIAL
NG
Fonte: I.G.G.

FIGURA 47

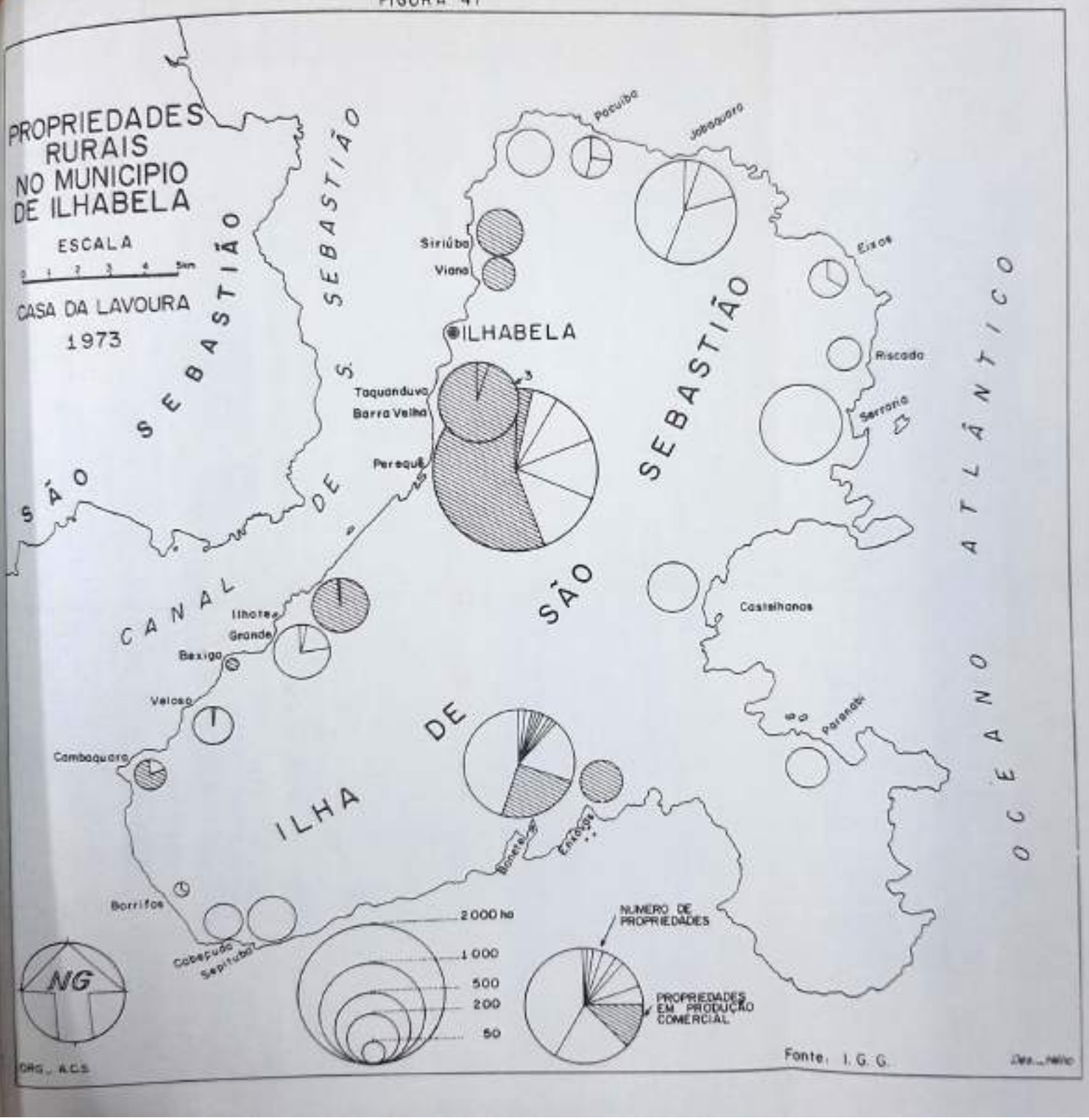

PROPRIEDADES RURAIS NO MUNICIPIO DE ILHABELA
ESCALA
0 1 2 3 4 5km
CASA DA LAVOURA
1973
SÃO SEBASTIÃO
CANAL DE S. SEBASTIÃO
ILHA DE SÃO SEBASTIÃO
OCEANO ATLÂNTICO
Pacuiba
Jabaquara
Siriúba
Viana
ILHABELA
Taquanduva
Barra Velha
Perequê
Eixos
Riscada
Serraria
Castelhanos
Paranabi
Ilhote
Grande
Bexiga
Veloso
Cambaquara
Borrifos
Cabeçuda
Sepituba
Boneteiro
Enxovas
2000 ha
1000
500
200
50
NUMERO DE PROPRIEDADES
PROPRIEDADES EM PRODUÇÃO COMERCIAL
NG
ORG. A.C.S.
Fonte: I.G.G.

FIGURA 48

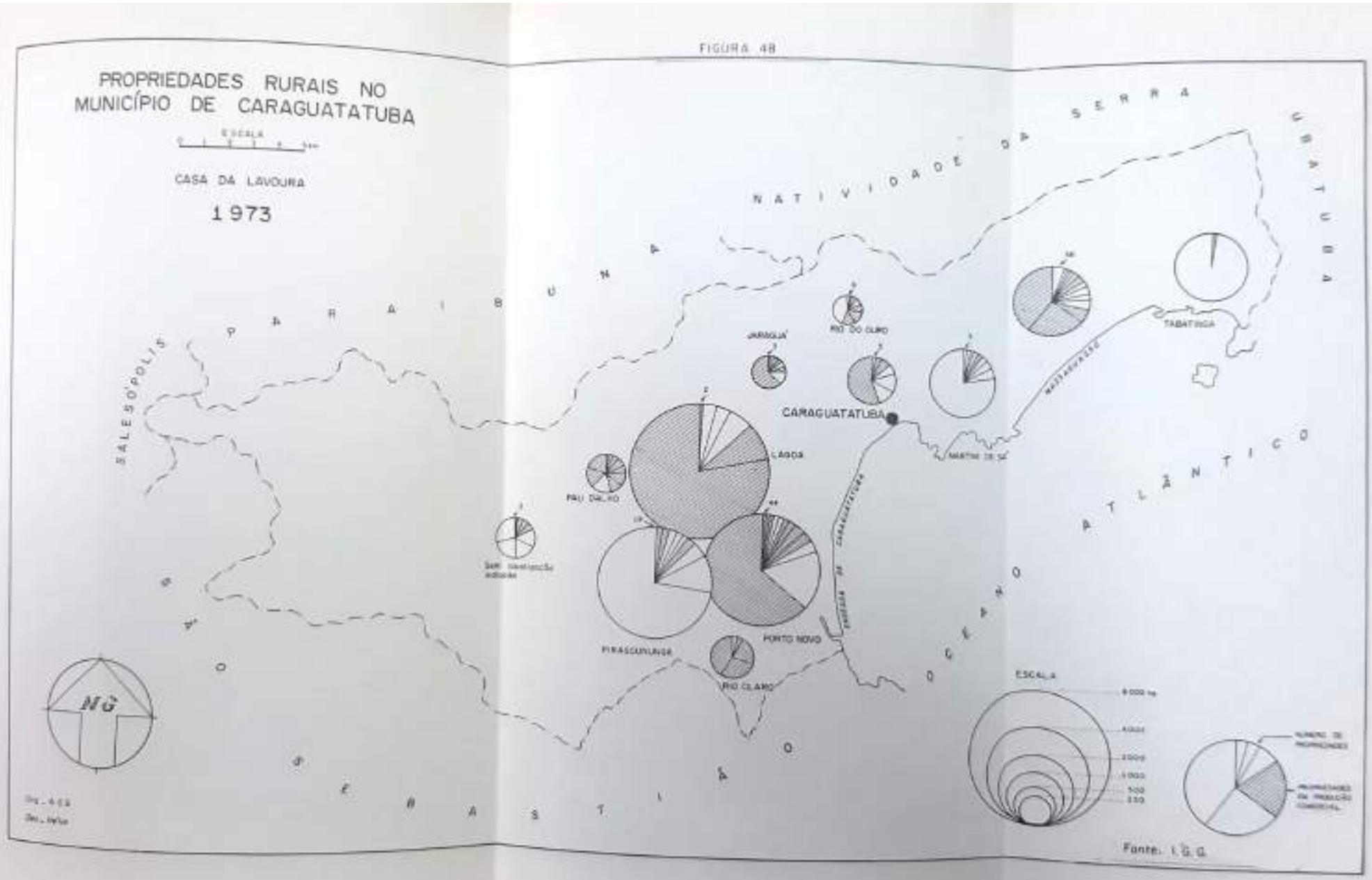

PROPRIEDADES RURAIS NO
MUNICÍPIO DE CARAGUATATUBA
ESCALA
CASA DA LAVOURA
1973
NATIVIDADE DA SERRA
UBATUBA
PARAIBUNA
SALESÓPOLIS
SÃO SEBASTIÃO
OCEANO ATLÂNTICO
CARAGUATATUBA
JARAGUÁ
RIO DO OURO
TABATINGA
LAGOA
PAU DALHO
PIRASCUNUNGA
PONTO NOVO
RIO CLARO
ESCALA
NG
Fonte: I.G.G.

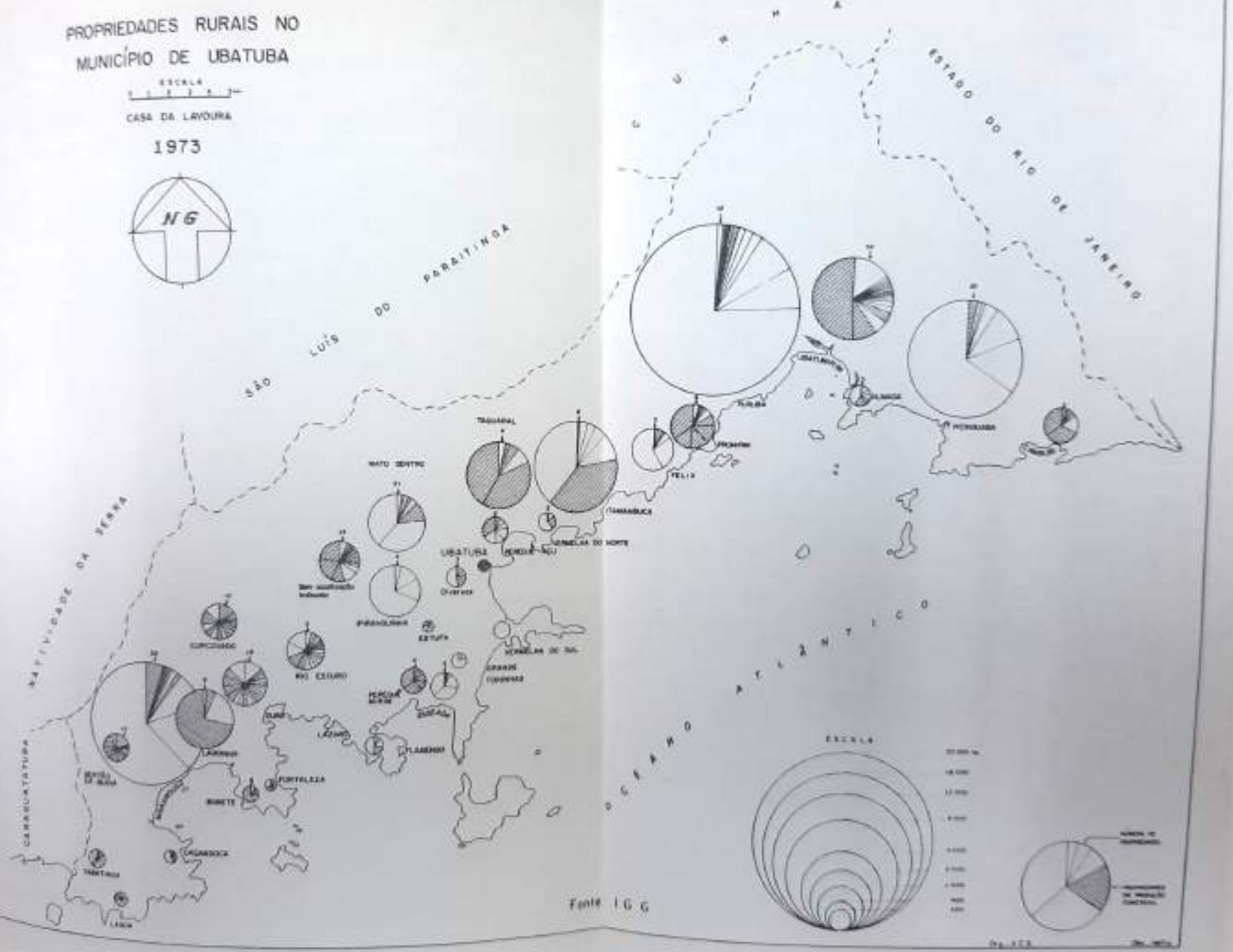
FIGURA 49

PROPRIEDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE UBATUBA

ESCALA

CASA DA LAVOURA

1973



Fonte I.G.G

Digitalizado com CamScanner

No município de Ilhabela a única planície ainda de significado como sitio rural é a da baixada do Perequê. Também a praia do Bonete apresenta atividade agrícola. (Figura 47).

No município de Caraguatatuba encontra-se a grande baixada do Juqueriquerê, representando o mais importante sitio rural de todo o Litoral Norte. Nas baixadas de Massaguaçú, Mococa e Tabatinga a importância é menor, sendo que a primeira destas ainda tem significado agrícola. (Figura 48).

No município de Ubatuba destaca-se o trecho entre Maranduba e a praia Dura e o médio curso do Rio Grande de Ubatuba, nos lugares denominados Mato Dentro e Ipiranguinha. Para nordsete algumas baixadas ainda são importantes como sitio rural, como os casos de Promirim, Ubatumirim e Camburi. No Taquaral, sertão próximo a Itamambuca, também há atividade agrícola. (Figura 49).

O USO DO SOLO NO PASSADO

Como se viu anteriormente, no século XVII o Litoral Norte produzia aguardente, açúcar, "fumo da terra", anil, farinha de mandioca e arroz (França, A., 1951:133), entre outros produtos, sendo que o açúcar era dos principais produtos de exportação. Não se tem notícia dos locais de produção, presumindo-se que se tratava das baixadas próximas às sedes administrativas vicentinas ou nas mesmas. Além das unidades produtoras de exportação existiam as roças, herança indígena.

Toda a costa produzia aproximadamente os mesmos produtos. Dependendo da mior ou menor demanda metropolitana a economia expandia-se para a exportação ou retraia-se até a subsistência.

No século XVIII, em Ubatuba, produzia-se "açúcar, aguardente e fumo, arroz, anil, café e farinha de mandioca, que vendiam, principalmente para o Rio de Janeiro. Desses os mais importantes eram: fumo, aguardente e açúcar. A pesca era outra atividade a que se dedicavam os Ubatubanos"... os moradores de S. Sebastião e Ubatuba vivem de fumos, pescaria e aguas ardentes q. vendem a cidade do Rio de Janeiro para se remediarem na forma dos mais". (Holmes, O., 1971:19).

No século XIX, além das culturas anteriores desenvolveu-se a do café, que teve grande importância. No caso de Ubatuba era plantados em pequenos sitios e chácaras no Mato Dentro (Holmes, O., 1971:173).

Muitas das áreas desnudas atuais dos esporões são resultado do período do café (França, A., 1951:57).

Digitalizado com CamScanner

No início do século XX o Litoral Norte do Estado de São Paulo encontravam-se marginalizado em relação ao Planalto e com a agricultura pouco desenvolvida.

Em São Sebastião, na Enseada, foi observado que as culturas se extendiam até a Serra do Tinguy. O observador do fato dizia: "Por baixo do morro do Jaraguá está a fazenda do mesmo nome, onde se planta canna e cacáo e que possue um engenho movido a água. Em geral não ha cercas divisoras ou quintaes cercados, assim que frequentemente vêm-se porcos amarrados por cordas na visinhança das casas. Cavallos e gado são rarissimos. (...) Na margem do Rio Claro está o último morador trabalhando em terras anteriormente occupadas em grande escala, como o demonstram as vastas e já antigas capoeiras nos morros proximos, onde ainda existem pés de café isolados. Dos moradores primitivos não há noticia, e as terras parecem ser devolutas, ou em todo caso estão em abandono". (C.G.G., 1911:2).

Falando de toda essa parte do Litoral (Canal de São Sebastião) outro observador dizia: "A lavoura de canna é entretanto facil, sendo esta depois de plantada entregue a si mesma, produzindo durante annos sem mais trato. É cultivada de preferencia no terreno plano que se estende entre as praias e os sopés dos morros, ora proximos, ora distantes. Só onde este terreno é muito estreito ou substituido por mangues é que as culturas sobem pelos contrafortes da serra; alcançando às vezes grandes alturas, como na Enseada, onde as mais altas acham-se 200 metros sobre a praia, residencia dos seus donos" (Hummel, O., 1907:9).

Quanto ao solo, foi feita a seguinte observação na baixada do Juqueriquerê: "Eu disse que o solo é fertil porque, como se sabe, é formado pela decomposição do gneiss e granito e as suas majestosas florestas o testemunham. Toda a região é coberta de mattas altas; não há clarões, sinão em alguns pontos, onde geralmente se desenvolve com força extraordinaria o *taquarussú*, considerado nestas paragens como padrão de terra boa" (Edwal, G., 1906:13).

Sobre as condições econômicas da agricultura em São Sebastião dizia-se o seguinte: "A agricultura em São Sebastião não é naturalmente importante, alguma farinha de mandioca, poucos cereaes, devendo recorrer-se principalmente para a ilha de São Sebastião. A canna de assucar não está actualmente em cultivo intensivo e as grandes remessas de aguardente que chegam ao mercado de Santos, são provindas dos plantadores e engenhos da ilha, onde também existem as grandes canôas que conduzem de 12 a 18 pipas de aguardente" (Schmidt, C., 1910:19).

No início da década de 50 ainda predominava em todo o Litotal Norte a agricultura caiçara. As populações rurais eram

Digitalizado com CamScanner

constituidas por pequenos agricultores e pescadores dispersos nas praias e planícies, pouco ocupando as encostas inferiores dos espo-rões da Escarpa da Serra do Mar.

Dadas as condições naturais já descritas podia-se dizer que "não há extensão plana superior a um hectare, por mais isolada que se apresente, junto à marinha, que não tenha uma habitação e árvores frutíferas plantadas à roda da casa, uma pequena cultura, um rancho, ou não evidencie, com suas ruinas e capoeiras, o abandono de antigo estabelecimento" (França, A., 1951:43).

Essa cultura, na maioria de caráter anual, era formada por roças de milho, feijão ou arroz ocupando o solo apenas durante alguns meses. Outras culturas, como mandioca e batata-doce eram objeto de uma rotação de solos "de que resulta, em dado momento, estarem sendo preparadas terras para plantio e efetuar-se a colheita em lavouras plantadas há ano e meio, dois ou três anos atrás. Só as culturas permanentes tornam-se passíveis de avaliação próxima da realidade nos quadros locais; porém não representam mais do que uma parcela reduzida das atividades agrícolas" (França, A., 1951:47).

As mais importantes culturas eram a da mandioca, da bananeira e da cana-de-açúcar. As duas últimas, mais as frutas, eram exportadas principalmente para Santos.

A vida econômica rural era, então, pouco expressiva e refletia "pequena evolução e técnicas rotineiras na agricultura tropical itinerante e com baixos rendimentos, falta de incentivos a novas atividades e, ao mesmo tempo, a decadência das bases comerciais em que, no passado, se assentou a economia relativamente próspera da região, principalmente dos portos de Ubatuba e São Sebastião e da Ilha de São Sebastião" (França, A. 1951:53/4).

O advento do turismo, a partir da década de 50, iria modificar essa situação, primeiro lentamente, depois, de modo acelerado. Essa modificação está alterando os padrões do passado estando ainda em implantação uma agricultura em bases modernas.

No início da década de 60 a agricultura no Litoral Norte tendeu a se desenvolver em padrões mais avançados que em relação ao passado. Embora modestas as iniciativas ocorreram em conseqüência da melhoria das estradas e da migração de japoneses. Estando predominando as monoculturas da banana e cana-de-açúcar haviam surgido as culturas de pimenta do reino, hortaliças, seringueiras e cravo da índia, reativando-se a cultura de côco.

Os problemas principais relacionavam-se a não comercialização da maior parte das colheitas tradicionais, ao absenteísmo dos proprietários agrícolas, à dificuldade de força de trabalho e aos baixos salários pagos a esta. (Camargo, J. F. de, 1965:14).

Digitalizado com CamScanner

AS ATUAIS PROPRIEDADES RURAIS

Município por município é a seguinte a situação da agricultura no Litoral Norte do Estado de São Paulo segundo dados obtidos por informações locais, levantamento das Casas de Lavoura, em 1973, e pequena sondagem (50).

São Sebastião

Em Boracéia há uma propriedade rural de 50 hectares com 7 hectares de cultivo. Foi iniciada em 1963. Pratica-se o extrativismo do palmito e o plantio de hortaliças, cereais, cana-de-açúcar, mandioca e frutas. O solo utilizado é arenoso-argiloso apresentando-se também pedregoso. O proprietário, que reside na unidade, possui 10 cabeças de suínos e 200 aves. Adquire mudas e sementes em São Paulo e implementos em Santos e Bertioga. A força de trabalho é mensalista e reside no local. Não se trata de unidade de produção comercial embora haja venda para turistas.

Os cereais são plantados de setembro a janeiro (milho, arroz, feijão); as hortaliças de fevereiro a maio (alface, chicória, almeirão e outras). Os cereais são colhidos entre fevereiro e maio e as hortaliças entre junho e julho.

O proprietário tem problemas com a ocorrência de solo pedregoso e erosão. Pratica a rotação de terras e de cultivos. Considera prejudiciais o excesso de calor, as ventanias e as enchentes.

O transporte, próprio, é por caminhão.

A Casa da Lavoura registrou, em 1973, três propriedades em Boracéia sendo duas em produção.

Na praia do Una existe a fazenda Abras do Una com produção de mandioca, cítricos e banana, que é exportada para a Argentina. Situa-se nas cabeceiras de afluentes do rio Una.

Junto à praia produz-se a mandioca para auto-consumo e a banana comercializada no local com destino a Santos. A população caiçara já está ligada a atividades urbanas trabalhando para o D.E.E.R., Prefeitura, na construção civil e como caseiros. Há produção de artesanato e atividade da pesca com o produto sendo comprado por intermediário que o vende em São Paulo.

---

(50) A sondagem, realizada em 1974, consistiu no preenchimento de 37 formulários assim distribuídos: 15 em São Sebastião, 4 em Ilhabela, 9 em Caraguatatuba e 9 em Ubatuba. Os casos estudados abrangeram 4 roças, 26 sítios, 1 granja, 2 fazendas e 4 empresas rurais. Embora, ao contrário da amostragem, os resultados não possam ser generalizados, a sondagem permitiu uma avaliação a respeito do tipo de agricultura e pecuária hoje existentes no Litoral Norte, avaliação essa completada com observações de campo e tabulação dos dados das Casas da Lavoura dos quatro municípios. As categorias "roças", "sítios", "granja" e "fazendas" foram utilizadas em seu sentido regional local.

Digitalizado com CamScanner

Foram registradas 17 propriedades na praia do Una sendo 5 em produção principalmente de banana.

Na praia do Juqueí há produção de banana com o mesmo destino. Também mandioca para consumo local. Os moradores, caiçaras, trabalham em atividades urbanas e, além das já citadas, para a SBS, empresa de saneamento de Santos, localizada em São Sebastião.

Foram registradas 3 propriedades com apenas 2 em produção.

Há uma propriedade na Prainha Preta, outra em Conchas e outra nas Ilhas sendo que nenhuma em produção.

Na praia do Saí há também produção de banana com o mesmo destino. Planta-se mandioca para consumo local. Os moradores caiçaras trabalham nas já citadas atividades urbanas e praticam a pesca.

Há uma propriedade de cerca de 350 alqueires (847 hectares) com 150 hectares de cultivo de banana, cacau e côco, além de 3 hectares de mandioca. O proprietário, absenteísta, mora em São Paulo. Foi iniciada em 1958 em local de agricultura caiçara.

Por questões de terra a propriedade não apresenta ainda agricultura comercial sendo que o plantio de cacau é recente. O solo utilizado é arenoso-argiloso.

Foram registradas 13 propriedades rurais na praia do Saí com 12 em produção. Há uma propriedade com produção de caprinos, côco e Taquara da índia; mais duas com produção de côco sendo que uma delas é a que se fez referência. A maior parte da produção é caiçara. A comercialização que se faz é da banana, para Santos, e do peixe, por intermediário, para o CEAGESP.

Na praia da Baleia a atividade rural é pequena salientando-se a produção de banana, mandioca e a pesca.

Form registradas 6 propriedades rurais com 4 em produção sendo a banana o principal produto. Uma propriedade apresenta a criação de caprinos.

Na praia de Camburi a principal produção é de banana com o mesmo destino comercial (Santos). Foram registradas 24 propriedades sendo que 19 em produção. Há uma propriedade com plantação de abacaxi.

Na praia de Boissucanga ocorre o plantio da banana com o mesmo destino. Parte da população caiçara trabalha para o D.E.E.R., Prefeitura, na construção civil e como caseiros. Foram registradas 28 propriedades rurais sendo que 23 em produção. Em 4 propriedades ocorre o plantio de abacaxi. Em uma delas há o aproveitamento de jaca (300 pés).

A praia de Maresias é sede de distrito. Nela ocorre também o trabalho nas atividades urbanas mencionadas. Foram registradas 34 propriedades sendo que 29 em produção. O principal produto é a banana que é comercializada por intermediários no próprio

Digitalizado com CamScanner

local com destino a Santos. Há uma propriedade com côco e caju e uma outra com 750 mudas de seringueira. Nas propriedades caiçaras predomina a banana e o plantio da mandioca para uso próprio.

As propriedades caiçaras estão sendo vendidas para pessoas do Planalto que costumam manter a produção existente, principalmente a banana, com força de trabalho local.

Há uma propriedade de 8 ha com 1,5 ha de cultivo ocupados por banana e mandioca. O solo utilizado é argiloso. A mandioca foi plantada em agosto-setembro. A banana é comercializada por meio de intermediário de Santos. O proprietário trabalha para a Prefeitura de São Sebastião.

Na praia de Paúba há propriedades rurais caiçaras que se caracterizam pelo cultivo da banana com fins comerciais, vendida para intermediários de Santos. O solo, também utilizado para mandioca e laranja, é aronoso-argiloso. Foram registradas 25 propriedades com 22 em produção principalmente com banana. Pratica-se a pesca sendo o produto vendido em São Sebastião.

Na praia de Santiago foram registradas 12 propriedades rurais e apenas 1 em produção de banana por um caseiro e com plantio de coqueiros.

Na praia de Toque-Toque Pequeno foram registradas 4 propriedades rurais todas as 4 em produção. São propriedades caiçaras.

Uma delas, de 8,2 hectares, possui 5,0 hectares de cultura tendo sido iniciada em 1965 em área antiga em que ocorreu desmembramento. A agricultura comercial é a banana cujo preço alcançou Cr$ 35,00 a dúzia em março de 1974. Há o plantio de hortaliças, cereais, cana-de-açúcar, mandioca, legumes e pequena criação de galinhas para uso próprio.

O proprietário se queixou da erosão e das ventanias.

Em outra propriedade, de 9,0 hectares, cultiva-se 0,3 hectares, tendo surgido em 1945 por desmembramento. O proprietário se dedica a cultura da banana, comercializada por intermediários para Santos e à pesca, cuja produção é vendida em parte para intermediário que a revende em São Paulo. O restante é consumido no local. Planta ainda mandioca para uso próprio.

Na praia de Calhetas há 1 propriedade registrada com produção de banana.

Em Toque-Toque-Grande há 4 propriedades registradas com 3 em produção de banana com o mesmo destino já referido anteriormente.

Em Toque-Toque Grande termina o trecho do litoral que regionalmente se denomina "a costa". Inicia-se na praia seguinte, a do Gaecá, balneário em formação, o trecho de maior influência urbana que se estende até a praia das Cigarras, esta já no interior

do Canal de São Sebastião. Nesse trecho há algumas propriedades consideradas como rurais, onde ocorre alguma cultura, remanescente da atividade caiçara do passado.

Na praia de Barequessaba há 7 propriedades sendo que 5 em produção. Há bananeiras, plantio de coqueiro anão e frutas em duas propriedades.

Há uma propriedade na estrada do telégrafo, sem produção.

Há 2 propriedades no Itatinga, já na planície sedimentar da cidade de São Sebastião com uma em produção de banana, frutas, cana, feijão e batata-doce.

Quase no mesmo local, no Topo, situam-se 4 propriedades sendo só uma com produção de frutas (abacate, laranja, caqui, limão e manga), possivelmente um remanescente das "fruteiras" dos caiçaras.

Ainda na planície da cidade existem 6 propriedades consideradas como rurais mas sem produção.

Na praia do Pontal da Cruz, caminhando para o Bairro de São Francisco, foram registradas 3 propriedades rurais sem produção.

Nesse trecho a expansão da urbanização já alcançou os antigos sitios rurais. Como a Escarpa apresenta forte declividade e grande proximidade da linha da costa, a agricultura existente no passado já desapareceu, ocorrendo apenas a cultura e criação de fundo de quintal em função de uso próprio ou da demanda urbana.

No Bairro de São Francisco surgiu uma pequena atividade de fundo de quintal, com as roças localizadas no sopé da Serra do Dom. Nesse lugar há um caminho que transpõe a Serra alcançando o sertão, onde, a cerca de 15 Kms do Bairro, situam-se 22 propriedades de capuavas, posseiros, que descem a Escarpa com a produção em lombo de burro, vendendo-a em São Sebastião.

Há, por exemplo, uma propriedade de 24,2 ha, com 2,4 ha de cultivo, plantando-se banana, feijão, milho, mandioca, cana-de-açúcar e frutas. O terreno é argiloso e o sistema de cultivo é a roça. Foi iniciada em 1968 em área nova.

Nessa região da Serra do Dom, prolongando-se pelos altos da Serra do Juqueriquerê, desde a Enseada até Maresias e confrontando-se com a reserva florestal de Boracéia, existem as terras antigas da fazenda Limeira e da gleba denominada Padre Faustino, que se limitam com as terras das fazendas Pirassununga, Rio Claro, Quilombo e Jaraguá, estas já na baixada do Juqueriquerê.

Na Enseada foram registradas 42 propriedades rurais sendo que 29 em produção. É a mais importante área agrícola de São Sebastião.

Há uma propriedade de 12 ha, toda ela cultivada, iniciada em 1969, tendo surgido em área nova. Há 7,26 ha de frutas (limão, mamão, goiaba e cidra e 4,84 ha de hortaliças). O solo é argiloso.

Digitalizado com CamScanner

Em 1973 o proprietário, que é técnico do Banco do Brasil e responsável pela avaliação dos projetos agro-pecuários da área (150 clientes), obteve 7.000 caixas de limão e 5.000 caixas de goiaba de primeira qualidade, que vendeu para o CEAGESP, alcançando Cr$ 80.000,00 brutos sem grande empenho. Sua cultura é irrigada e adubada com componentes químicos e pratica a rotação de terras e cultivos para as hortaliças. Compra os mesmos em Suzano e São Paulo. Paga frete de caminhão a terceiros. A força de trabalho residente no local é mensalista.

Este proprietário esclareceu que os "paulistas", quando vieram do Planalto atraídos pelo baixo preço da terra, encontraram oposição dos capuavas e caiçaras, tendo então organizado uma espécie de cooperativa.

Este proprietário esclareceu que os "paulistas", quando vieram do Planalto atraídos pelo baixo preço da terra, encontraram oposição dos capuavas e caiçaras, tendo então organizado uma espécie de cooperativa.

Outra propriedade na Enseada possui 18,8 ha com 9 ha de cultivo. Foi iniciada em 1973 tendo surgido por desmenbramento. Situada no lugar denominado Jaraguá, de solo arenoso-argiloso, pratica seu proprietário, japonês, a drenagem, a adubação intensiva, a rotação de terras e de cultivo, possuindo caminhão para o transporte da mercadoria. Planta hortaliças (tomate, pepino), legumes (batata), verduras e pimenta. Seus insumos são adquiridos em São Paulo, utilizando-se de micro-trator. Todos os produtos anuais são plantados na entressafra do Planalto e se destinam ao CEAGESP. Não apresenta problemas de mercado.

Outra propriedade de japonês, possui 28 ha com 16 ha de cultivo. Foi iniciada em 1951 em área nova. Situa-se também no Jaraguá em solo argiloso-arenoso. Pratica-se a adubação e a rotação de terras e cultivos, pagando seu proprietário o frete de caminhão para o transporte. Cultivava pimenta do Reino, que abandonou e agora dedica-se ao plantio racional da banana, tendo obtido 20.000 cachos em 1973. Adquire insumos e implementos agrícolas em São Paulo, Mogi das Cruzes e Suzano. A colheita é feita por empreitada, assim como a limpeza do bananal. Vende para atacadista de Suzano. Todos os proprietários se queixam das ventanias que afetam a produção.

A agricultura de São Sebastião é incipiente. Ao lado dos remanescentes da atividade caiçara vem se desenvolvendo uma atividade moderna, localizada principalmente na Enseada. A produção é vendida em Santos, São Paulo, Suzano e São Sebastião. Um produtor exporta banana para a Argentina.

Digitalizado com CamScanner

Na praia de Siriuba há uma fazenda com produção de côco. Foram registradas duas propriedades.

Na praia de Garapocaia existe um sitio com plantação também de côco.

Na praia dos Pintos há a fazenda Rosalva com côco.

Na praia da Armação ocorrem roças com plantio de feijão, milho e mandioca, praticando-se a pesca.

Na Pacuíba, foram registradas 3 propriedades.

No Jabaquara foram registradas 4 propriedades. Pratica-se a roça de mandioca e banana sendo esta vendida em Ilhabela. Há também a pesca.

Na praia da Fome há roças de banana e mandioca.

Em Eixos existem 2 propriedades e na Riscada uma.

Em Serraria há uma propriedade.

Em Castelhanos foi registrada uma propriedade. Há uma fazenda com plantio de banana para São Paulo e roças de banana e mandioca além da pesca.

Em Parnabi foi registrada uma propriedade com banana, mandioca e café além da pesca.

Na Enxovas foi registrada uma propriedade com banana, mandioca e pesca.

Na praia do Bonete foram registradas 12 propriedades com apenas uma em produção. Há roça de banana, com destino a São Paulo e mandioca que é vendida em São Sebastião, além da pesca.

Na Sepituba existe uma propriedade.

No Mexilhão, Rodamonte e Flexas há roças de banana e mandioca.

Na Cabeçuda e Borrifos existe uma propriedade em cada.

Em Cambaquara foram registradas 2 propriedades. São roças de banana e mandioca.

No Veloso as duas propriedades existentes cultivam a banana.

No Curral há roça de banana, feijão, milho e verduras para auto-consumo.

Na Bexiga existe Engenho de Aguardente com produção para o Litoral Norte.

Na Prainha há duas propriedades. Na Grande também duas.

No Ilhote ocorrem duas propriedades.

No Perequê foram registradas 9 propriedades com 2 em produção. Há uma propriedade de 4 ha, pertencente a proprietário de São Paulo, absenteísta, com 1 ha de cultivo de feijão e milho plantados em setembro para auto-consumo dos caseiros.

Há uma propriedade de 1.452,5 ha com cultivo de banana em solo argiloso-arenoso no lugar denominado Cuiabá. A plantação dá rendimento de "2 caminhões por semana" e o produto é vendido em São Paulo e São José dos Campos.

Digitalizado com CamScanner

Na Barra Velha há duas propriedades sendo que apenas uma em produção. Esta possui 7,2 ha com 3,6 ha em produção. Cultiva-se o côco para venda em bruto ou obtenção de mudas que são vendidas em Ilhabela e, mais raramente, em Ubatuba . O solo é argiloso-arenoso. Possui carroça para transporte. A propriedade foi iniciada em 1958 surgindo por concentração de pequenas áreas. Colhe o côco verde de setembro a maio.

No Taquanduva existem duas propriedades.

No sertão do Portinho há pequeno arrendatário de pasto que cria 20 cabeças de gado para obtenção de leite com uma produção de 35 litros por dia que vende em Ilhabela para particulares.

A agricultura em Ilhabela encontra-se em completa decadência. A baixada do Perequê, onde se situam as melhores terras, está em grande parte loteada. Constitui uma exceção o plantio e venda de mudas de côco. A produção é vendida em São Paulo, São José dos Campos e Litoral Norte.

Caraguatatuba

A baixada do Juqueriquerê, na Enseada de Caraguatatuba é o lugar de mais importante atividade agro-pecuária do Litoral Norte do Estado de São Paulo.

Em estudo recente verificou-se que: "Enquanto a orla litorânea é atingida pelas brisas marinhas, nos fundos da baixada o ar parado, o calor e a umidade dão uma sensação de abafamento nas horas mais quentes do dia. Somente quando se sobe os baixos patamares da serra ou os morros residuais ("shantungs"), esse situação é suavizada. Por isto os proprietários ingleses da fazenda de São Sebastião aí instalaram suas moradias, a cavaleiro da planície". (Cruz, O., 1974:80).

As temperaturas observadas no posto da antiga "fazenda dos Ingleses" — fazenda São Sebastião — no período 1964-1967 "indicam que há um predomínio de médias diárias de 30° ou um pouco superiores nos meses de verão (dezembro a março e mesmo até maio)". (Cruz, O., 1974:80).

A pluviosidade, na orla litorânea, alcançou 1.893,4 mm de média anual no período 1928-1968 (Cruz, O., 1974:80).

A planície da baixada do Juqueriquerê é bastante irrigada por esse rio e seus inúmeros afluentes. Ao sul, "Seus depósitos aluviais misturam-se aos coluviais, provenientes de todas as vertentes desse recôncavo, formando um setor de solos bem mais aproveitáveis que os do resto da baixada". (Cruz, O., 1974:72).

A vegetação predominante é a floresta Atlântica enquanto que perto das praias predomina o jundú. "A medida que o jundú se afasta da orla litorânea, apresenta características da floresta Atlântica, porém com árvores mais baixas, de 10 a 20 metros de altura, adaptadas às condições edáficas dos terrenos arenosos. En-

Digitalizado com CamScanner

tremeada a essa mata, ocorre, nas bacias de solos orgânicos encharcados, uma formação arbustiva emaranhada, de troncos bem finos e folhas coriáceas, chamada popularmente "cacheta". Por esta razão, as bacias orgânicas são denominadas "cachetal". Contrastando com essas matas, ocorrem áreas cultivadas, sobretudo os bananais na fazenda dos Ingleses, nos sítios de Piraçununga, Gentio, Sítio Velho, Camburú, Ribeirão e Queixo D'Anta. Esses bananais, abandonados em fins de 1967, estendiam-se pelas várzeas e bacias de solos orgânicos. Em 1970, já estavam em decadência, invadidos pelo capinzal alto. No bairro do Jaraguá os bananais, nas pequenas propriedades, por causa da incidência de pragas sucessivas, estão sendo erradicados e substituídos por hortas e chácaras. Também contrastam com a mata os cacauais sombreados com bananeiras, na fazenda do Rio Claro, mais conhecida como fazenda "Lacta". Ocorrem pequenos campos de horticultura explorada por japoneses nos bairros do Travessão, Jaraguá e Águas da Abra. Completam o quadro as Capoeiras baixas e ralas das áreas já há muito abandonadas nas encostas e nas baixadas, como por exemplo, ao longo do rio Claro, a jusante da fazenda do mesmo nome.

"Nos bairros de Piraçununga, Pau d'Alho e Aldeia, nos patamares baixos e intermediários dos fundos da baixada, ou sobre cones de detritos, vive o "capuava", isolado, num regime primitivo de subsistência, agricultor e criador caseiro, sem nenhum liame com o mar próximo. Os que prestam serviços nos centros urbanos vizinhos, Caraguatatuba e São Sebastião, moram nos bairros de Aldeia, Utinga, Poiares, Travessão, Porto Novo, Enseada e outros bairros fora desta área, onde não há loteamentos balneários. O pescador, por sua vez, vive nos bairros da Enseada, Porto Novo, Martim de Sá e a Nordeste da cidade, perto da ponta do Camaroeiro" (Cruz, O., 1974:81/2).

Próximo da praia, nos denominados pela autora que se cita aqui, "cordões litorâneos frontais", constituídos por areias finas e brancas verificou-se um horizonte húmico ralo de 8 cm seguido de 60 cm de areia marinha branca e 40 cm de areia marinha úmida acinzentada. "Este perfil corresponde ao regosol, típico dos solos arenosos litorâneos". (Cruz, O., 1974:85).

Os solos arenosos desses cordões, quando sob o jundú, apresentam-se também ralos com areia amarelada e "lentes de ferruginização".

Esses solos são ácidos e pobres em nutrientes e "logo que a mata é derrubada, podem ser cultivadas plantas de maior porte (milho, arroz) no horizonte húmico, ainda bem desenvolvido, durante 3 a 4 anos. Após êsse tempo, somente a horticultura é feita, inteiramente dependente de adubação que os estabiliza e lhes dá um pH satisfatório e da irrigação". (Cruz, O., 1974:85).

Digitalizado com CamScanner

Nos chamados "cordões litorâneos intermediários", à retaguarda dos primeiros e de origem mais antiga, a sedimentação é mais pronunciada e os solos podem atingir maior espessura. Não obstante, o horizonte húmico "é facilmente destruído quando a mata é derrubada". (Cruz, O., 1974:86/7).

Nas denominadas "bacias de solos orgânicos' 'ocorre a presença de "terra lixo" de alto teor de acidez. "Estas bacias estão diretamente vinculadas à concentração da drenagem confusa e divagante da baixada, alimentada, sobretudo na estação mais seca, pelo lençóis aquíferos provenientes das vertentes mais próximas. São também áreas de acumulação das águas da chuva; ao nível do mar, ou abaixo dele, conservam-se permanentemente úmidas e alagadas, salvo quando artificialmente drenadas para a agricultura. Desenvolvem-se de preferência sobre terrenos arenosos marinhos, exatamente à retaguarda das duas faixas de restingas. Dissecam os terraços marinhos remanescentes, mais altos e mais antigos, ou instalam-se em depressões em pé de escarpa, em reentrâncias por entre baixos esporões". (Cruz, O., 1974:89).

Com o rebaixamento do lençol freático permitem a cultura da banana e do cacau. São de espessura maior que os anteriores podendo ocorrer a presença de tabatinga.

Nos "terraços de construção marinha remanescentes" localmente denominados "mochões" ocorrem áreas de roças.

Nos chamados "terraços de várzeas", localizados acima e à retaguarda dos anteriores, ocorrem terrenos favoráveis à agricultura. Quando argilosos apresentam maior concentração de nutrientes com fertilidade mais alta. Recebem também cargas de colúvios. Tem sido utilizados para o cultivo de banana com drenagem. (Cruz, O., 1974:94).

Foram registradas 108 propriedades na baixada do Juquiriquerê das quais 65 em produção.

Por compartimentos da área tem-se:

No local denominado Rio Claro há 5 propriedades das quais 4 em produção.

Há uma propriedade de 2.480 ha, iniciada em 1948, com 225,0 ha de cultivo e 968,0 ha de pastagens. Surgiu em áreas nova. O solo, onde se cultiva o cacau, é argiloso-arenoso. Há 45.000 pés com cerca de 20 anos, 3.000 com 3 a 5 anos e 45.000 com 1 ano. As sementes são provenientes de Campinas e a colheita é feita por horistas que residem no local. Ocorre beneficiamento da produção. A cultura é cuidada com drenagem e adubação. O excesso de calor e a úmidade apresentam problemas, assim como as ventanias. A colheita é feita a partir de junho estendendo-se até janeiro. O transporte é feito por caminhões próprios ou por frete, destinando-se a mercadoria a São Paulo. Contudo, a empresa compra a maior parte do produto na Bahia.

Digitalizado com CamScanner

Há 150 cabeças de gado para corte e leite.

No local denominado Pirassununga foram registradas 19 propriedades sendo que 10 em produção.

Há uma propriedade de 162,1 ha, iniciada em 1968, com exploração de madeira para uma serraria de Guarulhos. O caseiro é sitiante e planta 1,2 alqueire de milho, feijão e banana. É também empreiteiro de 4 madeireiros de Minas Gerais que derrubam as árvores. Vende a lenha remanescente em Caraguatatuba para alambiques e padarias.

No local chamado Porto Novo foram registradas 55 propriedades das quais 32 em produção.

Há uma propriedade de 14,5 ha com 7,2 ha de cultivo, iniciada em 1972 ,tendo surgido por desmembramento. Há plantio de abobrinha (2,4 ha), pimentão (0,6 ha), beringela (1,2 ha), giló (0,6 ha) e pimenta em solo argiloso-arenoso. Possuem 1 trator de tipo norte-americano e 2 micro-tratores Iseki. Os insumos e implementos agrícolas são adquiridos em São Paulo. Seus proprietários são uma família de japoneses, todos trabalhando a terra. Pretendem colher 10.000 caixas para obter um rendimento de Cr$ 350.000,00 bruto em 1974.

Todos os produtos são plantados na entressafra, fevereiro e março e são colhidos de junho a dezembro. O CEAGESP é o comprador de toda a produção.

Pela rusticidade e exiguidade das habitações, sempre feitas de tábuas de caixotes e outras, esta atividade sugerem a imagem de uma "agricultura intensiva de acampamento"(51).

Outra propriedade, próxima da anterior, também de japonês, possui 6,0 ha com 1,6 ha de cultivo. Foi iniciada em 1973 em área nova. É arrendatário. Em solo arenoso cultiva, com adubação e rotação de cultivo, 0,8 ha de pepino e 0,8 ha de pimentão. Apesar do excesso de calor, úmidade e ventanias pretende obter 4.000 caixas a serem vendidas para São Paulo (CEAGESP), estimando um lucro bruto de Cr$ 300.000,00 em 1974. Planta na entressafra para obter melhor preço. Adquire sementes e implementos agrícolas em São Paulo. Estava com problemas com um grileiro.

Ainda em Porto Novo há uma granja que ocupa 6,0 ha com 0,5 ha cultivados. Foi iniciada em 1969 e seu proprietário possui restaurante em São Sebastião. Possui transporte próprio e empregado no local. Tem, atualmente, 20.000 aves. Compra as crias em São José dos Campos. A venda é efetuada nas épocas favoráveis. Vende para Paraibuna e Litoral Norte, para restaurantes e supermercados. Está atendendo 60% da procura.

Na Lagoa há 7 propriedades das quais 4 em produção. Há uma propriedade de 9.438 0 ha com 3.775, ha de pastagens. Trata-se da empresa Agro-Pecuária S/A de invernada e leite, em implantação

(51) O caiçara diz que "o japonês acaba com a terra".

desde 1972, no local onde funcionou anteriormente a Fazenda São Sebastião a antiga "fazenda dos Ingleses". Pretendem montar frigorífico e lacticínio. Estão dragando o terreno para drenagem e derrubando o mato para formar 10 pastos para 300 cabeças de gado cada um. No momento possuem 4.200 cabeças. As reses foram adquiridas no Vale do Paraíba Paulista e o produto, a carne, destinar-se-á a São Paulo e Rio de Janeiro. Possui 80 empregados com salário médio de Cr$ 800,00 e 20 da firma empreiteira que comprou as terras com salário médio de Cr$ 2.000,00.

O valor do rebanho ascende a Cr$ 8.400.000,00 (1974).

No Pau D'Alho há 10 propriedades registradas com 8 em produção. São sitios.

No Jaraguá há 10 propriedades com 7 em produção.

Perto da cidade de Caraguatatuba há 11 propriedades com 3 em produção.

No Rio do Ouro foram registradas 14 propriedades com apenas 4 em produção. É área que foi atingida pela catástrofe de 1967.

Em Martim de Sá há 2 propriedades.

No Cantagalo há 11 propriedades com uma em produção.

Também foi área bastante atingida pela catástrofe.

Há uma propriedade nesse local de 14,5 ha com 0,6 ha de cultivo, iniciada em 1966 por concentração de áreas menores. No solo argiloso-arenoso, e sujeito à erosão, plantou-se feijão em julho para subsistência.

Em Massaguaçu há 49 propriedades sendo que 19 em produção. "Na parte Sul da baixada desenvolve-se o bairro de Jituba, colônia japonesa que aproveita todos os tipos de deposição coluvial, aluvial e marinha para suas atividades de horticultura e fruticultura, enquanto nas vertentes da Serra, até 200-300 m de altitude, cultiva banana. Os terrenos mais aproveitados para a agricultura são os dos taludes de detritos. Os terrenos arenoso-argilosos de deposição predominantemente aluvial, são aproveitados, com irrigação, para as hortas e arrozais. Nota-se, em geral, a decadência total do cultivo da banana, atacada por pragas. As culturas de cereais, mandioca e banana são praticadas sobretudo nas encostas dos baixos espoões". (Cruz, O., 1974-84).

Há uma propriedade de 4,8 ha com 2,4 ha de cultivo, iniciada em 1971 tendo surgido por desmembramento. O proprietário, japonês, é arrendatário. No solo arenoso adubado planta-se pepino, giló e abóbora japonesa, na entressafra, com destino ao CEAGESP. Os insumos são adquiridos em São Paulo. A força de trabalho reside no local.

Há outra propriedade no local, de 4,8 ha, totalmente aproveitada, cultivada por brasileiro que trabalhou para agricultor japonês, tendo aprendido as mesmas técnicas. A produção é semelhante. Tendo iniciado em 1966 em terras surgidas por desmembramento

Digitalizado com CamScanner

cultiva no solo argiloso-arenoso, abóbora, tomate, pimentão, pepino, giló, beringela, vagem, repolho e pimenta. Pretende colher 3.000 caixas e obter um rendimento bruto de Cr$ 80.000,00. Adquire os insumos em São Paulo e a produção destina-se ao CEAGESP. A força de trabalho diarista, reside no local. Planta e colhe na entressafra do Planalto.

Em Tabatinga existem 2 propriedades sendo que apenas uma em produção.

A agropecuária em Caraguatatuba, a melhor do Litoral Norte, está passando por um momento de expansão, sendo que os japoneses são os melhores agricultores, seguidos por brasileiros que estão utilizando técnicas modernas de adubação, drenagem, rotação de terras e de cultivos. A produção destina-se a São Paulo, Guarulhos, Paraibuna, Litoral Norte e Rio de Janeiro.

Ubatuba

Em Tabatinga foram registradas 11 propriedades com 3 em produção.

Na Lagoa registrou-se 8 propriedades com 2 em produção.

Na Caçandoca foram registradas 6 propriedades com 5 em produção.

No Sertão da Quina apareceram registradas 31 propriedades com 20 em produção. Há uma propriedade de 3,6 ha, totalmente cultivados e iniciada em 1972. O proprietário japonês cultiva em solo argiloso-arenoso abóbora, pimentão e beringela esperando colher 2.000 caixas para obter Cr$ 30,00 por caixa. Cultiva também inhame e plantas ornamentais. Adquire semente e ferramentas em São Paulo. A colheita é feita pela própria família. Paga frete para o transporte da mercadoria que é vendida no CEAGESP. A cultura é feita na entressafra do Planalto. Tem problemas com excesso de calor e úmidade além das ventanias. Planta com drenagem, rotação de terras e de cultivos e adubação em sistema de arrendamento da terra.

Em Maranduba há 50 propriedades registradas na Casa da Lavoura das quais 28 em produção.

No Bonete existem 12 propriedades das quais 5 em produção.

Na Fortaleza há 9 propriedades com 3 em produção. A proximidade das praias faz com que a maioria das propriedades sejam pequenas glebas sem exploração agrícola. Os casos de atividade rural são ainda roças caiçaras.

Na praia Dura há 38 propriedades com 15 em produção.

No Corcovado ocorrem 32 propriedades com 14 em produção. Há uma propriedade de 9,7 ha com 2,4 ha de cultivo. Foi iniciada em 1954. É agricultura capuava com o plantio de feijão, mandioca e banana em solo argiloso. Planta o feijão e a mandioca em junho-julho. Vende a banana para Mogi das Cruzes a Cr$ 20,00 o cacho.

Digitalizado com CamScanner

No Rio Escuro existem 27 propriedades com 10 em exploração.

No Perequê-Mirim há 10 propriedades registradas com 9 em exploração.

Na Enseada ocorrem 11 propriedades com apenas uma em produção.

Na Toninhas há 2 propriedades sem produção

Na Grande existe 1 propriedade sem exploração.

Na Estufa há 7 propriedades com duas em exploração.

No Ipiranguinha aparecem 7 propriedades com 2 em produção. Há uma propriedade de 4,8 ha totalmente cultivada, iniciada em 1974. O proprietário é arrendatário japonês e cultiva em solo arenoso-argiloso, adubado quimicamente, pepino, pimentão, giló e beringela, esperando colher 10.000 caixas e estimando obter Cr$ 30,00 em média por caixa/em bruto. Sua produção é colhida a partir de agosto e compra insumos em São Paulo.

Próximo da cidade de Ubatuba há 7 propriedades com apenas uma em produção.

No Mato-Dentro existem 30 propriedades com 12 em produção. Há uma propriedade de 1.210,0 ha com 24,2 ha de cultivo de coqueiros num total de 32.000 pés. Possui viverios para mais de 4.000 pés. A propriedade foi iniciada em 1966 tendo sido feitas grandes obras com o desvio do leito do Ribeirão Grande de Ubatuba para a criação de peixes e um sistema de comportas para prever enchentes. O solo é arenoso. Comprou as sementes na Bahia. Possui 10 empregados registrados e 10 em empreitada. São mensalistas e residem em Ubatuba. Pretende beneficiar a produção. A colheita ocorre o ano todo e o proprietário está interessado na exportação do produto beneficiado. A produção é de 300 cocos por pé/por ano. Já investiu Cr$ 5.000.000,00 na propriedade e pretende investir outro montante igual. É industrial de plásticos em São Paulo.

No Perequê-Açú há 10 propriedades com duas em produção.

Na praia Vermelha do Norte ocorrem 5 propriedades com uma em produção.

No Taquaral há 10 propriedades registradas com 6 em produção. Há uma propriedade de 121,0 ha com 21,8 ha de cultivo. Em solo arenoso-argiloso são cultivados café, milho, feijão, mandioca (para fazer farinha em engenho próprio) e banana. Parte da produção é vendida em Ubatuba. A banana é vendida para atacadista de Taubaté. A força de trabalho é familiar.

Existe uma propriedade de 2,4 ha totalmente cultivada. É de um parceiro capuava e foi iniciada em 1974. Faz a meia com um japonês que, por sua vez, é arrendatário de brasileiro. Em solo arenoso, com as mesmas técnicas, cultiva pimentão esperando colher 6.000 caixas, estimando obter Cr$ 40,00 por caixa em bruto. Plantou em abril e começou a colher em agosto. Sua produção destina-se a São Paulo.

Digitalizado com CamScanner

A propriedade do arrendatário japonês tem 3,6 ha todos cultivados. Foi iniciada em 1971 em área nova. Em solo argiloso-arenoso cultiva abóbora brasileira, pimentão e beringela esperando colher 7.000 caixas, estimando obter Cr$ 30,00 ou Cr$ 40,00 por caixa em bruto. Adquire sementes e implementos agrícolas em São Paulo. Para frete da mercadoria. O plantio ocorreu em março e a colheita iniciou-se em julho.

Em Itamambuca ocorrem 16 propriedades com 6 em produção. Há uma propriedade de 1.936,0 ha com 4,8 ha de cultivo. O proprietário, de Jundiaí, vai plantar seringueiras. O plantio existente é do administrador que cultiva café, laranja, limão, milho e arroz para auto-consumo em solo argiloso.

A partir de Itambuca para NE o litoral é área ainda de domínio caiçara com glebas adquiridas recentemente por compradores do Planalto (1974).

No Felix há 9 propriedades registradas com uma em produção.

No Promirim existem 19 propriedades com 10 em exploração.

Em Puruba há 25 propriedades com apenas uma em exploração.

Em Ubatumirim ocorrem 70 propriedades, em sua maioria caiçaras, com 21 em produção. Há uma propriedade caiçara com 21,8 ha com 3,6 ha de cultivo de café, mandioca, milho, feijão e cana-de-açúcar em solo argiloso-arenoso. A propriedade existe desde 1858. Vende cereais em Ubatuba eventualmente, para onde se dirige de barco.

No Almada existem 9 propriedades com 3 em produção.

Em Picinguaba ocorrem 29 propriedades com 5 em exploração.

No Camburi há 12 propriedades com 6 em exploração.

A agricultura em Ubatuba é a mais tradicional do Litoral Norte do Estado de São Paulo. É onde existe o maior número de propriedades. A modernização vem ocorrendo a partir de iniciativas recentes de produtores do Planalto. A produção é vendida para São Paulo, Mogi das Cruzes, Taubaté e Ubatuba.

RURALIZAÇÃO E MERCADO

Por ruralização entende-se aqui o processo de constituição de uma agricultura essencialmente voltada para o mercado(52).

Examinando-se a evolução da agricultura no Litoral Norte do Estado de São Paulo verifica-se que é isto o que está ocorrendo. (Quadro CCXLVII).

---

(52) O sentido é, portanto, o inverso do que alguns autores definem para o fenômeno em outros países. Na França definiu-se a ruralização como um fenômeono de fortalecimento da agricultura camponesa, na realização de como que uma "volta ao campo" (Leroy, 1960:10). O autor utilizou o termo nesse sentido para explicar o fenômeno de ruralização das cidades, ocorrido nas últimas décadas no Brasil. (Corrêa da Silva, A., 1971:2/3). Este termo foi utilizado também recentemente para designar o mesmo fenômeno. (Lecocq Müller, 1971:14).

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXLVII

LITORAL NORTE — FORMAS DE UTILIZAÇÃO DO SOLO (Hectares)

1940	ESTABELECIMENTOS		LAVOURAS		PASTAGENS		MATAS		OUTRAS
Municípios	Estabelec.	Área	Perman.	Tempor.	Natur.	Artif.	Natur.	Reflor.	Não Cul./Imp.
Ilhabela	1.080	7.316	696	502		827		2.794	2.497
São Sebastião	746	17.643	712	768		362		10.942	4.859
Caraguatatuba	208	18.467	1.978	1.298		737		10.874	3.580
Ubatuba	1.075	5.062	894	1.171		175		1.913	909
Litoral Norte	3.109	48.488	4.280	3.739		2.101		26.523	11.845
Estado	252.615	18.579.827	1.671.405	2.648.399		6.328.595		4.063.360	3.868.068
1950									
Ilhabela	17	4.776	100	304	360	86	3.081	4	641
São Sebastião	123	9.876	849	37	9	1	8.838	—	147
Caraguatatuba	41	17.122	1.827	197	787	2	14.116	147	3.794
Ubatuba	10	38.097	146	21	40	372	32.445	—	5.073
Litoral Norte	191	79.871	2.922	557	1.196	461	58.480	151	9.655
Estado	221.611	19.007.582	1.564.316	2.693.317	4.952.563	3.695.370	2.472.044	298.502	2.353.272
1960									
Ilhabela	263	1.419	142	699	93	60	421	1	3
São Sebastião	97	11.305	816	62	334	17	9.553	81	442
Caraguatatuba	119	23.971	2.997	578	593	942	14.560	2	4.299
Ubatuba	376	35.802	1.665	936	361	28	23.521	11	9.260
Litoral Norte	700	72.497	5.620	2.275	1.381	1.047	48.055	96	14.024
Estado	317.374	19.303.948	1.681.124	3.087.109	5.094.407	4.777.205	2.339.926	441.571	1.882.606

Fonte: Recenseamentos Gerais de 1940/1950/1960

1973						
Ilhabela	57	8.292,3 (1)	80,4	4,6	321,4	4.553,8	—
São Sebastião	266	53.266,2 (2)	29,0	199,1	221,4	37.387,1	—
Caraguatatuba	208	28.780,6 (3)	28,8	249,3	5.818,2	12.464,6	—
Ubatuba	564	60.780,5 (4)	44,3	841,8	126,6	42.550,4	—
Litoral Norte	1.095	150.119,6	182,5 (5)	1.294,8	6.487,6	86.955,9	—

Fonte: Cadastro da Casa da Lavoura (Org. ACS)

(1) 2 casos sem declaração.
(2) 7 casos sem declaração.
(3) 31 casos sem dados.
(4) 8 casos sem declaração.
(5) não consta área ocupada por cultivo de frutas e café.

Obs.: Os dados de área relativos a 1973 são incorretos pois seu total ultrapassa os totais da área dos municípios de São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba.

Em 1940 predominava na região a propriedade caiçara com um total de 3.109 estabelecimentos. Os principais redutos dos praieiros eram Ilhabela e Ubatuba.

Em 1960 as propriedades haviam se reduzido para 700, ocorrendo um fenômeno de concentração de propriedades que se acentuou recentemente. Eram 564 em 1973.

Com a legalização da posse da terra por novos ocupantes a área aumentou de 48.488 ha em 1940 para 72.497 ha em 1960. (Os dados de 1973 são incorretos: em parte há muitas propriedades sem medida certa e além disso deve-se levar em conta a especulação imobiliária que deforma muito a realidade agrária local).

A agricultura permanente aumentou e a temporária diminuiu. Contudo, houve aumento da intensidade do cultivo com os japoneses.

A área de pastagens manteve-se estável.

As matas sofreram diminuição. (Os dados de 1973 parecem não ser bons).

Em comparação com o Estado de São Paulo a participação do Litoral é pequena a não ser no que diz respeito às matas. O reflorestamento, por isso, é pouco significativo.

As terras não cultivadas e improdutivas são numerosas mas pouco importantes no conjunto do Estado.

Do ponto de vista da agricultura moderna que se está instalando no litoral ainda há muita terra a ocupar (1974).

De qualquer modo, a não ser a inferência de caráter geral de que a agropecuária mudou na área e de que o sentido, dessa mudança é o de um processo de ruralização no sentido aqui indicado, os dados não permitem um aproveitamento melhor em vista da constante mudança de critérios. (Nem sempre coincidem *estabelecimento* e *propriedade*).

É de supor que, no passado, a coleta de dados tenha sido efetivada com maior clareza do que no presente.

Com a evolução referida a estrutura fundiária alterou-se, embora ainda predominem as pequenas propriedades com a ocorrência de minifundios — propriedades com áreas inferiores a 10 ha — e ainda ocorram a existência de latifúndios — propriedades com área superior a 10.000 ha, dimensões estas que variam de uma região para outra do país (Quadro CCXLVIII).

A principal modificação ocorreu a partir da década de 60 com o aumento do número de propriedades de tamanho intermediário.

As grandes propriedades ocupam área bastante superior às das pequenas e médias repetindo fenômeno próprio da agricultura brasileira (Bernardes, N., 1961:368).

A partilha por herança é a principal responsável pela ocorrência dos minifúndios no Litoral Norte do Estado de São Paulo. Não obstante deve-se abrir uma exceção para a horticultura dos japo-

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXLVIII

LITORAL NORTE — TAMANHO DAS PROPRIEDADES RURAIS

1940	ILHABELA		SÃO SEBASTIÃO		CARAGUATATUBA		UBATUBA	
	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área
Menos de 1 ha	617	191	211	82	1	+	95	55
De 1 a 2	113	160	90	110	8	9	400	583
De 2 a 5	235	706	201	697	96	295	419	1.331
De 5 a 10	35	253	94	764	35	276	86	670
De 10 a 20	32	424	62	940	22	321	51	669
De 20 a 50	17	553	47	1.510	29	868	17	467
De 50 a 100	10	711	17	1.111	6	467	4	333
De 100 a 200	13	1.772	3	+	1	+	1	+
De 200 a 500	6	+	4	1.395	7	2.221	2	+
De 500 a 1.000	1	+	1	+	1	+	—	—
De 1.000 a 2.500	—	—	—	—	—	—	—	—
De 2.500 a 5.000	—	—	3	10.091	—	—	—	—
De 5.000 a 10.000	—	—	—	—	2	+	—	—
De 10.000 a 100.000	—	—	—	—	—	—	—	—
De 100.000 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—
Área não declarada	1	—	13	—	—	—	—	—

+ Sem informação

1950								
Menos de 1 ha	—	—	33	10	—	—	—	—
De 1 a 2	—	—	6	7	—	—	—	—
De 2 a 5	—	—	—	—	2	9	—	—
De 5 a 10	—	—	3	25	1	9	3	25
De 10 a 20	1	12	—	—	8	99	—	—
De 20 a 50	2	72	3	69	12	416	3	69
De 50 a 100	3	205	2	171	5	373	2	171
De 100 a 200	4	597	—	—	3	483	—	—
De 200 a 500	3	1.326	2	459	4	954	1	417
De 500 a 1.000	4	2.564	—	—	2	1.524	—	—
De 1.000 a 2.500	—	—	—	—	1	2.057	—	—
De 2.500 a 5.000	—	—	1	2.662	3	21.198	—	—
De 5.000 a 10.000	—	—	1	6.050	—	—	—	—
De 10.000 a 100.000	—	—	—	—	—	—	1	37.415
De 100.000 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—
Área não declarada	—	—	—	—	—	—	—	—

(continuação)

1960								
Menos de 1 ha	—	—	—	—	—	—	2	1
De 1 a 2	—	—	2	3	—	—	2	3
De 2 a 5	57	181	25	96	16	48	94	392
De 5 a 10	24	182	31	231	9	74	106	845
De 10 a 20	16	208	18	256	17	245	57	841
De 20 a 50	3	70	9	337	40	1.231	73	2.200
De 50 a 100	—	—	3	267	12	1.871	19	1.355
De 100 a 200	1	140	5	677	12	1.771	12	1.894
De 200 a 500	1	484	2	726	5	1.203	5	1.692
De 500 a 1.000	—	—	1	968	2	1.597	—	—
De 1.000 a 2.500	—	—	—	—	3	4.119	3	5.566
De 2.500 a 5.000	—	—	—	—	2	6.534	2	7.647
De 5.000 a 10.000	—	—	1	7.744	1	6.278	—	—
De 10.000 a 100.000	—	—	—	—	—	—	1	13.366
De 100.000 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—
Área não declarada	—	—	—	—	—	—	—	—

Fonte: Recenseamentos Gerais de 1940/1950/1960

1973								
Menos de 1 ha	2	1,2	3	1,6	9	62,0	18	9,8
De 1 a 2	6	13,1	23	34,8	18	24,8	37	54,4
De 2 a 5	4	32,7	78	269,6	29	110,9	116	301,9
De 5 a 10	1	13,5	34	242,4	24	189,8	91	697,3
De 10 a 20	11	297,9	38	511,7	34	464,3	103	1.471,4
De 20 a 50	8	518,0	32	1.151,3	43	1.307,8	106	3.482,8
De 50 a 100	8	1.124,3	8	581,1	19	1.342,4	37	2.798,8
De 100 a 200	11	3.153,7	11	1.526,9	15	1.944,3	25	3.577,2
De 200 a 500	3	1.685,4	13	3.850,3	7	2.166,7	12	3.657,5
De 500 a 1.000	1	1.452,5	7	4.956,6	5	3.385,2	7	4.829,3
De 1.000 a 2.500	—	—	1	1.029,9	2	3.465,4	7	11.367,9
De 2.500 a 5.000	—	—	10	33.443,0	2	7.694,1	2	4.252,0
De 5.000 a 10.000	—	—	1	5.667,0	1	6.622,9	2	10.958,4
De 10.000 a 100.000	—	—	—	—	—	—	1	13.322,0
De 100.000 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—
Área não declarada	2	—	7	—	—	—	8	—

Fonte: Cadastro da Casa da Lavoura (Org. ACS)

Digitalizado com CamScanner

neses e brasileiros que estão trabalhando intensivamente em pequenos espaços produtivos.

O latifúndio aparece como herança do passado na presença das fazendas ou das glebas adquiridas recentemente com fins especulativos e não aproveitadas. Nestas últimas propriedades aparecem numerosos posseiros, remanescentes de caiçaras e capuavas.

A grande propriedade no Litoral Norte está se modificando com o aparecimento das empresas agrícolas nas quais não trabalham mais colonos, parceiros e arrendatários pobres mas principalmente assalariados, conforme os exemplos já vistos anteriormente.

Na Enseada de Caraguatatuba surgiram alguns sitiantes com propriedades de tamanho médio. Contudo, é difícil saber se compõem o embrião de uma "classe média rural".

Existe assim uma estrutura fundiária em processo de desaparecimento sem que ainda esteja assentada a nova estrutura que só aparece com clareza em suas iniciativas mais avançadas.

Além disso existe o problema que está sendo enfrentado: o da implantação de uma agricultura capaz de atender à demanda urbana do presente numa região com características tropicais bem marcantes como é o Litoral Norte. Não existe uma regra fixa e imutável para resolver o problema: o condicionamento natural da agropecuária litorânea coexiste com o controle progressivo que se vem fazendo do meio físico, químico e biológico.

Para uma avaliação do que está ocorrendo deve-se ter em mente que algum problema agrário ainda existe mesmo nos países industrializados desenvolvidos.

Em 1940 a produção agrícola e de origem animal do Litoral Norte do Estado de São Paulo era principalmente de origem caiçara. Dessa forma, apareciam o arroz, o feijão, o milho, a mandioca, o aipim e a cana-de-açúcar, as frutas — as "fruteiras" — e as aves. Em bem menor proporção a criação de gado de leite. (Quadro CCXLIX).

Já em 1950, possivelmente por efeito do início da demanda turística e de um maior intercâmbio com o Planalto a produção começou a diversificar-se surgindo o coco, o mamão e o abacaxi.

Em 1960 esse processo se acentuou. Já se contam, ao lado das anteriores, a goiaba, a lima, o limão, o pêssego, a melancia, a abóbora, o tomate, a cenoura, a vagem, o repolho e a alface. Hoje o caçara produz a pequena horta de subsistência e a horticultura semelhante à japonesa, embora incipientemente, como se viu antes.

Em 1973, além das culturas já citadas aparecem a mamona, a batata-doce, as hortaliças diversas, o algodão, o alho, o trigo, a cebola, o tomate, a taquara da Índia, a soja, a batata inglesa, a manga, a jaca, a tangerina, a ameixa, a uva, o figo, o caquí, o cacau, a seringueira, a pimenta do reino, o cravo, a canela, o dendê, o cajú, a nêspera, os gados suino e caprino.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCXLIX

LITORAL NORTE — PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DE ORIGEM ANIMAL

	Ilhabela	São Sebastião	Caraguatatuba	Ubatuba	Litoral Norte	Estado
1940						
Arroz (toneladas)	1	24	9	8	42	269.949
Feijão (toneladas)	59	54	16	66	195	115.159
Milho (toneladas)	102	72	75	198	447	1.229.354
Mandioca e Aipim (toneladas)	2.877	1.590	397	17.427	22.281	317.912
Cana-de-açúcar (toneladas)	5.731	2.262	885	9.074	18.052	2.169.615
Café (toneladas)	69	1	2	72	144	724.949
Laranja (centos)	11.669	10.888	32.565	126.799	181.921	23.922.775
Banana (cachos)	97.772	64.469	1.337.885	140.846	1.640.972	21.309.959
Leite (hectolitros)	102	71	254	35	462	2.405.556
Ovos (dúzias)	29.184	9.145	4.832	64.088	107.249	17.830.681
1950						
Arroz (toneladas)	—	—	18	3	21	740.247
Feijão (toneladas)	2	1	2	—	5	95.603
Milho (toneladas)	11	5	19	1	36	1.183.520
Mandioca (toneladas)	—	24	15	53	92	27.112
Aipim (toneladas)	20	33	19	1	73	199.086
Cana-de-açúcar (toneladas)	2.150	—	13	3	2.166	4.783.171
Café (toneladas)	—	—	—	—	—	864.862
Laranja (centos)	—	48	12.170	1.000	13.218	4.259.729
Banana (cachos)	18.696	1.908.156	857.772	14.160	2.798.784	31.987.995
Coco (centos)	46	—	—	—	46	249
Mamão (centos)	—	—	104	—	104	52.436
Abacaxi (centos)	—	—	—	175	175	70.377
Leite (hectolitros)	205	1	377	133	716	328.696
Ovos (dúzias)	1.000	500	900	700	3.100	43.718.800

(continua)

(continuação)

1960

Arroz (toneladas)	—	1	14	12	37	553.595
Feijão (toneladas)	43	3	61	45	152	87.722
Milho (toneladas)	53	54	125	148	380	1.194.622
Mandioca (toneladas)	2.596	14	53	1.754	4.417	181.675
Aipim (toneladas)	5	18	231	151	405	301.008
Cana-de-açúcar (toneladas)	1.742	—	2.085	1.680	5.507	14.173.703
Café (toneladas)	12	1	3	33	49	1.344.918
Laranja (centos)	882	456	396	25.092	26.092	20.851.378
Banana (cachos)	96.446	646.464	1.473.797	598.956	2.815.663	30.431.098
Abacaxi (centos)	—	—	2	36	38	61.296
Goiaba (centos)	—	—	34	1.260	1.294	1.277.435
Lima (centos)	—	—	4	22	26	244.292
Limão (centos)	150	9	—	56	215	2.657.595
Pêssego (centos)	—	—	—	10	10	436.214
Melancia (centos)	10	—	—	—	10	111.870
Abóbora (centos)	13	—	—	6	19	43.097
Tomate (toneladas)	13	—	10	123	146	182.768
Cenoura (toneladas)	—	5	7	—	12	12.053
Vagem (toneladas)	—	1	9	3	13	8.198
Repôlho (toneladas)	2	1	7	14	24	31.884
Alface (toneladas)	1	1	7	13	22	25.200
Leite (hectolitros)	112	5	2.122	52	2.291	6.762.569
Ovos (dúzias)	3.900	21.300	3.700	43.000	71.900	77.354.100

Fonte: Recenseamento Gerais de 1940/1950/1960

1973

Arroz (ha)	—	15,16	70,27	35,5	120,93	—
Feijão (ha)	0,55	34,96	43,97	223,5	302,28	—
Milho (ha)	3,3	33,86	77,66	42,0	157,02	—
Mandioca (ha)	2,25	62,55	40,41	397,4	502,61	—
Mamona (ha)	15,0	—	—	—	15,0	—
Cana-de-açúcar (ha)	65,4	18,97	13,85	42,6	140,82	—
Batata Dôce (ha)	0,5	17,65	3,9	13,9	35,95	—
Hortaliças (ha)	—	28,86	21,18	109,3	159,34	—
Algodão (ha)	—	—	3,0	—	3,0	—

(continua)

(continuação)						
Alho (ha)	—	—	6,0	—	6,0	—
Trigo (ha)	—	—	3,6	—	3,6	—
Cebola (ha)	—	2,5	—	0,3	2,8	—
Tomate (ha)	—	0,4	—	0,65	1,05	—
Taquara da Índia (ha)	—	10,0	—	—	10,0	—
Soja (ha)	—	1,0	—	—	1,0	—
Batata Inglesa (ha)	—	2,42	—	—	2,42	—
Abacate (pés)	15	577	426	5.096	6.114	—
Banana (pés)	47.690	563.708	897.500	636.192	2.145.090	—
Laranja (pés)	118	4.986	23.674	8.477	37.255	—
Abacaxi (pés)	—	22.427	105.236	24.706	152.369	—
Limão (pés)	46	2.294	5.325	1.016	8.681	—
Manga (pés)	25	264	74	168	531	—
Côco (pés)	100	1.473	—	—	1.573	—
Mamão (pés)	2	—	—	—	2	—
Jaca (pés)	100	303	—	—	403	—
Tangerina (pés)	—	366	340	3.722	4.428	—
Ameixa (pés)	—	21	34	26	81	—
Uva (pés)	—	108	21	7	136	—
Pêssego (pés)	—	246	12	5	263	—
Figo (pés)	—	31	1	2	34	—
Caqui (pés)	—	225	36	100	361	—
Café (pés)	—	4.091	8.127	20.573	32.791	—
Cacau (pés)	—	3.000	—	5.010	8.010	—
Seringueira (pés)	—	750	—	—	750	—
Pimenta do Reino (pés)	—	—	—	700	700	—
Cravo (pés)	—	—	—	200	200	—
Canela (pés)	—	—	—	1.000	1.000	—
Dendê (pés)	—	—	—	200	200	—
Cajú (pés)	—	—	—	4.500	4.500	—
Nêspera (pés)	—	—	—	11	11	—
Poedeiras (cabeças)	42	2.110	3.709	2.253	8.114	—
Frangos (cabeças)	10	764	582	560	1.916	—
Gado Bovino (cabeças)	55	34	2.304	138	2.531	—
Gado Suino (cabeças)	50	166	681	126	1.023	—
Gado Caprino (cabeças)	—	80	—	—	80	—

Fonte: Cadastro da Casa da Lavoura (Org. ACS)

Com exceção da banana a produção local é pouco significativa no conjunto do Estado. Além disso, a produção comercial é vendida principalmente para o Planalto, como se viu antes.

Em 1969 realizou-se a "1ª Feira Agro-Industrial" de São Sebastião com a participação da CONFRIO e da ISEKI. Os expositores apresentaram variedades de abóbora, beringela, tomate, pimenta do reino, pimentão, abacaxi, cacau, abobrinha, cenoura, repolho, nabo, baunilha, mandioca, banana (prata, nanica e maçã), milho, beterraba, mamão, pêssego e morango.

Um caso curioso é o da laranja que, em todos os anos citados aparece com boa produção relativamente ao Litoral Norte. Em todos os dados anteriormente citados, neste capítulo e nos capítulos precedentes, ela não aparece com significado importante para a vida econômica litorânea. Não encontramos explicação para o fato. No presente ela foi incluída no zoneamento agrícola do Estado para essa região. (Folha de São Paulo, 17-3-1974).

É de importância assinalar o aproveitamento que se vem fazendo das frutas, algumas delas cuja introdução no Litoral Norte é secular: é pelo menos o caso da manga, mamão, abacate, goiaba e jaca.

O plantio de seringueiras encontra-se em fase avançada de implantação apesar de doenças que apareceram nas espécies cultivadas. É o caso já indicado antes de propriedade com plantação dessa árvore.

Com as mudanças ocorridas na vida agrária do Litoral Norte do Estado de São Paulo houve alterações no número de proprietários. (Quadro CCL).

Em 1940 eles eram bastante numerosos em Ilhabela e Ubatuba. Havia uma porcentagem não pequena de administradores, muitos arrendatários e posseiros.

Em 1960 o número de proprietários diminuiu, assim como o de administradores, arrendatários e posseiros.

Em todo o caso o número de proprietários em 1973 é bem inferior ao de 1940, tendo ocorrido, como já se disse, uma grande concentração de terras.

O pessoal ocupado era constituído por colonos e empregados, parceiros e pessoas da família. Os colonos e empregados são o pessoal das fazendas, principalmente. Os parceiros constituíam parte da força de trabalho durante as safras. As pessoas da família referem-se principalmente às roças caiçaras. (Quadro CCLI).

Pouco se sabe sobre a vida dos agricultores pobres do Litoral Norte em período anterior à década de 60. A marginalização da costa, desde o período do café, fez com que o litoral não fosse muito estudado sobre esse aspecto. As descrições existentes sobre a vida caiçara são de caráter principalmente etnográfico (França, A., 1951).

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCL

LITORAL NORTE — PESSOAL OCUPADO

	Colonos e Empregados	Parceiros	Famílias	Outros	Total
1940					
Ilhabela	65	—	—	—	65
São Sebastião	37	—	—	—	37
Caraguatatuba	801	—	—	—	801
Ubatuba	30	—	—	—	30
1950					
Ilhabela	—	24	53	—	173
São Sebastião	—	—	291	—	403
Caraguatatuba	—	20	151	—	1.018
Ubatuba	—	—	18	—	62
1960					
Ilhabela	—	—	505	—	—
São Sebastião	—	—	265	—	—
Caraguatatuba	—	20	1.213	—	—
Ubatuba	—	16	1.069	—	—
1973 (1)					

(1) Não foram obtidos dados.

Fonte: Recenseamentos Gerais 1940/1950/1960

Quanto aos assalariados a inexistência ou a precariedade dos dados é maior, mesmo quando eles existiram sob a forma de colonos, empregados, parceiros, arrendatários e outros.

Dos proprietários pouco se sabe também. Em todo o periodo estudado eles devem ter sido importantes na estrutura urbana de poder.

Trata-se aqui, evidentemente, do aspecto geográfico do problema e é nesse sentido que ocorre a deficiência.

A questão envolve problemas relacionados com a abordagem geográfica que se fez no passado. Ela orientava-se mais para a descrição e compreensão das áreas periféricas — e por esse motivo elas são importantes para o estudo que fez o autor — do que para o entendimento das regiões centrais. Mesmo quando foi este o caso o ângulo da análise não apreendia o mundo industrial no que este tinha de mais avançado. Isto fazia com que a compreensão do próprio problema que se vinha estudando ficasse desde logo limitada.

Os trabalhos que se vem fazendo desde a década de 60 estão orientados para a tentativa de ultrapassar essa limitação.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO CCLI

LITORAL NORTE — CONDIÇÃO DO RESPONSÁVEL

1940	Proprietário	Administrador	Arrendatário	Ocupante	Outro
Ilhabela	3.316	77	—	345	—
São Sebastião	789	165	204	508	—
Caraguatatuba	174	130	813	18	150
Ubatuba	1.073	—	743	463	—
1950 (1)					
Ilhabela	10	7	—	—	—
São Sebastião	119	4	—	—	—
Caraguatatuba	24	5	7	—	—
Ubatuba	7	2	1	—	—
1960					
Ilhabela	257	4	1	1	—
São Sebastião	74	3	8	12	—
Caraguatatuba	83	12	21	3	—
Ubatuba	247	25	5	99	—

Fonte: Recenseamentos Gerais de 1940/1950/1960

1973					
Ilhabela	50	—	—	—	—
São Sebastião	234	—	—	—	—
Caraguatatuba	203	—	—	—	—
Ubatuba	482	—	—	—	—

Fonte: Cadastro da Casa da Lavoura (Org. ACS)

(1) "Considerou-se **estabelecimento** toda exploração agropecuária constituída de área contínua, de qualquer extensão, subordinada a uma única administração. Excluíram-se as explorações exclusivamente destinadas ao consumo doméstico". pg. XXI.

O ARTESANATO

Com a decadência da agricultura e pesca caiçara por efeito da concorrência do Planalto, da pesca motorizada e da venda indiscriminada de terras como conseqüência da especulação imobiliária, surgiram no Litoral Norte do Estado de São Paulo iniciativas de amparo ao praieiro que se organizaram principalmente no intuito de revalorizar sua indústria doméstica artesanal.

Publicação oficial de Ubatuba dizia recentemente o seguinte: "O artesanato da região de Ubatuba é considerado pelos especialistas entre os de melhor técnica no Estado de S. Paulo. Contudo, verificava-se aqui um fato lamentável: o artesanato estava desaparecendo. O artesão não produzia mais do que para suprir as próprias necessidades e aquelas peças que demandavam mais tempo, paciência e técnica na execução, não se viam nem mesmo em suas casas. Assim, quem fôsse para Ubatuba na expectativa de encontrar

Digitalizado com CamScanner

peças expressivas de artesanato, ficaria desiludido. Só iria encontrar peças estandartizadas de confecção fácil, sem nenhum cuidado de aprimoramento. As razões dessa situação, podem ser atribuídas entre outros fatores à falta de estímulo e valoração do trabalho artesanal, como até bem pouco tempo se via em todo o Brasil. Numa região pobre onde dificilmente o homem consegue o mínimo para sobreviver, ele não poderá pensar em dispender horas de trabalho (buscando e preparando o material e depois trabalhando o produto) para obter do maior esfôrço, menos ainda do que o pouco que lhe dá a lavoura e a pesca. Tendência esta à desvalorização do trabalho e pessoa do artesão, resultado, sem dúvida, do maior desconhecimento do próprio artesanato que exige esforços distribuídos em várias fases: 1 — Colheita da matéria prima (Madeiras, cipós, fibras, etc.) em lugares geralmente de difícil acesso (serra, mata, falta completa de meios de comunicação); 2 — Preparação e preparo do materal; 3 — Trabalho de artesanato pròpriamente dito, de tecelagem ou escultura. Assim desestimulado, o artesanato estava pouco a pouco desaparecendo. Esta a situação encontrada em 1963, quando foi planejado e em 64 iniciado o SPAU (Serviço de Promoção do Artesanato de Ubatuba): além dos artesãos de Perequê-Açú (produzindo p/ comércio local) foram encontrados somente 13 artesãos. Hoje são 130 inscritos e em produção embora ainda irregular. O SPAU pesquisa a região para descobrir, ainda que afastado da produção, quem domine a técnica artesanal, estimulando-os a um início ou reinicio de atividades. Compra suas peças e as revende com alguma margem de lucro, com a qual paga matéria prima, pessoal e sobretudo, vai criando fundos para sua expansão e auto-suficiência. Os preços são calculados de acôrdo com as horas de trabalho empregadas, técnica apresentada e maior ou menor procura. Freqüentemente o próprio artesão fixa o preço da revenda. O fim almejado é a constituição de uma cooperativa artesanal". (SPAU, 1966).

A produção, inicialmente apenas vendida pelo comércio do Litoral Norte, passou a ser também exportada para a Itália e vendida em todo o Brasil. (O Estado de S. Paulo, 17-12-72).

Em 1973 noticiou-se que "a colocação dos objetos nas lojas de Ubatuba já é mais difícil, porque a concorrência é grande, e como não podem aguentar sozinhos um comércio apenas de fim de semana de temporadas, os artesões estão desaparecendo". (O Estado de S. Paulo, 5-6-73).

Em São Sebastião há Cooperativa Artesanal com artesãos principalmente de Barra do Una.

A atividade artesanal tem sido também uma maneira de preparar o praieiro para outras atividades, uma vez que a venda progressiva de suas terras o deixa desamparado para enfrentar outras condições de vida a que só as novas gerações tem acesso.

Digitalizado com CamScanner

A RURALIZAÇÃO E A REGIÃO

A vida agrária do Litoral Norte do Estado de São Paulo remonta ao fim do século XVI. Ela se desenvolveu durante mais de 300 anos como uma atividade praieira em que a pesca e a lavoura de subsistência se completavam. Paralelamente as fazendas coloniais produziam o açúcar, a aguardente, o fumo e o anil que eram trocados por manufaturados provenientes da Europa.

Ocorriam, dadas as condições de isolamento periódico, alternativas de exportação e de retraimento agro-pastoril.

Com o advento do café, no século XIX, essa monocultura predominou durante algum tempo decaindo as outras lavouras. Com o rumo que tomou o café em direção ao oeste paulista o Litoral Norte ficou marginalizado.

No início do século XX sua economia rural decaiu, recuando talvez a fase anterior à do século precedente.

A partir da década de 50 essa situação começou a se modificar.

Com o advento do turismo as praias começaram a passar por grande valorização. A partir dos centros urbanos locais as localidades caiçaras começaram a ser atingidas pela especulação imobiliária com o início de formação dos balneários.

Enquanto o caiçara conseguia manter-se nos pontos mais afastados do processo de urbanização o capuava começava a instalar-se nos sertões do litoral talvez ocupados outrora, no século XIX, com a escravidão.

Os sitios rurais modificaram-se ganhando a expressão atual: as praias estão sendo abandonadas aos loteamentos e os sertões vem sendo ocupados progressivamente por gente oriunda do Planalto que ali desenvolve uma agricultura e pecuária modernas.

A agricultura local guarda poucas relações intra-regionais, com os produtos sendo vendidos no Planalto e Baixada Santista e a população urbana do litoral tornando-os a adquirir, através dos intermediários do comércio, no CEAGESP, que já alcançou todos os quatro municípios. É uma das causas do alto custo dos gêneros alimentícios nas áreas urbanizadas.

Pelas expressivas ligações inter-regionais o Litoral Norte do Estado de São Paulo é hoje parte do "cinturão verde" da região industrial de São Paulo.

OS ESPAÇOS GEOECONÔMICOS RURAIS

A vida agrária é um fenômeno de dispersão espacial por definir amplos espaços de produção e consumo.

Digitalizado com CamScanner

Quando a cidade alcança o campo ele perde as características de homogeneidade próprias das civilizações rústicas rurais pessando a ocorrer uma divisão territorial do trabalho que leva à especialização.

Predominam hoje no Litoral Norte do Estado de São Paulo, além das roças caiçaras e capuavas tradicionais, os sítios e as fazendas em reorganização e as granjas e as empresas agrícolas de instalação recente.

Como espaço de localização essas unidades guardam estreitas relações verticais entre os grupos humanos e o meio natural. Não obstante, essas relações vem se modificando com a utilização de adubos o que torna a escolha da terra menos dependente da qualidade do solo, o que por sua vez passa a influir também na obtenção da renda fundiária (Kautsky, K., 1968:65/6).

Como espaços de relações essas unidades começam a fazer parte hoje de espaços geoeconômicos mais amplos, com ligações internas com o Rio de Janeiro, a Baixada Santista, a Grande São Paulo, o Vale do Paraíba Paulista e ligações externas com a Argentina.

Nesse sentido elas fazem parte de um espaço geoeconômico nacional que se relaciona a um espaço de economia internacional localizado em território brasileiro.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO IV

A REGIÃO

A REGIÃO

O Litoral Norte do Estado de São Paulo é um trecho de um circuito industrial em formação que abrange São Sebastião — Cubatão — São Paulo — São José dos Campos — Taubaté — Volta Redonda — Rio de Janeiro — Itaorna — Angra dos Reis — São Sebastião.

Em território paulista esse circuito industrial apresenta um anel interior já perfeitamente configurado que inclui São Sebastião Cubatão — São Paulo — São José dos Campos — São Sebastião.

Em território fluminense e carioca esse circuito industrial apresenta também um anel interior já configurado que abrange Angra dos Reis — Volta Redonda — Rio de Janeiro — Itaorna — Angra dos Reis.

Como unidade homogênea (Guimarães, F. M. S., 1963:302) o Litoral Norte confronta-se a NE com o Estado do Rio de Janeiro, tendo como fronteira natural o divisor de águas da Serra do Paratí, a SE com o Oceano Atlntico; a SW com a área de transição entre Santos e São Sebastião, representada pela presença de praias extensas e pouco povoadas, diferentes da linha da costa de sua maior porção de nordeste; a NW com as regiões da Grande São Paulo e Vale Superior do Paraíba, tendo como limite natural o divisor de águas da Serra do Mar.

Como unidade funcional (Juillard, E., 1965:227) seus limites são quase os mesmos de sua feição homogênea, uma vez que as fronteiras naturais não foram ainda modificadas pelos fluxos interregionais.

Desse modo a região apresenta uma área uniforme (Whittlesey, D., 1960:12) de 1.992 km², sendo que o município de São Sebastião com 520 km², Ilhabela com 333 km², Caraguatatuba com 391 km² e Ubatuba com 748 km².

Em 1970 apresentava uma população de 48.006 habitantes com São Sebastião com 12.023, Ilhabela com 5.707, Caraguatatuba com 15.073 e Ubatuba com 15.203.

Digitalizado com CamScanner

A maior densidade demográfica era a de Caraguatatuba com 38,55 habitantes/km².

As taxas de urbanização eram elevadas com São Sebastião com 93,77%, Ilhabela 95,25%, Caraguatatuba com 86,91 e Ubatuba com 59,80%. O menor índice de Ubatuba deve-se à existência de sua população rural que é grande, 6.111 habitantes em 1970.

A taxa de ocupação da população ativa era de cerca de 30% para os quatro municípios em 1970.

O consumo de energia elétrica atingiu o total de 54.708.095 kw/h em 1972, com São Sebastião apresentando 33.821.023 kw/h de consumo industrial, ou seja 62% do total.

Quanto a telefones por 1.000 habitantes São Sebastião apresentava 66,54, Ilhabela 52,57, Caraguatatuba 35,16 e Ubatuba 52,62 em 1973.

A produção agrícola apresentava o valor de Cr$ 1.692.000,00 para São Sebastião, Cr$ 424.580,00 para Ilhabela, Cr$ 580.000,00 para Caraguatatuba e Cr$ 1.893.400,00 para Ubatuba em 1972.

O valor da produção industrial apresentava Cr$ 2.162.469,00 para São Sebastião (13 estabelecimentos), Cr$ 349.185,00 para Ilhabela (16 estabelecimentos), Cr$ 278.036,00 para Caraguatatuba (15 estabelecimentos) e Cr$ 1.758.222,00 para Ubatuba (37 estabelecimentos) em 1967.

O I.C.M. arrecadado apresentava os valores de Cr$ 6.921.934,00 para São Sebastião, Cr$ 178.111,00 para Ilhabela, Cr$ 966.742,00 para Caraguatatuba e Cr$ 896.763,00 para Ubatuba em 1972. (SEPLAN, 1974).

Dessa forma, o espaço geográfico no Litoral Norte apresenta características de dispersão e descontinuidade internas apesar da homogeneidade de suas bases físicas, como já foi dito na introdução deste trabalho.

Essa dispersão e descontinuidade ocorrem de tal forma que as atividades portuárias e costteiras, a urbanização e o turismo e a ruralização e a formação do mercado local não guardam homogeneidade entre si estendendo-se desigualmente ao longo da costa com poucas relações recíprocas.

A centralidade do maior fenômeno urbano local — Caraguatatuba — e do maior fenômeno econômico local — São Sebastião — não gerou até agora uma polarização suficientemente forte para organizar o espaço de maneira diversa.

Por essa razão o espaço econômico no Litoral Norte apresenta-se desigualmente organizado como espaço de produção, circulação e consumo, predominando os dois últimos em densidade e intensidade de ocorrência.

Digitalizado com CamScanner

Como conseqüência o espaço geográfico e o espaço econômico no Litoral Norte são heterogêneos, residindo aí uma das causas internas dos problemas locais e das dificuldades de sua solução.

Por outro lado, a produção agrícola, a produção industrial e a produção de serviços estão apenas parcialmente voltadas para o atendimento da população regional. A circulação e o consumo, cujas atividades predominam, estão relacionadas a interesses exteriores à área. Esta é uma das causas externas dos problemas locais e das dificuldades de sua solução.

O Litoral Norte é, nesse sentido, uma região periférica de uma grande região industrial, que se está organizando ao longo do circuito já mencionado.

A região isolada

Desde o início de sua definição espacial o Litoral Norte viveu momentos diversos e periódicos de isolamento.

Ainda antes do descobrimento já o Planalto era mais importante que o Litoral para os indígenas que o procuravam apenas durante algumas épocas do ano. (Petrone, P., s/d:3, Papy, L., 1952:362).

Em 1532 o povoamento localizou-se em São Vicente. O Litoral Norte era lugar de ocupação incerta por causa dos indígenas e, posteriormente, franceses, que de lá procuravam destruir a iniciativa de povoamento de Martim Afonso de Souza.

A iniciativa deste colonizador de adentrar o Planalto começaria a contribuir também desde cedo para o isolamento do Litoral Norte.

A partir do século XVII esse isolamento ocorreria inúmeras vezes, quer pela intermitência das comunicações com os outros aglomerados vicentinos, quer pelas dificuldades dos contatos com Portugal, quer pelas incursões dos piratas. A tendência ao desenvolvimento de uma economia auto-sustentada pela roça de subsistência deve ter se tornado um imperativo dessa fase pioneira.

Ainda no século XVII o isolamento relativo configura-se-ia com a maior valorização do açúcar do Nordeste cuja posição geográfica o favoreceria. (Ellis Junior, A. E., 1946:9/12).

Após o ciclo do ouro, de fins do século XVII a início do XVIII, o Litoral Norte voltou à posição de isolamento quando, a partir de 1710, a abertura do *caminho novo*, ligando por Lorena, as áreas de mineração diretamente ao Rio de Janeiro, trouxe conseqüências negativas para o Vale do Paraíba Paulista e para toda a costa vizinha (Petrone, P., s/d:14/5).

Digitalizado com CamScanner

No século XVIII o isolamento continuou a ocorrer com a vida litorânea limitada a atividades locais um pouco estimuladas pela presença das armações (Bruno, E. da S., 1957:9).

Essa situação adentrou o século XIX.

A região marginal

No século XVII, após a queda do prestígio da produção açucareira, ultrapassada pelo Nordeste, as atividades econômicas da costa ganharam um valor suplementar. Contudo, nem a aguardente, nem o fumo, nem o anil, nem a mandioca ou o arroz foram decisivos. (França, A., 1951:133).

De fins do século XVII a início do XVIII o ouro daria ao Litoral Norte condições de importância marginal por força de sua circulação pelos portos de São Sebastião e Ubatuba (Bruno, E., da S., 1957:9).

No século XVIII o açúcar, a aguardente, e os produtos provenientes da pesca à baleia dariam à costa nova importância relativa mas de caráter também marginal.

No século XIX o café "passa pela região" deixando a decadência na sua retaguarda. A marginalização do Litoral Norte acentua-se definitivamente, já entrando em crise a sua condição anterior de semi-isolamento. Essa situação modifica-se-ia só a partir da década de 30.

A região complementar

O rompimento definitivo das situações de isolamento e marginalização do Litoral Norte começou a ocorrer em 1936, quando iniciou-se a construção do porto comercial de São Sebastião e abertura da rodovia São José dos Campos-Caraguatatuba.

Essas iniciativas tem um caráter nitidamente complementar. O porto destinava-se, na sua justificativa, a servir de alternativa a Santos e a rodovia era um seu complemento embora se tenha pensado na ferrovia que não foi construída. (Santos, G. R. dos, 1925:4, Apêndice).

Essa complementaridade resulta, simultaneamente, da acentuação das características de uma economia agrária-exportadora e dos esforços que se fazem para romper essa situação de origem colonial.

O segundo momento de organização de um espaço complementar surge com o advento do turismo na década de 50. De certo modo, é a segunda vez que o Planalto descobre o Litoral. Desta vez, para ocupá-lo efetivamente, desenvolvendo-se a partir daí um processo de sobre-povoamento.

Digitalizado com CamScanner

Esse segundo momento é o instante preparativo da fase que se vive agora.

Em 1964 instala-se a Companhia Nacional de Frigoríficos S/A. (CONFRIO) em São Sebastião. Em 1969 inaugura-se o Terminal Marítimo de Petróleo "Almirante Barroso' da Petrobrás (TEBAR).

Desde a segunda metade da década de 60 desencadeia-se forte movimento de urbanização e turismo com a tentativa de solução de inúmeros problemas urbanos.

Nesse período começa a desenvolver-se a agricultura em bases modernas.

A rodovia estadual está sendo remodelada e a BR-101, a "Rio Santos" encontra-se em face adiantada de conclusão (1974).

Apesar disso, a região permanece periférica, com uma economia internacionalizada.

Seu limite de crescimento, nas condições dadas atuais, é a formação de uma única unidade com a região central compreendida por aquele circuito industrial.

Digitalizado com CamScanner

CONCLUSÃO

Digitalizado com CamScanner

REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Em vista da modalidade de exposição adotada neste estudo cada capítulo possui sua conclusão própria. É o que acontece com os capítulos I, II e III. No IV capítulo as conclusões parciais são retomadas em outra perspectiva.

Resta agora fazer algumas reflexões sobre o tema da pesquisa a guisa de conclusão final.

Uma região periférica interna surge no momento em que, a partir de uma situação de ocorrência de várias unidades homogêneas, auto-sustentadas e com poucas relações entre si, uma destas — por razões geográficas e históricas — desenvolve uma capacidade de centralização que tende a se expandir.

No momento seguinte as demais unidades se tornam isoladas em relação a essa região central. Esse isolamento tende a guardar as características de auto-sustentação em contradição com as relações esporádicas que começam a manter com o centro.

Quando as relações com a região central começam a se intensificar esse isolamento tende a passar à condição de marginalização, situação que é transitória, pois a região começa a definir funções de complementação em relação à região central.

A complementaridade tende a ocorrer no momento em que a expansão da região central atinge a periferia de modo decisivo, tendendo a incorporá-la.

No limite, a região periférica interna pode tornar-se uma unidade da região central passando a adquirir características próprias a esta.

A região periférica não é assim um dado pronto e acabado, mas se constitui num longo processo contraditório de evolução.

Geograficamente as condições de isolamento, marginalização e complementaridade variam muito, dependendo de sua natureza, da distância em que a região periférica se encontra da região central e dos fluxos que se estabelecem entre elas.

A consistência desta proposição teórica — cuja demonstração como se disse antes, não está feita — reside em que ela possui um valor explicativo para os problemas que ocorrem entre as regiões periféricas internas de economia dependente e as regiões centrais de economia industrializada de mercado. Define-se, desse modo, uma divisão territorial do trabalho cuja evolução guarda relações com as situações de isolamento, marginalização e complementaridade.

Digitalizado com CamScanner

APÊNDICE

Durante a realização deste trabalho o autor consultou um grande número de exemplares de jornais e revistas. O texto reproduzido a seguir representa uma tentativa de visão de conjunto dos problemas que afetarão também o Litoral Norte do Estado de São Paulo na perspectiva de construção da rodovia BR-101, conhecida como "Rio-Santos", empreendimento que, como se viu anteriormente, completará o circuito industrial já referido (1974).

O trabalho foi publicado pelo jornal "O Estado de S. Paulo" em 23 de julho de 1972.

"É PRECISO PLANEJAR NA ÁREA DA RIO-SANTOS"

Rubens Rodrigues dos Santos
Enviado Especial

"Por paradoxal que possa parecer à primeira vista esta afirmação, é o planejamento integrado de toda a área servida pela Rio-Santos, e não o desenvolvimento imediato de planos turísticos, que deve condicionar a ação do governo federal ao longo dessa rodovia. Sem essa medida básica, acabaremos certamente por contar com mais uma estrada de rodagem, mas não conseguiremos evitar o caos urbanístico, as deficiências no abastecimento de água e energia elétrica, a poluição resultante de esgotos drenados para o mar, a derrubada de florestas imprescindíveis para a preservação das paisagens. Teremos uma estrada turística, sem dúvida, mas de baixa categoria, servindo uma área que se deteriorará rapidamente, à medida em que nela se acentue a ação desordenada e gananciosa do homem. Teremos um favelamento balneário tipo Praia Grande, ou um aglomerado caótico semelhante ao Guarujá. Mas, jamais um "misto de *Languedoc-Roussillon* e *Côte D'Azur*", como desejam nossas autoridades.

Fluxo virá do Planalto

"Para bem compreendermos as diretrizes que devem orientar os atos do nosso governo, comecemos com uma tentativa de prever

Digitalizado com CamScanner

algumas ocorrências de ordem econômica e demográfica no decorrer das três próximas décadas, ao longo não somente do eixo litorâneo Rio-Santos mas também da faixa serrana definida pela via Dutra, oitocentos metros acima, ao longo do planalto que medeia entre a crista da serra do Mar e os contrafortes da Mantiqueira.

"A rodovia que liga São Paulo ao Rio de Janeiro já foi definida como sendo a "espinha dorsal da economia brasileira", pois os seus quatrocentos quilômetros de pistas duplas unem os dois maiores centros industriais do País. Em sua área de influência vive hoje cerca de um quinto da população brasileira e é gerada perto de 60% da renda nacional. Entre as duas imensas concentrações urbanas há um poderoso polo de atração industrial, Volta Redonda, e uma esplendida área cultivável intensivamente, as várzeas de terra fértil que acompanham todo o curso do rio Paraíba.

"Como conseqüência dessa concentração extraordinária de fatores positivos, verifica-se um acentuado incremento das atividades humanas, nos mais diversificados setores, ao longo de toda a via Dutra. Complexos industriais imensos instalam-se em áreas urbanas ou rurais, as cidades crescem rapidamente, núcleos habitacionais surgem como por encanto, em poucos meses, em áreas onde antes nada mais existia além de pastagens. General Motors, Volkswagen, Embraer, Mecânica Pesada, Kaiser, Johnson, Piquete, e tantas outras organizações de grande porte escolheram o Vale do Paraíba para a expansão de suas fábricas e linhas de montagem.

"É evidente que essa tendência se acentuará no decorrer das próximas dácadas, pois ainda há nessa área privilegiada uma grande disponibilidade de energia elétrica, terrenos de topografia amena, água de um rio que está sendo regularizado pelas barragens de Jaguari, Paraibuna, Paraitinga e Buquira, além de vias de transporte rodoviário e ferroviário, portos importantes e fácil acesso a diversas fontes de matéria-prima, como é o caso de Volta Redonda.

"Sendo assim, pode-se afirmar sem receio de erro que, no decorrer dos próximos trinta anos, São Paulo e Rio de Janeiro estarão praticamente unidas por uma faixa contínua de expressivos complexos industriais, que certamente terão como complemento amplos núcleos de residênciais. Estudos de projeção demográfica para essa área que denominaremos *A Grande São Paulo-Rio*, indicam que no fim do século nela estarão radicados nada menos de 50 milhões de indivíduos, incluindo a população das duas grandes capitais.

"Com essa previsão já começa a se esboçar o problema: 50 milhões de indivíduos localizados na *Grande São Paulo-Rio*, uma boa parte deles com padrão de vida suficientemente elevado para que possam desfrutar de maneira agradável o seu fim de semana.

"Mas, desfrutá-lo onde?

Digitalizado com CamScanner

"Evidentemente, essa faixa densamente povoada acompanha o litoral, a uma distância que varia de 70 a 100 quilômetros, tendo como único obstáculo a serra do Mar. Ocorrerá, então, uma pressão no sentido *planalto-litoral*, ou seja, *via Dutra: Rio-Santos*, que se revelará muito mais importante do que aquela atualmente tomada como justificativa para a abertura da nova rodovia *Rio-Santos*.

'A análise do mapa publicado nesta página mostra-nos que o planalto está hoje ligado ao litoral por quatro estradas — *São José dos Campos a Caraguatatuba, Taubaté a Ubatuba, Guaratinguetá a Parati e Barra Mansa a Angra dos Reis* — sendo de padrão razoável unicamente a primeira e a última.

"Mas, não há dúvida de que a pressão exercida pela concentração demográfica da *Grande São Paulo-Rio* exigirá não somente a melhoria dessas estradas, mas também a abertura de outras, que permitam aos habitantes da área acima mencionada usufruirem de todos os quatrocentos quilômetros de litoral que separam as cidades de Santos e Rio de Janeiro. Nos fins-de-semana do ano 2.000 teremos várias reproduções do fluxo e refluxo que hoje se verifica ao longo da via Anchieta, todas elas no sentido *Planalto-Litoral-Planalto*, utilizando as numerosas ligações rodoviárias que certamente serão abertas nas encostas da serra do Mar. Daí a nossa tese de que há necessidade urgente de executar um plano integrado de aproveitamento da baixada que se estende do Rio de Janeiro a Santos, tomando por base não somente o fluxo de usuários da Rio-Santos, até hoje analisado unicamente sob o ponto de vista do desenvolvimento do turismo, mas principalmente o deslocamento perpendicular a esse, de um grande número de indivíduos radicados na *Grande São Paulo-Rio*.

"Não há dúvida de que o turismo nacional e internacional na estrada Rio-Santos é de grande significado para o País, mas essa atividade não pode ser encarada como meta exclusiva e de maior importância, como vem sendo feito por setores que não analisaram o problema no seu conjunto, considerando todas as possíveis alternativas e resultantes. Se o governo federal não tomar providências urgentes com o objetivo de regulamentar o uso da terra na faixa litorânea percorrida pela Rio-Santos, até mesmo esse setor, o turismo, que se aponta hoje como sendo a razão principal da abertura da estrada, mas que insistimos em considerar secundário ao analisarmos a região como um todo, será prejudicado de maneira irreversível.

Como evitar o Urbanismo "Jeca Tatu"

"Quem percorre a rota Rio-São Paulo de avião, num dia límpido, pode observar como é diversificado e belo esse trecho do li-

Digitalizado com CamScanner

toral brasileiro. Primeiro surge a restinga da Marambaia, arenosa, longa, isolando águas rasas e tranquilas. Segue-se a Ilha Grande e uma ampla baía em cujos extremos estão Angra dos Reis e Parati. Depois de uma sucessão de praias cercadas de vegetação exuberante aparece Ubatuba, e logo a seguir Caraguatatuba, São Sebastião e Ilhabela. Um estirão quase retilíneo, em que se alternam praias e costões, termina em Bertioga. Daí para a frente é novamente a civilização: Guarujá, Santos e por fim os arranhacéus de São Paulo.

"O traçado da estrada Rio-Santos acompanha de perto a orla marítima, mas isso não significa que chegue a beirar constantemente a praia. Em alguns trechos ela se distancia e circunda morros, em outros aproxima-se do mar e permite a visão de paisagens deslumbrantes: encostas íngremes batidas constantemente por vagalhões, ilhotas, enseadas de águas muito calmas e transparentes. O verde ainda domina em quase todos os morros que definem o traçado bastante sinuoso da estrada. Mas os movimentos de terra nos trechos já contratados denotam o trabalho acelerado das companhias empreiteiras.

"É por isso que se torna mais urgente uma tomada de posição do governo federal no que se refere ao planejamento integrado de toda a extensa faixa de baixada que se estende do Rio de Janeiro a Santos.

"Esse planejamento deverá levar em conta os seguintes fatores:

"*Primeiro*: A Rio-Santos não será uma rodovia turística no sentido que lhe atribuem atualmente, suporte de um fluxo exclusivo Rio-Santos-Rio, mas também uma estrada de distribuição local de numerosos fluxos turísticos de sentido perpendicular a esse, gerados no imenso aglomerado urbano que acompanhará a via Dutra, entre São Paulo e Rio de Janeiro.

"*Segundo*: Há uma tendência generalizada de superdimensionar a contribuição do turismo internacional para o fluxo na Rio-Santos e de relegar a segundo plano a incidência do turismo nacional. Isso constitui um erro de previsão, pelo menos no decorrer das três próximas décadas. A região servida pela Rio-Santos apresenta um elevado índice anual de chuvas, ao contrário das praias do Nordeste e de outras regiões tropicais em condições de atrair o turista estrangeiro, como é o caso das Antilhas e do Mediterrâneo. Além disso, a distância em que a Rio-Santos se encontra dos grandes centros mundiais geradores de turismo — Estados Unidos e Europa — continuará a pesar bastante nos orçamentos das viagens. Por outro lado, a imensa concentração demográfica que já existe no vale do Paraíba e que se acentuará muito no decorrer dos próximos anos aconselha uma atenção toda especial para o turismo gerado nessa área do planalto.

Digitalizado com CamScanner

"*Terceiro*: A área servida pela Rio-Santos apresentará uma acentuada tendência para servir como local de segunda residência casas de praia e pequenas propriedades — e também para a instalação de clubes e colônias de férias, formando um complexo dependente da *Grande São Paulo-Rio*, aglomerado demográfico que terá no ano 2.000 cerca de 50 milhões de habitantes. Essa é mais uma razão para que governo federal tome a si a incumbência de planejar integradamente toda a área servida por essa estrada, dedicando especial cuidado à urbanização de toda a baixada, ao abastecimento de água e energia elétrica e à drenagem dos esgotos. De todos esses ítens, este último, o destino a ser dado aos esgotos, será de planejamento mais urgente e mais difícil. Basta atentar para as características geográficas da área da baixada seguida longitudinalmente pela Rio-Santos para se ter idéia do perigo pela tendência natural de despejar os esgotos no mar, cuja preservação constituirá sempre a razão de ser dessa estrada essencialmente turística.

"*Quarto*: No planejamento a realizar-se pelo governo devem ser levados em conta outros fatores estranhos ao setor do turismo, mas que poderão interferir favoravel ou desfavoravelmente na área da Rio-Santos. A Companhia Siderúrgica da Guanabara — CONSIGUA — iniciará brevemente suas atividades. Em Angra dos Reis estão os estaleiros da Verolme, a Escola Preparatória de Cadetes da Marinha, e também a Usina Atômica de Mambucada, em início de construção. A cidade de Parati é monumento nacional, tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico. Em São Sebastião fica o terminal petrolífero da Petrobrás. E junto a Santos há a grande concentração industrial de Cubatão, com refinaria, usina siderúrgica e uma série imensa de outras indústrias, algumas delas altamente poluidoras do ambiente. É natural que a Rio-Santos passe a constituir também um convite para novas instalações industriais, que se não forem condicionadas pelo planejamento que proconizamos poderão vir a comprometer todo o complexo turístico-habitacional que surgirá ao longo dessa estrada.

"*Quinto*: O planejamento arquitetônico e urbanístico da área à qual nos referimos será decisivo para o seu aproveitamento racional e para a preservação de suas belezas naturais. Há uma perigosa tradição brasileira que poderá por a perder todo o esforço para tornar a Rio-Santos um elemento poderoso de atração turística: é a tradição "Jeca-Tatu" dos arranjos quadriculados, dos jardinzinhos interioranos, dos gabaritos uniformes que cerceiam as criações mais arrojadas e geram a monotonia e a disfunção. "É proibido construir edifícios com mais de dois pavimentos na faixa de cem metros que se inicia no mar, e com mais de quatro pavimentos na faixa de cem metros que se estende logo a seguir". Isso quer dizer que um indivíduo poderá erguer uma casinha empas-

Digitalizado com CamScanner

tilhada num terreno de dez por vinte metros voltado para o mar, mas jamais se conseguirá construir um belo edifício de trinta andares junto da praia, embora sua concepção arquitetônica componha-se com a paisagem e esteja cercado por uma amplo parque de exuberante vegetação tropical. Essa mentalidade já predomina ao longo da Rio-Santos e as Prefeituras dos Municípios situados em sua área de influência aprovaram e estão por aprovar uma infinidade desses loteamentos caipiras, nascidos da ganância dos proprietários das terras, dos subornos que eles pagaram nos "departamentos de arquitetura e urbanismo" das Prefeituras, e das improvisações de um pobre diabo qualquer, que considera como obra prima a única coisa que sabe traçar com o seu teodolito: o ângulo reto.

"*Sexto*: As Prefeituras dos Municípios cortados pela Rio-Santos, como conseqüência da visão estreita da maioria dos prefeitos e vereadores, encontram sempre mil e uma razões para aprovar todos os projetos de loteamento, justificando esse ato com a argumentação de que "eles trarão mais progresso para a cidade". Na estreiteza de visão desses senhores, ou talvez no sentir os bolsos um pouco mais cheios, concede-se registro a loteamentos que a rigor só existem no papel, sem ruas e avenidas abertas, guias, sarjetas, galeiras de águas pluviais, e todos os demais melhoramentos que devem estar concluídos antes de iniciada a venda dos lotes. Depois de realizadas as transações o feliz e enriquecido proprietário dos loteamentos simplesmente transfere para a pobre Prefeitura a responsabilidade por tais melhoramentos. E os incautos compradores dos lotes que se virem para conseguir sua realização. Isso já está ocorrendo em larga escala ao longo da Rio-Santos, e um bom exemplo dessa prática predatória e desonesta pode ser encontrado no Guarujá, estância balneária hoje tristemente famosa em todo o Brasil pelas numerosas irregularidades ocorridas em sua Prefeitura e Câmara dos Vereadores.

"*Sétimo*: Logo depois de iniciados os trabalhos de abertura da Rio-Santos intensificaram-se toda sorte de especulações imobiliárias e tentativas de obtenção ilegítima de documentos de posse e domínio na área servida por essa estrada. Houve até mesmo um caso de incêndio criminoso de um cartório de registro de títulos Muitos caiçaras ignorantes foram espoliados de seus legítimos direitos sobre terras onde viviam há mais de vinte e cinco anos. Simularam-se permanências em glebas, alteraram-se demarcações, forjaram-se títulos de domínio. Enfim, a região passou a ser o campo de ação de numerosos grileiros e espertalhões, sendo mais do que certa a existência de documentos falsificados de posse e domínio, ao lado, evidentemente, de papéis legítimos e representativos de transações sob todos os aspectos legais. Daí prevermos um trabalho insano para que se apure o que é válido e o que não passa

Digitalizado com CamScanner

de um embuste. Cabe ao governo federal essa tarefa difícil e demorada, mas indispensável para que se consiga transformar a área num complexo turístico de padrão internacional.

"*Oitavo*: São de grande vulto os investimentos necessários para que a área da Rio-Santos chegue a atrair elevado número de visitantes. E certamente ninguém desejará aplicar seus recursos, mesmo aqueles decorrentes dos incentivos fiscais, numa área onde o planejamento não foi encarado com seriedade pelo governo.

"*Nono*: Verifica-se na área a ser atravessada pela Rio-Santos um conflito de jurisdição que muito prejudicará o desenvolvimento de qualquer iniciativa visando um planejamento integrado. Várias Prefeituras, o Ministério da Marinha, o INCRA, o IBDF, a EMBRATUR, e também os governos dos Estados de São Paulo, Guanabara e Estado do Rio, atuando através das respectivas secretarias de Turismo podem atualmente propor e adotar medidas nessa região litorânea. Ocorrem, assim, superposições de autoridades, atos contraditórios, legislações conflitantes e falta de uniformidade na fixação das bases para o desenvolvimento. É preciso, portanto, que o governo federal chame a si a responsabilidade de planejar de maneira integrada toda a área servida pela Rio-Santos, o que poderia ser feito com a criação de um órgão executivo de cúpula, assessorado por um conselho consultivo onde estariam representadas todas as entidades acima referidas."

BIBLIOGRAFIA

Digitalizado com CamScanner

TRABALHOS TEÓRICOS

BINSTAJN, J. DAVID

1972 — **Região: Uma Definição**, Original Datilografado, Inédito, São Paulo.

BOUDEVILLE, J-R.

1961 — **Les Espaces Économiques**, P.U.F., Paris.

Cholley, André

1951 — **La Géographie, Guide de L'Étudiant**, P.U.F., Paris.

CLAVAL, P. (e) JUILLARD, E.

1967 — **Région et Régionalisation dans la Géographie Française et dans d'autres Sciences Sociales**, Bibliographie Analytique, Cahiers de l'Institut d'Études Politiques de l'Université de Strasbourg, III, Librairie Dalloz, Paris.

CORRÊA DA SILVA, ARMANDO

1971 — **Notas sobre o Método Científico e a Observação em Geografia**, Instituto de Geografia, Métodos em Questão n.º 2, São Paulo.

CORREIA DE ANDRADE, MANUEL

1973a — **Espaço, Polarização e Desenvolvimento** (A Teoria dos Pólos de Desenvolvimento e a Realidade Nordestina), Editora Brasiliense, 3.ª Edição, São Paulo, Capítulos I a V.

1973b — **Geografia Econômica**, Editora Atlas, São Paulo, Capítulo I.

DOLFUSS, OLIVIER

1973 — **A Análise Geográfica**, tradução de Heloysa de Lima Dantas, Difusão Européia do Livro, São Paulo.

DZIEWÓNSKI, KARL

1968 — "Régions Urbaines" in **Régionalisation et Développment**, Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique, Sciences Humaines, Ed. C.N.R.S., Paris.

FELS, EDWIN

1955 — **El Hombre Economizante como Estructurador de la Tierra**, traducción de Manuel Scholz, Editora Omega, Barcelona.

FRIEDMANN, J. (e) ALONSO, W.

1964 — **Regional Development and Planning**. A Reader, The M.I.T. Press, Massachusetts.

GEORGE, PIERRE

1966 — "Problemas, Doutrinas e Método" in **A Geografia Ativa**, tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Côrte e Vincenzo Bochicchio, Difusão Européia do Livro, São Paulo.

Digitalizado com CamScanner

1969 — **Sociologia e Geografia**, tradução de Sérgio Miceli, Cia. Editora Forense, Rio de Janeiro.

1973 — **Geografia Econômica**, tradução de Ruth Magnanini, Editora Fundo de Cultura, 6.ª edição, Rio de Janeiro, Introdução.

GRIGG, DAVID
1974 — "Regiões, Modelos e Classes" in **Chorley**, R. J. (e) **Haggett**, P., **Modelos Integrados em Geografia**, Livros Técnicos e Científicos Editora, tradução de Arnaldo Viriato Medeiros, Editora da U.S.P., Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, FÁBIO M. SOARES
1963 — **Observações sobre o Problema da Divisão Regional**, Revista Brasileira de Geografia, Ano XXV, n.º 3, Julho-Setembro, Rio de Janeiro.

HADDOCK LOBO, J. R.
1973 — **Geografia Econômica**, Editora Atlas, 8.ª edição, São Paulo, Capítulo I.

I.B.G.E.
1967 — **Esboço Preliminar de Divisão do Brasil nas chamadas Regiões Homogêneas**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

JUILLARD, ETIENNE
1965 — **A Região: Tentativa de Definição**, tradução de Ruth Magnanini, Boletim Geográfico, Ano XXIV, n.º 185, Rio de Janeiro.

JUILLARD, E. (e) CLAVAL, P.
1967 — **op. cit.**

KAUTSKY, KARL
1968 — **A Questão Agrária**, tradução de C. Iperoig, Gráfica Editora Laemmert, Rio de Janeiro.

KAYSER, BERNARD
1969 — **As Divisões do Espaço Geográfico nos Países Subdesenvolvidos**, tradução de Maria Regina de Toledo Sader, Revista Orientação, n.º 4, São Paulo.

1972 — **El Espacio Rural y el Nuevo Sistema de Relaciones Ciudad-Campo**, traducción de Carlos Carreras, Revista de Geografia, vol. VI, n.º 2, Barcelona.

LEROY, LOUIS
1960 — **Le Ruralisme** (Comment Réaliser l'Aménagement des Campagnes), Les Éditions Ouvriéres, Paris, Introduction.

LUCCI, E. ALABI
1973 — **Geografia Econômica**, Editora Saraiva, São Paulo, Introdução.

MATTOS, D. LINO DE
1970 — **As Bases Geográficas da Vida Econômica**, Original Mimeografado, Inédito, São Paulo, Introdução.

OTREMBA, ERICH
1955 — **Geografia General Agraria e Industrial**, traducción de Federico Armenter y Manuel Scholz, Editora Omega, Barcelona, Introdução.

PERROUX, FRANÇOIS
1967 — **A Economia do Século XX**, tradução de José Lebre de Freitas, Livraria Morais Editôra, Lisboa.

PHLIPPONEAU, MICHEL
1960 — **Géographie et Action** (Introduction à la Géographie Appliquée), Librairie Armand Colin, Paris.

WHITTLESEY, DERWENT
1960 — **O Conceito Regional e o Método Regional**, tradução de Celme Santos, Boletim Geográfico, Ano XVIII, n.º 154, Rio de Janeiro.

Digitalizado com CamScanner

CONHECIMENTO DE REALIDADE: TEXTOS GERAIS

AZEVEDO, AROLDO DE
1957 — **Vilas e Cidades do Brasil Colonial** (Ensaio de Geografia Retrospectiva), Anais da Associação dos Geográfos Brasileiros, Vol. IX, Tomo I, São Paulo.

AZEVEDO, FERNANDO DE
1944 — **A Cultura Brasileira**, Editora Nacional, 2.ª Edição, São Paulo.

CARDOSO, FERNANDO HENRIQUE
1972 — **O Modelo Político Brasileiro**, Difusão Européia do Livro, São Paulo.

CARDOSO, LAMARTINE
1972 — **Geografia Econômica do Brasil**, Edições Fortaleza, São Paulo.

CORRÊA DA SILVA, ARMANDO
1974 — **Desenvolvimento Industrial e Geografia** (Comentário sobre uma Abordagem Geográfica), Boletim Paulista de Geografia, São Paulo.

ELLIS, MYRIAN
1969 — **A Baleia no Brasil Colonial**, Editora Melhoramentos, Editora da U.S.P., São Paulo.

GEORGE, PIERRE
1970 — **A Ação do Homem**, tradução de Octavio Mendes Cajado, Difusão Européia do Livro, São Paulo.

LISBOA, ALFREDO
1926 — **Portos do Brasil**, Imprensa Nacional, 2.ª Edição, Rio de Janeiro.

PRADO JÚNIOR, CAIO
1956 — **História Econômica do Brasil**, 4.ª Edição, Editora Brasiliense, São Paulo.
1966 — **A Revolução Brasileira**, Editora Brasiliense, São Paulo.
1972 — **História e Desenvolvimnto**, Editora Brasiliense, São Paulo.

REIS FILHO, NESTOR GOULART
1970 — **Quadro da Arquitetura no Brasil**, Editora Perspectiva, São Paulo.

SILVEIRA, JOÃO DIAS DA
1968 — "Morfologia do Litoral" in **Brasil: A Terra e o Homem**, Cia. Editora Nacional, 2.ª Edição, Vol. I, São Paulo.

SINGER, PAUL I.
1972 — **O "Milagre Brasileiro": Causas e Conseqüências**, CEBRAP, São Paulo.

STADEN, HANS
1942 — **Duas Viagens ao Brasil. Arrojadas Aventuras no Século XVI entre os Antropófagos do Novo Mundo**, tradução de Guiomar Carvalho Franco, São Paulo.

TAVARES, MARIA DA CONCEIÇÃO
1972 — **Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro**, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

CONHECIMENTO DE REALIDADE: TEXTOS ESPECÍFICOS

AB'SÁBER, AZIZ NACIB
1957 — **Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo**, F.F.C.L. da U.S.P., Boletim 219, Geografia n.º 12, São Paulo.

AB'SÁBER, A. N. (e) BESNARD, W.
1953 — **Sambaquis da Região Lagunar de Cananéia**, Boletim do Instituto Oceanográfico da U.S.P., Tomo IV, Fasc. 1 e 2, São Paulo.

Digitalizado com CamScanner

ALMEIDA, A. PAULINO DE
1947 — **O Litoral Norte**. Revista do Arquivo Municipal, Ano XIII, Vol. CXII, São Paulo.

ARAÚJO FILHO, JOSÉ RIBEIRO DE
1950 — **A Baixada do Rio Itanhaém**, F.F.C.L. da U.S.P., Boletim 116, Geografia n.º 5, São Paulo.
1969 — **Santos, o Porto do Café**, I.B.G.E., Rio de Janeiro.
1974 — **O Porto de Vitória**, Instituto de Geografia da U.S.P., Série Teses e Monografias n.º 9, São Paulo.

AYROSA, PLÍNIO
1934 — **Os Primitivos Habitantes de São Paulo**, Conferência do Club A. Bandeirante, n.º 4, São Paulo, 15 de fevereiro.

BERNARDES, NILO
1961 — **Caracteristicas Gerais da Agricultura Brasileira em Meados do Século XX**, I.B.G.E., Revista Brasileira de Geografia, Ano Ano XXIII, Abril-Junho, Rio de Janeiro.

BRUNO, ERNANI DA SILVA
1957 — **São Sebastião e Ubatuba**, Folha da Manhã, São Paulo, 12 de maio.

CAMARGO, JOSÉ FRANCISCO DE (e) outros
1965 — **Planejamento Territorial do Litoral Norte** (Aspectos Econômicos. Relatório Preliminar), 2.ª Edição, F.A.U. da U.S.P., C.P.E.U., São Paulo.

CARVALHO, MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE DE
1944 — **Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista**, F.F.C.L. da U.S.P., Inédito, São Paulo.

CONTI, JOSÉ BUENO
1972 — **Circulação Secundária e Efeito Orográfico na Gênese Regional das Chuvas: o Exemplo do ENE Paulista**, Original Mimeografado, Inédito, São Paulo.

CORRÊA DA SILVA, ARMANDO
1967 — **Estrutura e Mobilidade Social do Proletariado Urbano em São Paulo**. Revista Civilização Brasileira, Ano III, n.º 13, Rio de Janeiro.
1971 — **O Sitio Urbano de São Sebastião: Primeiros Estudos**, Instituto de Geografia da U.S.P., Aerofotogeografia n.º 5, São Paulo.
1973 — **Um Bairro de Trabalhadores do Litoral Norte do Estado de São Paulo**, Instituto de Geografia da U.S.P., Geografia Urbana n.º 11, São Paulo.

CORREIA DE ANDRADE, MANUEL
1970 — **Geografia Econômica do Nordeste** (O Espaço e a Economia Nordestina), Editora Atlas, São Paulo.

CRUZ, OLGA
1974 — **A Serra do Mar e o Litoral na Área de Caraguatatuba** (Contribuição à Geomorfologia Tropical Litorânea), Instituto de Geografia da U.S.P., Série Teses e Monografias n.º 11, São Paulo.

DIVERSOS
1965 — **A Baixada Santista** (Aspectos Geográficos), Editora da U.S.P., São Paulo.

FERNANDES, FLORESTAN
1952 — **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**, Original Impresso, São Paulo.

FRANÇA, ARY
1951 — **A Ilha de São Sebastião**, Ind. Gráfica José Magalhães, São Paulo.
1965 — "O Uso da Terra" in **Diversos, A Baixada Santista** (Aspectos Geográficos), **op. cit.**

Digitalizado com CamScanner

FURTADO, CELSO
1973 — **A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina**, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

GOLDENSTEIN, LEA
1972 — **A Industrialização da Baixada Santista** (Estudo de um Centro Industrial Satélite), Instituto de Geografia da U.S.P., Série Teses e Monografias n.º 7, São Paulo.

GOMES, FRANCISCO
1967 — **Ubatuba de Anchieta**, R.C.A., São Paulo.

HOLMES, OSCAR
1971 — **Ubatuba; de uma Agricultura de Subsistência para uma Agricultura Comercial**, Original Mimeografado, Inédito, São Paulo.

KVINGE, THOR
1967 — **On the Special Current and Water Level Variations in the Channel of São Sebastião**, Instituto Oceanográfico da U.S.P., Ano 16, n.º 1, São Paulo.

LECOCQ-MÜLLER, NICE
1969 — **O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba-São Paulo**, I.B.G.E., Rio de Janeiro.
1971 — **A Urbanização na América Latina**, Instituto de Geografia, Geografia Urbana, n.º 6, São Paulo.

MARQUES, MANUEL E. DE AZEVEDO
1952 — **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo**, Livraria Martins Editora, São Paulo.

MATOS, ODILON NOGUEIRA DE
1949 — **Evolução das Vias de Comunicação no Estado do Rio de Janeiro**, Boletim Paulista de Geografia, n.º 3, São Paulo.

MILLIET, SÉRGIO
1941 — **Roteiro do Café e outros Ensaios**, 3.ª Edição, Coleção do Departamento de Cultura, São Paulo.

PAPY, LOUIS
1952 — **En Marge de l'Empire du Café: la Façade Atlantique de São Paulo**, Les Cahiers d'Outre-Mer, Revue de Géographie, 5me Année, n.º 20, Bordeaux, Octobre-Décembre.

PERONE, PASQUALE
s/data — **Povoamento do Litoral Paulista**, Manuscrito, Inédito, São Paulo.
1965a — **Experiências de Colonização em uma Área Tropical: A Baixada da Ribeira**, Boletim Paulista de Geografia, n.º 42, São Paulo.
1965b — "O Povoamento Antigo e a Circulação" in **Diversos, A Baixa Santista** (Aspectos Geográficos), **op. cit.**
1966 — **A Baixada do Ribeira**, F.F.C.L. da U.S.P., Boletim 283, Geografia n.º 14, São Paulo.

PINTO, A. A.
1903 — **História da Viação Pública de São Paulo**, Tipografia e Papelaria de Vanorden, São Paulo.

ROCHEFORT, MICHEL
1960 — **L'Organization Urbaine de l'Alsace**, Fac. des Lettres de L'Université de Strasbourg, Paris, citado por **Derruau**, M., **Geografia Humana**, tradução de Helena de Araújo Lopes e Carlos D'Almeida Sampaio, Editorial Presença, Livraria Martins Fontes, Lisboa, 1973.

RUELLAN, FRANCIS
1944 — **A Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas**, Revista Brasileira de Geografia, tradução de Léa Lerner, Ano VI, n.º 4, Rio de Janeiro.

Digitalizado com CamScanner

SCHADEN, EGON
1954 — **Os Primitivos Habitantes do Território Paulista**, Revista de História, n.º 18, São Paulo.

SILVEIRA, JOÃO DIAS DA
1952 — **Baixadas Litorâneas Quentes e Úmidas**, F.F.C.L. da U.S.P., Boletim 152, Geografia n.º 8, São Paulo.

OUTRAS REFERÊNCIAS

BARBAZA, YVETE
1970 — **Trois Types d'Intervention du Tourisme dans L'Organisation de l'Espace Littoral**, Librairie Armand Colin, Annales de Géographie, LXXIXe Année, n.º 434, Paris.

CÂMARA, A. ALVES
1941 — "Carta ao Engenheiro Arthur Rocha" in **S.V.O.P., Obras de Melhoramentos dos Portos de São Sebastião e Ubatuba, op. cit.**

CASAS DA LAVOURA
1973 — **Formulários Rurais** (São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba, Ubatuba), Casas da Lavoura.

CASTRO, A. B. (e) LESSA, C. F.
1970 — **Introdução à Economia** (Uma Abordagem Estruturalista), Cia. Editora Forense, Rio de Janeiro.

C.P.E.U.
1961 — **Relatório dos Planos Preliminares de São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba, Ubatuba**, Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da F.A.U. da U.S.P., São Paulo.

CIA. DOCAS DE SANTOS
1957 — **O Tráfego de Petróleo no Porto de Santos**, Estab. Gráfico Borsoi, Rio de Janeiro.

C.G.G.
1911 — **Exploração do Rio Juqueryquerê**, Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, Typ. Brazil de Rothschild, São Paulo.

CORRÊA DA SILVA, REMO
1936-42 — **Relatório do Engenheiro Fiscal das Obras de Melhoramentos dos Portos de São Sebastião e Ubatuba**, Secretaria de Viação e Obras Públicas, Original Datilografado, Inédito, São Paulo.

EDWALL, GUSTAVO
1911 — "A Excursão ao Juqueryquerê" in **C.G.G., Exploração do Rio Juqueryquerê, op. cit.**

ELLIS JÚNIOR, ALFREDO
1946 — **Panoramas Históricos**, F.F.C.L. da U.S.P., Boletim 73, História da Civilização Brasileira n.º 6, São Paulo.

ESTUDOS TURÍSTICOS
1973 — **Análise dos Gastos do Turista**, Estudos Turísticos, ano I, n.º 2, São Paulo.

FOLHA DE S. PAULO
1974 — **Financiamento para Novos Plantios de Citros em SP**, Folha de S. Paulo, 17 de março.

FUSTER, L. FERNANDEZ
1973 — **América Latina: Está Aberto o Turismo**, Estudos Turísticos, Ano I, n.º 2, São Paulo.

Digitalizado com CamScanner

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
1953 — **Decreto** n.º 22.518 de 17 de julho.

HUMMEL, OLAVO A.
1911 — "O Canal de São Sebastião" in **C.G.G., Exploração do Rio Juqueryquerê, op. cit.**

NUNES, COMTE. ROBERTO
1958 — "As Possibilidades de Utilização do Porto de Santos por Superpetroleiros" in **Petrobrás**, Ano IV, n.º 122, Rio de Janeiro, 16 de agosto.

PETROBRÁS
1957 — **Petrobrás**, Ano III, n.º 108, Rio de Janeiro, 1.º de fevereiro.

POSTO DE SERVIÇO
1972 — **Nosso Petróleo**, Ano V, n.º 69, São Paulo.

SANTOS, GABRIEL R. DOS
1925 — **Exposição de Motivos ao Presidente do Estado**, A Capital, São Paulo, 19 de dezembro in **Correa da Silva, R., Relatório do Engenheiro Fiscal das Obras de Melhoramentos dos Portos de São Sebastião e Ubatuba, op. cit.**

SANTOS, RUBENS RODRIGUES DOS
1972 — **É Preciso Planejar na Área da Rio-Santos**, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 de julho.

SCHMIDT, CORNELIO
1911 — "Coordenadas Astronômicas de S. Sebastião" in **C.G.G., Exploração do Rio Juqueryquerê, op. cit.**

SEPLAN
1970 — **Escola Técnica de Pesca, Caraguatatuba**, Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo, São Paulo.
1972 — **Diagnóstico** (2.ª Região Administrativa), Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo, São Paulo.

S.P.A.U.
1966 — **Serviço de Promoção do Artesanato de Ubatuba**, Ubatuba.

S.V.O.P.
1941 — **Obras de Melhoramentos dos Portos de São Sebastião e Ubatuba**, Secretaria de Viação e Obras Públicas, São Paulo.

TEIXEIRA, HÉLIO JANNY
1972 — **Turismo e Desenvolvimento**, Estudos Turísticos, Ano I, n.º 1, São Paulo.

VISÃO
1972 — **Visão**, 28 de agosto, São Paulo.

FONTES DOS DADOS ESTATÍSTICOS

A.P.S.S.
1955-73 — **Estatísticas**, Administração do Porto de São Sebastião, São Sebastião.

A.P.U.
1962-71 — **Estatísticas**, Administração do Porto de Ubatuba, Ubatuba.

C.N.A.G.A.
1968-72 — **Estatísticas**, Companhia Nacional de Armazéns Gerais Alfandegados, São Sebastião.

D.E.E.S.P.
1911-73 — **Anuários Estatísticos**, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, São Paulo.

D.E.E.R.
1949-73 — **Estatística do Trânsito**, Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo.

Digitalizado com CamScanner

D.N.P.V.N.

1971 — **Portos do Brasil**, Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, Rio de Janeiro.

1955-70 — **Estatística Portuária**, Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, Rio de Janeiro.

I.B.G.E.

1910-70 — **Recenseamentos Gerais do Brasil** de 1910, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

1970-73 — **Anuários Estatísticos**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

S. A. DO ESTADO DE SÃO PAULO

1936 — **Recenseamento Demográfico Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo**, Secretaria da Agricultura, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo.

SEPLAN

1974 — **Conheça seu Município** (Região do Litoral), Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo, Vol. II, São Paulo.

MAPAS E CARTAS: BASES E REFERÊNCIAS

D.E.E.R.

1972 — **Mapa Rodoviário**, Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo, São Paulo.

F.A.U.

1960 — **São Sebastião, Ilhabela, Ubatuba** (Plano Diretor), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da U.S.P., São Paulo.

HIDRAULICA, LABORATÓRIO DE

1965 — **São Sebastião** (Material de Fundo. Distribuição Granulométrica), Laboratório de Hidráulica da Escola Politécnica da U.S.P., São Paulo.

1966 — **Missão Hodrigráfica de São Sebastião** (Levantamento Batimétrico), Laboratório de Hidráulica da Escola Politécnica da U.S.P., São Paulo.

I.B.G.E.

1972 — **Dados Preliminares Gerais do Censo Agropecuário** (Região Sudeste), Mapas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

I.G.G.

1959-63 — **São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba, Ubatuba**, Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo, São Paulo, 1962, 1959, 1963 e 1962.

MARINHA DO BRASIL

1937 — **Canal de São Sebastião**, Marinha do Brasil, Rio de Janeiro.

1964 — **Secções do Canal de São Sebastião**, Marinha do Brasil, Rio de Janeiro.

MOTTET, CASIMIRO

1892 — **Comarcas de São Sebastião e Villa-Bella** (Planta das Costas e do Canal Marítimo), Fotocópia.

ROUSSIM, B.

1819 — **The Channel and Anchorage of the Island of São Sebastião**, Fotocópia.

Digitalizado com CamScanner

JORNAIS PESQUISADOS

Folha da Baixada — 1969-1970
Folha da Manhã — 1956-1960
Folha de S. Paulo — 1961-1974
Jornal da Tarde — 1969-1974
O Estado de S. Paulo — 1967-1974

Obs. — Nas citações observou-se o critério de indicar a página no decorer da exposição; quando esta não está indicada a referência é ao texto completo. Ver também a indicação bibliográfica.

— Foi mantida nas citações a ortografia original; nos textos do autor a ortografia está atualizada.

Digitalizado com CamScanner

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA

LABORATÓRIO E SETORES

Laboratório de Aerofotogeografia
Professora Dr.ª Olga Cruz (chefe), Dr.ª Elsinoe Elisa Ract de Almeida e Iraci Gomes Palheta.

Laboratório de Climatologia
Professor Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (chefe), Dr. Augusto Vairo Titarelli, Dr. José Bueno Conti e Dr. José Roberto Tarifa.

Laboratório de Cartografia
Professor Dr. Mário De Biasi (chefe interino), Dr.ª Maria Elena Ramos da Silva e Neveo João Bello.

Laboratório de Geografia Humana
Professor Dr. Pasquale Petrone (chefe), Claudete B. Junqueira (geógrafo) e Ana Maria C. M. Marangoni (geógrafo).

Laboratório de Geografia Econômica
Professor Dr. Manoel Seabra (chefe), Dr. Armando Corrêa da Silva e Silvana Maria Pintaudi (aux.).

Laboratório de Geomorfologia
Professor Dr. Adilson Avansi de Abreu (chefe) e Dr.ª Lylian Coltrinari.

Laboratório de Sedimentologia e Pedologia
Professor Dr. José Pereira de Queiroz Neto (chefe), Paulo Nakashima, Selma Simões de Castro, Rosely P. Dias Ferreira (aux.) e Suria Abucarma (aux.).

Posto de Meteorologia IGEOG-USP
Dr. Reynaldo de Paula Júnior (chefe), Dr. Moacyr Carvalho de Aquino (vice-chefe) e José Gonçalves de Souza (vigia).

Arquivo de Fotografias Aéreas
Professor Dr. Aziz Nacib Ab'Sáber (chefe) e Cassimiro Ribeiro da Rocha (Func.).

Sala Ambiente de Geografia
Encarregados: Nelson da Senna Marques, Maria Aparecida Américo, Zuleika Cavalcante de Albuquerque e Cassimiro Ribeiro da Rocha (Func.).

Laboratório de Desenho
Professor Dr. Mário De Biasi (chefe), Neveo João Bello e Hélio Rodrigues (des.).

Secretaria Administrativa
Reginaldo Ribeiro da Silva e Maria Aparecida Américo.

Setor de Publicações
Professor Dr. Aziz Nacib Ab'Sáber e Maria Aparecida Américo.

Setor Operacional

José Luiz dos Santos, Marina Alves, Laurentino de Souza Ramos Neto, Benedito José da Silveira, Maria Aparecida Américo, Nelson da Senna Marques, Maria Amorim Santos, Reginaldo Ribeiro da Silva, José Gonçalves de Souza, Zuleika Cavalcante de Albuquerque e Henrique Jaime Caixeta.

CIDADE UNIVERSITÁRIA — EDIFÍCIO GEOGRAFIA E HISTÓRIA
CAIXA POSTAL N.º 20175 05508 — SÃO PAULO (BRASIL)

Digitalizado com CamScanner

CUPEGEL Imprimiu - Rua Amaral Gurgel, 469
Fone 34-7212 - São Paulo